

# **ANEXOS**

# **ANEXO I**

## **(Guião de entrevista)**

## GUIÃO DE ENTREVISTA

### **0. APRESENTAÇÃO E LEGITIMAÇÃO DA ENTREVISTA**

#### **I. ORIGEM SOCIAL**

- O que faziam os seus pais para ganhar a vida?
- Até que ano os seus pais estudaram?

#### **Representações do passado:**

- Como se recorda da sua infância e adolescência?
- Existiam dificuldades económicas?
- Como era a relação entre os elementos da família?

#### **II. TRAJECTÓRIA DE VIDA ANTES DO RSI**

##### **• Trajectória escolar:**

- Qual foi o ano de escolaridade que atingiu?
- Deixou de frequentar a escola com que idade? Porquê?
- Gostava de estar na escola?

##### **• Trajectória profissional:**

- Com que idade começou a trabalhar;
- Que empregos teve?
- Durante quanto tempo teve esses empregos?
- Alguma vez esteve desempregado? Porquê e por quanto tempo?
- Se nunca trabalhou: porque é que nunca trabalhou?

##### **• Trajectória familiar:**

- Com que idade casou?
- Quantos filhos teve?
- Que memórias tem desses momentos?

- Casos de separação/divórcio: Quais os motivos que levaram à sua separação/divórcio?

### **III. TRAJECTÓRIA DE VIDA ENQUANTO BENEFICIÁRIO DE RSI**

- **O Requerimento:**

- Como soube da existência do RSI?
- Porque resolveu requerer o RSI?
- Quais os problemas/dificuldades pelas quais passava?
- Como se sentiu a requerer o RSI?

- **Relacionamento com os Serviços de Acção Social:**

- Antes de requerer o RSI já tinha solicitado outro apoio do Serviço de Acção Social?
- Quais os motivos que o levaram a procurar o Serviço de Acção Social?
- Com que frequência o fez?
- Os apoios que recebeu foram de encontro às suas necessidades/expectativas?

- **O Programa de Inserção:**

- Assinou o acordo de inserção?
- Como foi o processo de elaboração do programa de inserção?
- Quais as acções do seu programa de inserção? Na altura, que acções propôs?
- Considera importante os beneficiários terem um papel activo na construção do seu programa de inserção?
- Como se sentiu no momento da negociação e assinatura do acordo de inserção?
- As acções acordadas foram cumpridas?
- A sua vida melhorou na sequência da assinatura do acordo de inserção? Em que aspectos?

- **Alterações nas condições de vida por via do RSI:**
  - O que acha que mudou na sua vida com o RSI? (efeitos ao nível da identidade; consumo; saúde; dinâmica familiar; educação/formação profissional; emprego; habitação)
  
- **Visão do RSI:**
  - Que opinião tem sobre o RSI?
  - Como se sentiu enquanto beneficiário?

### **III. TRAJECTÓRIA DE VIDA APÓS A CESSAÇÃO DA PRESTAÇÃO**

- **A cessação:**
  - Porque motivo deixou de receber o RSI?
  - Como se sentiu quando isso aconteceu?
  - Onde foi buscar a sua força para ultrapassar essa situação?
  
- **Estratégias de reorganização de vida:**
  - De que forma reorganizou a sua vida quando deixou de contar com o RSI? (explorar diferentes aspectos)
  - Que estratégias adoptou?
  - Solicitou apoio a familiares/vizinhos?
  - Recebeu outros apoios? De que serviços?
  - Acha importante as pessoas viverem sem apoios do Estado ou da caridade? Acha que isso é possível?
  
- **Trajectória escolar:**
  - Depois da cessação da prestação ingressou em algum curso de formação profissional?
  - Completou mais anos de escolaridade?
  
- **Trajectória profissional:**
  - Que empregos teve?
  - Ficou desempregado? Porquê e por quanto tempo?

- Actualmente o que faz? (condição perante o trabalho e situação na profissão)
  
- **Trajectória familiar:**
  - Que alterações ocorreram na sua família? (casamento; nascimento de filhos; separação/divórcio);
  - O que melhorou na sua família?
  
- **Trajectória residencial:**
  - Que alterações ocorreram ao nível da habitação? (mudança de residência; melhorias ao nível das condições habitacionais);
  
- **Reingresso na medida:**
  - Porque voltou a requerer o RSI?
  - Quais os problemas/dificuldades pelas quais passava?
  - Como se sentiu a requerer novamente o RSI?
  - O RSI continua a ser importante para si? Porquê?
  - Se fosse hoje voltava a requerer o RSI?

#### **IV. PERSPECTIVAS DE FUTURO**

- **Expectativas:**
  - Que sonhos tem para o futuro?
  - O que já fez para alcançar/concretizar os seus sonhos?
  - Como se vê daqui a 5 anos?
  - Considera que a sua vida vai melhorar?

# **ANEXO II**

## **(Caracterização geral dos entrevistados)**

## CARACTERIZAÇÃO GERAL DOS ENTREVISTADOS

	<b>Idade</b>	<b>Estado Civil</b>	<b>Habilitações literárias</b>	<b>Profissão</b>	<b>Requerimento RSI</b>	<b>Cessação RSI</b>	<b>Reingresso na medida</b>
<b>Filipa</b>	25	Casada	7º ano	Operária fabril	Aos 16 anos, por insuficiência de rendimentos	Aos 20 anos por rendimentos superiores – integração mercado de trabalho	Sim (2 requerimentos)
<b>Iva</b>	30	Casada	9º ano	Empregada de limpeza	Aos 21 anos, pelo desejo de frequentar curso de formação	Aos 24 anos por falta a uma convocatória	Não
<b>Fernando</b>	51	Casado	4º ano	Carpinteiro	Aos 39 anos, por insuficiência de rendimentos (desemprego)	Aos 46 anos por rendimentos superiores – bolsa de formação de um filho	Não
<b>José</b>	50	Casado	6º ano	Desempregado	Aos 39 anos, por insuficiência de rendimentos (desemprego)	Aos 46 anos por detenção do titular (tráfico de estupefacientes)	Sim (2 requerimentos)
<b>Lurdes</b>	51	Viúva	5º ano	Empregada de limpeza	Aos 39 anos, por insuficiência de rendimentos (viuvez)	Aos 46 anos por rendimentos superiores – integração no mercado de trabalho	Não
<b>Graça</b>	41	Vive maritalmente	6º ano	Empregada de limpeza	Aos 29 anos, por desemprego do casal	Aos 36 anos por rendimentos superiores – integração no mercado de trabalho	Sim (3 requerimentos)
<b>Mariana</b>	39	Casada	3º ano	Doméstica	Aos 30 anos, por desemprego do casal e existência de problemas habitacionais	Aos 34 anos (desconhecimento do motivo)	Sim (2 requerimentos)
<b>Isabel</b>	29	Separada	4º ano	Empregada de limpeza	Aos 23 anos por insuficiência de rendimentos (desemprego)	Aos 24 anos por não comunicação de alteração de residência	Sim (5 requerimentos)
<b>Alberto</b>	50	Casado	6º ano	Tratador de gado	Aos 40 anos por insuficiência de rendimentos (desemprego esposa)	Aos 46 anos por rendimentos superiores	Não
<b>Verónica</b>	28	Casada	1º ano	Doméstica	Aos 21 por insuficiência de rendimentos	Aos 24 anos por não entrega de documentação	Sim (2 requerimentos)
<b>Maria</b>	43	Casada	6º ano	Doméstica	Aos 32 anos por insuficiência de rendimentos	Aos 38 anos por não entrega de documentação	Sim (2 requerimentos)
<b>Carmélia</b>	64	Viúva	4º ano	Doméstica	Aos 57 anos, por insuficiência de rendimentos (viuvez)	Aos 59 anos por rendimentos superiores – alteração no agregado familiar	Sim (3 requerimentos)

# **ANEXO III**

**(Grelha analítica das entrevistas)**

## GRELHA ANALÍTICA DAS ENTREVISTAS

Temas	Categorias	Sub-Categorias
Trajectória de vida antes do RSI	Origem Social	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Profissão dos pais;</li> <li>• Escolaridade dos pais</li> </ul>
	Representações do passado	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Visão da infância;</li> <li>• Existência de dificuldades económicas;</li> <li>• Relação familiar</li> </ul>
	Trajectória escolar	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Frequência escolar;</li> <li>• Razões da interrupção da escolaridade;</li> <li>• Relação com a escola</li> </ul>
	Trajectória profissional	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Início actividade profissional;</li> <li>• Actividades profissionais exercidas;</li> <li>• Duração das actividades profissionais;</li> <li>• Experiência de desemprego;</li> <li>• Razões da não inserção no mercado de trabalho</li> </ul>
	Trajectória familiar	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Início vida familiar;</li> <li>• Número de filhos;</li> <li>• Representações sobre o casamento e nascimento dos filhos;</li> <li>• Razões da separação/divórcio</li> </ul>

Trajectória de vida enquanto beneficiário do RSI	Requerimento	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conhecimento da medida;</li> <li>• Motivos do requerimento;</li> <li>• Representações sobre o momento do requerimento</li> </ul>
	Relação com o Serviço de Acção Social	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Existência de relação com o Serviço de Acção Social prévia ao RSI;</li> <li>• Motivos e frequência dos pedidos de apoio;</li> <li>• Opinião sobre aos apoios auferidos</li> </ul>
	Acordo de Inserção	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Existência de acordo de inserção;</li> <li>• Processo de elaboração do programa de inserção;</li> <li>• Opinião sobre exigência de activação do beneficiário;</li> <li>• Significado da negociação e assinatura do acordo de inserção;</li> <li>• Cumprimento das acções acordadas;</li> <li>• Opinião sobre a importância das acções do acordo de inserção</li> </ul>

	Impactes do RSI	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Identidade;</li> <li>• Consumo;</li> <li>• Saúde;</li> <li>• Dinâmica familiar;</li> <li>• Educação/formação profissional;</li> <li>• Emprego;</li> <li>• Habitação;</li> </ul>
	Visão do RSI	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Opinião sobre o RSI;</li> <li>• Sentimentos associados à condição de assistido;</li> <li>• Opinião sobre o acompanhamento técnico/papel do assistente social;</li> </ul>
Trajectória de vida após a cessação da prestação	Cessação da prestação	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Motivo da cessação;</li> <li>• Sentimentos associados;</li> <li>• Fontes de resili�ncia;</li> <li>• Estratégias de reorganização de vida;</li> <li>• Recurso á rede familiar e de vizinhança;</li> <li>• Recurso a outros serviç�os;</li> <li>• Opinião sobre a autonomia dos indivíduos face aos apoios sociais;</li> </ul>
	Trajectória escolar	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Frequ�ncia de cursos de formação profissional</li> <li>• Melhoria das</li> </ul>

		habilitações literárias;
	Trajectória profissional	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Actividades profissionais exercidas;</li> <li>• Experiência de desemprego;</li> <li>• Condição actual perante o trabalho e situação na profissão;</li> </ul>
	Trajectória residencial	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Mudança de residência;</li> <li>• Melhorias ao nível das condições habitacionais;</li> </ul>
	Reingresso na medida	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Motivos do reingresso na medida;</li> <li>• Sentimentos associados ao reingresso na medida;</li> <li>• Importância atribuída ao RSI;</li> </ul>
Perspectivas de futuro	Expectativas	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Sonhos/projectos;</li> <li>• Visão sobre o futuro.</li> </ul>

# **ANEXO IV**

## **(Transcrição das entrevistas)**

## **E1 - Filipa**

*Vamos começar por falar um pouco da sua infância e adolescência. O que faziam os seus pais para ganhar a vida?*

Os meus pais trabalhavam na piscina da Lagoa em limpeza. Ganhavam mais ou menos, mas lutavam pela vida.

*E até que ano os seus pais estudaram?*

Até ao 4º ano.

*Como é que a Sr.ª se recorda da sua infância e adolescência?*

Os momentos que me lembro, eu estava na escola, tinha as minhas amigas, curtíamos a vida de jovem, brincava. Se estou triste, lembro o passado e fico melhor.

Estava na escola, namorei, depois passei para o 8º ano e já não continuei, porque estava para ter a minha filha. Tive-a com 16 anos. Depois deixei a escola, abandonei a casa dos meus pais, quando soube que estava para ser mãe. Fui para a casa da minha sogra, onde vivi 6 anos. A minha filha hoje já tem 9 anos, tenho a outra que vai fazer 7 anos e um bebé com 14 meses.

*Mas durante a sua infância, recorda-se de passarem por dificuldades económicas?*

Passamos um bocadinho. O meu pai fazia horas, a minha mãe era costureira em casa...

*E como era a relação entre vocês?*

A gente dava-se bem. Mas quando comecei a namorar o meu irmão mais velho implicava muito, mas era para o meu bem, eu só tinha 14 anos. Às vezes o meu irmão quase que me batia, dizia “eu vi-te a dar um beijo”, com ciúmes e dizia que ia contar aos pais. Às vezes era uma desunião entre irmãos por causa dessas arengas, por causa do meu namoro.

*Então, deixou de frequentar a escola com 14 anos...*

Saí com 15 anos, porque estava para ter a minha filha.

*Gostava de estar na escola?*

Gostava, com as minhas colegas e tudo. Até no serviço disseram para termos um curso à noite, uma hora, porque nunca sabemos quando o trabalho pode ir à falência, pode não haver peixe e aí não temos a matéria-prima para trabalhar. Ainda hoje em dia se vejo as minhas colegas a gente fala e relembra os tempos de escola, rir e brincar. É bom recordar os tempos de escola.

*Com que idade começou a trabalhar?*

Com 21 anos.

*E que empregos teve?*

Estive 3 meses no Liberal Creador, no supermercado dos aperitivos. Não deu muito certo porque o ordenado não era muito compensado. Depois trabalhei na Norlimpa mais 3 meses, outro serviço que não compensava. Pagava à ama 100€ Depois estive uns tempos parada, recebia o rendimento, mas nem chegou a um ano que eu recebi. Entretanto fui para a Cofaco, em 2004 e a vida ficou a melhorar. Nesse ano que entrei fiquei logo efectiva. Fiquei muito contente porque podia comprar casa, ter a minha casa própria, mas até hoje ainda não tenho, mas tudo se há-de resolver.

Quando comecei na Cofaco fui cortada no rendimento. Até hoje a vida tem melhorado um bocadinho. Tenho a casa de renda, mas já tentei comprar uma casa de 10000 contos, já que estava efectiva, mas era preciso uma fiança e lá ficou assim, perdemos essa oportunidade. Vimos outra casa por 5000 contos, mas depois o dono da casa encontrou outro casal que ofereceu mais dinheiro e lá perdemos essa hipótese.

Já estou inscrita na Secretaria há uns 11 anos, para ter uma casa, mas ainda não tive qualquer resposta. O ano passado deram apartamentos na Ribeirinha mas eu fui renegada. Até convidei pessoas da Câmara para virem ver a minha casa de renda, mas nunca vieram. Dois meses depois do meu filho nascer fui à Câmara, até me disseram “vêm à câmara com os bebés, para ver se têm uma casa mais depressa”, mas não era isso. Não tinha ninguém com quem deixar o meu filho. Mas ia lá sempre, aproveitando que estava de maternidade.

Tiveram para nos dar um terreno, mas era muito longe, era no Porto Formoso mas eu não tinha carta de condução, só agora há 2 anos que tenho.

Mas essa casa de renda tinha cheiro a esgoto, problemas com a fossa. Era uma casinha muito pequenina, um T1, com 3 filhos. Mas estou há um mês nesta casa de renda e é muito melhor. Tem mais higiene e boas condições.

*Falando agora um pouco no seu percurso....A Sr.ª com que idade casou?*

Casei com 16 anos.

*E teve três filhos...*

Sim, tive três filhos.

*E que memórias guarda desses momentos?*

É uma boa recordação. De vez em quando vejo as fotos da maternidade. Mesmo de quando namorava com o meu marido, da família...são boas recordações que tenho.

*Falando agora na altura em que a Sr.ª fez os papéis para o RSI...como soube da existência do RSI?*

Diziam que era uma ajuda, que ajudava à vida. Quando eu morava em casa da minha sogra o meu marido ganhava 30 e tal contos por semana...não dava bem. Por isso eu meti-me a fazer os papéis do rendimento, vi que era bom. A minha sogra disse que era bom eu fazer, que ia nascer mais um e era uma ajudinha.

*Então que problemas a Sr.ª tinha na altura para que fizesse os papéis para o RSI, que dificuldades sentia?*

De repente para pagar a luz, as compras do mês...se a gente via que não dava já cortávamos nas compras...não era duas, três quantidades era uma só de cada coisa.

*Como se sentiu quando requereu o RSI?*

Eu senti-me...depois comecei a comprar as minhas coisas no Benjamim, electrodomésticos, certas coisas que eu não tinha passei a comprar. Como fizemos outra cozinha, ainda em casa da minha sogra, pegamos a comprar outras coisas. Recebia por mês o rendimento e pagava a minha prestação da dívida e recompensava muito.

*Mas como se sentiu quando fez os papeis para o rendimento? Sentiu-me bem, ou sentiu alguma vergonha?*

O meu marido é que teve mais, mas eu não pensava assim. Ele dizia “vão dizer que são dinheiros dados, que estamos a viver às custas do rendimento. Tu vais é procurar trabalho”. Quando fui aceite o meu marido disse “agora vão dizer que a tua roupa é do rendimento” e eu não era de luxos, até hoje não sou. Penso no que tenho para pagar e aquela preocupação com os meus filhos. Primeiro são eles. Não quero que nada lhes falte, que nada os prejudique e também ao meu marido, que ele não tem culpa de me ter.

*Mas antes de receber o RSI, já alguma vez tinha ido ao Serviço de Acção Social pedir algum apoio?*

Não, foi o rendimento mesmo. Fiz agora outra vez, há duas semanas, para ajudar na renda. Teve que ser...estou nesta casa e a gente vê que falta sempre alguma coisa.

*Durante quanto tempo a Sr.<sup>a</sup> recebeu o rendimento?*

Não chegou a um ano.

*E durante esse período recorda-se de ter assinado o acordo de inserção?*

Agora não sei a certeza...Eu assinei algum papel, sei que li alguma coisa...

*Mas não se recorda muito bem...*

Não, não. Ainda uma pessoa agora está a trabalhar, ainda menos pensa no rendimento e já lá vão 4 anos.

*Pensando nas mudanças que o rendimento trouxe na sua vida...Há pouco a Sr.<sup>a</sup> falava-me das coisas que tinha comprado...*

O frigorífico, a máquina de lavar, o microondas. Depois comecei a trabalhar e cortaram-me, mas não quer dizer que eu subi mais alto, desci para baixo. Estou nesta casa de renda, pago 250€ o meu marido a ganhar mais ou menos 30 contos por semana...

*E enquanto pessoa, o que acha que mudou com o rendimento?*

Sentia-me bem por poder comprar as coisas para os meus filhos. Poder comprar toda a alimentação, os cereais próprios, as mochilas que eles queriam para a escola, o manual, coisas para ela escrever, para vestir.

*Ao nível da relação com o seu marido...alguma coisa mudou?*

Não... ele dizia “parece que estás a ganhar dinheiro dado para ficares em liberdade! Para te vestires, para saíres”. Ele sempre sabia que eu recebia, mas quando cortou não ficou muito contente...

*Mas ele gostava que a Sr.ª recebesse o rendimento?*

O gostar, gostava, por um lado, porque era para ajudar mais à renda. O outro lado era para as pessoas não pensarem que a gente comia às custas do rendimento, porque ele não se sente bem.

*Que opinião a Sr.ª tem sobre o RSI?*

Ajuda um bocadinho à vida, por exemplo, para quem ganha o ordenado mínimo. Ajudava-me na renda e nos pagamentos da casa, água, luz, gás. Se eu tinha um dinheirinho extra, sempre ajudava nos medicamentos, que o meu pequeno é dado a bronquiolite. Máquina de vapores é que eu não tenho... não tenho facilidade em comprar.

*E na altura que a Sr.ª deixou de contar com o rendimento... como se sentiu?*

Eu já me conhecia a mim própria e dizia nada como estar a trabalhar e receber o nosso ordenado. Gosto mesmo de trabalhar para aliviar o stress, para distrair e conhecer novas pessoas, por isso senti-me bem.

*E de que forma reorganizou a sua vida?*

Fui trabalhando e continuando a pagar as minhas coisas, mas depois meti-me na dívida do cartão de um banco particular. As coisas estão complicadas, já ligaram para o meu serviço para falarem comigo... fico cheia de nervos e já não consigo trabalhar bem o resto do dia

*A Sr.ª começou a trabalhar, mas para fazer face ao facto de deixar de contar com o RSI recorreu a esse banco...*

Sim, para fazer face às despesas e para me desenrascar.

*Mas nunca pediu apoio à família ou aos vizinhos?*

Não, nunca pedi apoio.

*E de outros serviços?*

Também não.

*Acha importante as pessoas viverem sem estes apoios?*

As pessoas viverem por sua conta... às vezes ajuda, mas está na pessoa, querer trabalhar e ver o seu lucro. Pobre da pessoa não querer trabalhar e vai atrás do rendimento. Por exemplo no meu caso... eu também gostava de estar em casa a cuidar dos meus filhos mas não posso. Conheço uma mulher que trabalhou só duas semanas na Cofaco. Não gostava do cheiro a peixe... e recebe o rendimento. A quem tem aquela coisa de vida, não dão o rendimento. As pessoas que não querem trabalhar e deixam os filhos têm ajuda.

*Depois de ter sido cancelada a prestação do rendimento, a Sr.<sup>a</sup> voltou a estudar, ou tirou algum curso?*

Não. Estive sempre a trabalhar na Cofaco.

*Pensando no futuro...que sonhos tem?*

Ter a minha casa própria, que os meus filhos tenham muita inteligência e muita saúde e que tudo corra bem até lá.

*E o que pode fazer para concretizar esses sonhos?*

Neste momento estou a trabalhar e estou a pensar fazer um esforço de poupar, ou melhor, já começamos! Temos um mealheiro e já tem sessenta e tal euros, mas tudo em pretinhos. Um dia mais tarde vamos encher...é um garrafão de 5 litros. Vamos acabar de encher e mais tarde abrir uma conta para cada um para terem um futuro mais tarde.

*E como se vê daqui a 5 anos?*

Nosso Senhor que me dê até lá saúde para nós, que corra tudo bem no trabalho, porque até hoje tem sido um bocadinho complicado porque o patrão sempre aperta connosco. Sempre optimista, sempre em frente. A gente quer que corra tudo bem até lá, com casa própria.

*Acha que a sua vida vai melhorar?*

Espero que sim. A esperança é a última a morrer. Espero subir mais do que aquilo que já subi.

*Onde vai buscar a sua força?*

Eu rezo, peço muita força e que Nosso Senhor me dê muita luz no meu caminho e que corra tudo bem na minha vida, no meu lar. Eu faço uma oração antes de dormir, com muita fé, fecho os olhos. Não falha uma vez só.

*E daqui a 5 anos...acha que vai estar a receber o RSI?*

Da maneira como as coisas estão...Eu estou a trabalhar, mas as coisas estão difíceis, mas espero que vão melhorando. Estou sempre optimista que vou conseguir, com a luz de Nosso Senhor. Sinto de dia para dia que tudo o que eu faço dá certo.

## **E2 - Iva**

*Sr.<sup>a</sup> Iva vamos começar por falar um pouco da sua infância e adolescência. O que faziam os seus pais para ganhar a vida?*

O meu pai esteve embarcado quase 20 anos, nas fábricas e a minha mãe era doméstica. A minha infância, por acaso, foi boa. O único senão que tive é que não conheci o meu pai, só o conheci aos 5 anos e depois só aos 15 é que estive com ele.

*Quantos filhos eram?*

Comigo, cinco. Quatro raparigas e um rapaz.

*E qual o ano da escola que os seus pais concluíram?*

A minha mãe a 4ª classe, o meu pai nem a segunda teve, mas sabe ler e escrever, graças a Deus.

*Mas lembra-se de existirem dificuldades económicas?*

Não, graças a Deus não. O meu pai sempre nos mandou o sustento e a gente sempre teve tudo.

*E davam-se bem? Eram uma família unida?*

Sim, até à parte de conhecer o meu pai. Não me dava muito bem com ele. Havia sempre uns conflitozinhos. Entretanto foi por isso que saí da escola. Aos 17 anos saí da escola, por causa do tabaco, porque ele descobriu que eu fumava e pronto, vim para casa. Levei a minha adolescência assim, mais ou menos, por causa do meu pai mas depois resolvi e saí de casa.

*Saiu da escola com 17 anos...que ano concluiu?*

Fiquei com o 7º incompleto.

*Mas gostava de estar na escola?*

Gostava. Era brincalhona, mas era boa aluna.

*Com que idade começou a trabalhar?*

A primeira vez que trabalhei foi fora daqui, no Canadá.

*Mas como foi o seu percurso a partir do momento que saiu da escola?*

Quando saí da escola fiquei em casa, ajudava o meu pai no quintal, na horta, em casa a ajudar a mãe, essas coisas assim.

*Durante quanto tempo esteve em casa, até ir para o Canadá?*

Até aos 19 e depois fui para o Canadá. No princípio era só nas férias, mas depois fui gostando, comecei a trabalhar, fiquei lá um bocado de tempo e depois regresssei para cá.

*Que trabalhos teve no Canadá?*

Trabalhei numa empresa de limpeza durante três meses, depois fui também para uma fábrica de costura e estive nos dois durante um ano.

*Entretanto regressa...*

Regresso e foi nessa altura que queria tirar o curso, mas não podia ir porque tinha de estar abrangida pelo rendimento mínimo.

*Qual era o curso que queria tirar?*

Não me recordo muito bem o nome, mas era de estufas.

*Era um curso do projecto Sementes de Mudança, mas era apenas para beneficiários de RSI...*

Sim. Mas isso foi antes de ir para fora. Entretanto estive lá fora e por causa de uns problemas de saúde tive de regressar e foi aí que disseram à minha mãe que tinha de ir à Sr.<sup>a</sup> para fazer os papéis. Foi nessa altura que o dinheiro me deu muito, muito jeito.

*É, então quando regressa do Canadá que resolve fazer o RSI...*

Eu já tinha feito o pedido antes, mas como fui para o Canadá ficou em banho maria. Depois quando cheguei fui lá para reabrir o processo e expliquei que estava com problemas de saúde. Na altura recebia 25 contos. Ajudei os meus pais naquilo que podia. Praticamente entreguei o dinheiro todo para a mão deles e, na altura, o dinheiro servia mesmo para os problemas de saúde.

*Que problemas de saúde tinha?*

Entrei em menopausa precoce aos 17 anos e depois quando regresssei tive de ir a um ginecologista, teve de ser tudo pago, por isso o dinheiro deu-me mesmo muito jeito. Também chegaram a ajudar-me na medicação, umas receitas que tive, porque tive de fazer logo e já um tratamento, um pouco bruto, para ver se conseguia alguma coisa, mas infelizmente não.

*Bem, então a Ivone regressa do Canadá e reabre o processo...mas antes disso, como soube da existência do RSI?*

É assim, através das pessoas, também na altura frequentava a associação Crescer em Confiança, estava num curso de corte e costura, e duas colegas recebiam o rendimento mínimo.

*Quando requer, antes de ir para o Canadá, fá-lo porque quer frequentar esse curso, mas o que a leva a reabrir o processo?*

O meu pai tinha os seus trocos, mas com os problemas que eu tinha, eu sabia que tinha de ser tratada. Na altura eu disse lá à Sr.<sup>a</sup> que precisava mais do dinheiro era para medicações, médicos. Ela disse tudo bem, um dia que já não precisas, que esteja tudo bem, avisas a gente. Entretanto entrei para o curso de empregada administrativa, fiquei só com 25€ porque recebia a bolsa da escola. Deixei de receber porque faltei a uma reunião, despercebi-me, mas também não me fez efeito porque estava a estudar ainda e isso sempre me ia ajudando.

*Como se sentiu ao pedir este apoio?*

A gente sente-se sempre um bocadinho constrangidas, não é? Se eu tivesse um pai 100%, eu não recorria a isso, mas sei que o meu pai de vez em quando pregava na cara, a dizer que eu estava sempre doente e eu estava naquela de querer ser mais independente e não estar tão dependente dele. Pensei “vou arriscar, se não conseguir, paciência”.

*E foi a primeira vez que pediu apoio ao Serviço de Acção Social, ou antes já tinha pedido?*

Não, não, foi a primeira vez.

*E lembra-se, enquanto recebeu o RSI, de assinar o acordo de inserção? É uma espécie de contrato que as pessoas que recebem o rendimento assinam...*

Eu acho que sim, mas a certeza também não tenho. Não sei, acho que não assinei nada.

*E o que acha que mudou na sua vida por receber o RSI?*

Mudou bastante! Comecei a ser ainda mais independente daquilo que já era, comecei a dar mais valor ao dinheiro em si porque também já tinha trabalhado. Naquela altura o dinheiro foi muito bem-vindo. Não sei, comecei a dar mais valor às coisas, já não pegava no dinheiro e gastava à toa. Dei muito valor àquele dinheiro.

*E enquanto pessoa, acha que mudou alguma coisa?*

A principio as pessoas diziam “ahh, o dinheiro é para a comida, para vestir” e eu dizia “não, o dinheiro é para isso, para medicações e só se crescer é que eu invisto em mim” Se não precisasse não requeria outra vez.

*Então o rendimento teve grande influência na sua situação de saúde...*

Sim, para estar a pagar o ginecologista e isso. Mas cheguei a ir ter com a Sr.<sup>a</sup> e dizer que já não precisava de tanto dinheiro, porque o meu médico me tinha passado para as consultas externas, por isso esse dinheiro já dava para ajudar outra pessoa. Mas ela disse “não, por enquanto continuas a receber o mesmo dinheiro que estás a receber, só mais para a frente, quando começares a sentir-te melhor, então aí a gente corta mais um bocado”

*Através do rendimento foi integrada em cursos de formação...o corte e costura e de empregada administrativa...*

Não, não, eu mesma de mim é que quis tirar esses cursos. Tirei o de empregada administrativa porque queria completar o 9º ano.

*E que opinião tem sobre o RSI?*

Tudo tem um lado bom e um lado negativo. Há pessoas que sabem pegar no dinheiro e aplicá-lo bem, mas infelizmente existem pessoas que não sabem fazê-lo bem. Infelizmente a gente desconta para isso, mas pronto, tem de ser.

*E como é que se sentiu enquanto beneficiária?*

Eu sentia-me mal, porque podia estar a tirar o dinheiro de outras pessoas porque, sinceramente, há pessoas com mais necessidade ainda mas, por outro lado, sentia-me protegida porque havia alguém que me desse a mão.

*Contava com o apoio dos seus pais mas o rendimento era um reforço...*

Sim, era o reforço que precisava na altura. Felizmente consegui.

*Há pouco disse-me que tinha deixado de contar com o RSI por faltar a uma reunião e que, altura, não ficou muito preocupada...*

Porque tinha a bolsa da escola.

*Não foi, então, um momento muito negativo...*

Não, já tinha avisado lá que estava no curso, por isso achava que era altura de... mas a Sr.<sup>a</sup> disse que continuava a receber não sei por mais quanto tempo os 25€ Não foi que me tirassem e eu ficasse sem o chão para andar...

*De que forma é que, então, reorganizou a sua vida?*

Tirei o meu curso e aí já era mais independente. Estive dois anos na Associação Crescer em Confiança. Aí fazia costura, o dinheiro era nosso e já o conseguia manejar bem.

*Tentou arranjar sempre formas de se organizar...*

Sempre, sempre.

*E recorreu a vizinhos, outros familiares ou outros serviços, que não o Serviço de Acção Social?*

Não, não. Resolvi-me sempre sozinha.

*Acha importante as pessoas viverem sem este tipo de apoios?*

Acho que é importante porque também é uma maneira da pessoa dar valor às coisas. Se a pessoa não tem meios de se desenrascar, aquilo é bom mas também não presta ficar dependente daquilo, um dia acaba e...bye bye. A gente sabe que chega ao dia e aquele dinheiro está ali, mas se a pessoa começar a procurar trabalho ou alguma maneira de resolver a vida, a pessoa já diz “não, eu sei que tenho aquilo para pagar, eu tenho que me esforçar para aquilo”. O dinheiro fácil nem toda a vida...

*E depois de ter sido cancelada, que empregos é que teve?*

Depois do curso fiquei em casa uns dois anos, só a trabalhar da costura, depois estive no Modelo durante seis meses, depois tive direito ao fundo de desemprego, fiquei em casa só quatro meses, através do fundo de desemprego estive no Lar da Mãe de Deus, quase dois anos, mas por causa de uns problemas com uma miúda tive de rescindir o meu contrato, infelizmente, mas pronto, é uma coisa que já passou. Fiquei em casa mais três meses, penso eu, e entretanto estou numa empresa de limpeza, a Iberlim, a trabalhar no aeroporto, a limpar os aviões.

*Sente-se satisfeita com esse trabalho?*

Sim eu gosto. Gosto de estar sempre em contacto com pessoas, em me dar bem e trabalhar.

*Está a contrato?*

Em princípio estou até Agosto, mas estou confiante que depois é para assinar mais um contrato

*A nível escolar completou o seu 9º ano... foi essa a grande alteração!*

Sim

*E ao nível familiar? Casou, teve filhos?*

Casei, mas infelizmente não posso ter filhos. Fiz ontem dois anos de casada e dou-me excelentemente com o meu marido que, primeiro do que tudo, é meu amigo, que é o mais importante. Dou-me bem com a minha família toda, só com o meu pai é que...

*Também mudou de casa...*

Sim, agora vivo nas Calhetas.

*Esta casa é sua?*

Sim, comprei e casa e estou a pagar ao banco.

*E o seu marido o que faz?*

Neste momento ele trabalha numa empresa de alumínios, faz distribuição de alumínios.

*Pensando agora no futuro... que sonhos é que tem?*

Um dos meus grandes sonhos, que queremos ver se é para o ano, é a adopção de uma criança.

*E como é que se vê daqui a cinco anos?*

Quero ver-me ainda melhor do que aquilo que estou! Igual, ou melhor. Neste momento eu estou bem, mas se conseguir melhor, melhor.

*Acha que a sua vida vai melhorar?*

Eu estou a fazer por isso!

*E o que é que tem feito para isso?*

Antes de tudo sonhar, que faz bem. Mas pronto, a nível financeiro no final do mês, se resta alguma coisa, põe-se de lado, sei lá, eu faço o melhor para que a vida seja melhor ainda.

*Olhando para trás, se fosse hoje voltava a requerer o RSI?*

Depende das condições. Se fosse a passar pelo mesmo, voltava a fazer os papéis.

*Foi importante na sua vida?*

Devo muito a ele. Se não tivesse aquele dinheiro podia-me ter atrasado mais as coisas, não era tão bem atendida, porque se fosse através das consultas externas era muito mais complicado.

*Foi um grande reforço ao nível da saúde...*

Principalmente.

### **E3 - Fernando**

*Sr. Fernando, vamos começar por falar um pouco da sua infância e adolescência. O que faziam os seus pais para ganhar a vida?*

Era só o meu pai que trabalhava. Ele era carpinteiro.

*A sua mãe era doméstica...*

A minha mãe era doméstica.

*Que ano da escola eles tinham?*

Eles não tinham escola. Não sabiam ler e escrever.

*Como é que se recorda da sua infância e adolescência?*

Recordo-me que éramos muito pobrinhos. Muita coisa não havia, os ganhos também eram poucos. Íamos vivendo, à medida que ia aparecendo.

*E quantos filhos eram?*

8.

*Foi então uma infância marcada por dificuldades...mas havia uma boa relação entre vocês?*

Sempre nos demos uns com os outros.

*Qual foi o ano da escola que fez?*

A 4ª classe.

*Com que idade deixou de frequentar a escola?*

Com 11 anos.

*Porque deixou a escola?*

Naquele tempo não havia mais.

*Gostava de estar na escola?*

Eu gostava e passei sempre!

*Era bom aluno, então?*

Sabia alguma coisa, claro.

*E com que idade começou a trabalhar?*

Comecei a distribuir gás com 9 anos.

*E que empregos teve?*

A distribuir gás, numa carrinha, ganhava-se 50 centavos por cada garrafa.

*E depois desse emprego, que outros teve?*

Distribui pão até aos 15, 16 anos. A partir daí, comecei a aprender alguma coisinha com o meu pai e o meu irmão mais velho, fui quando comecei na carpintaria.

*Alguma vez esteve desempregado?*

Já estive desempregado... não foi muito tempo, uns nove meses.

*Que idade tinha nessa altura?*

Uns 40 anos.

*Portanto, durante esse período, dos 15/16 anos, até aos 40 anos, esteve sempre a trabalhar na área da carpintaria...*

Sim, também estive na câmara 4 anos e meio como carpinteiro. Até esperava ter tido uma oportunidade para ficar, mas não me deram essa oportunidade porque pegaram noutros. Era para me porem no quadro, mas não me meterem... quem não tem sorte, que não puxe por ela.

*O Sr. estava a contrato?*

Estava pelos programas que havia antes. Depois quando fui para o fundo de desemprego, meteram-me na escola secundária, a pôr as balizas, as redes de volei. Estive ali um ano e meio. Depois acabou também os contratos, não me deram mais oportunidades e comecei a fazer uns servicinhos aqui e ali. Nem sempre se trabalha, nem todos os meses, é um pouco complicado.

*E porque não se trabalha todos os meses? É difícil para si encontrar trabalho?*

É difícil, mais a mais para a minha idade. É muito mais difícil eles me pegarem para companhias.

*Falando agora da família...com que idade casou?*

23.

*E quantos filhos teve?*

3.

*Que memórias tem desses momentos, do seu casamento, do nascimento dos seus filhos?*

Com o tempo já vou ficando esquecido...já não me recordo bem. Recordo-me da nossa casa, da nossa vivência e mais nada.

*Falando na altura em que fez os papéis para o RSI...como soube da existência deste apoio?*

A minha mulher é que sabe certo, certo. Ela é que andou por isso.

*Mas o processo ficou no seu nome...*

Sim, depois eu tive de ir assinar.

*E porque é que o processo ficou em seu nome?*

Geralmente os maridos são os cabeças de lista não é?

*Sim, eram os "chefes de família" ...E porque requereram o RSI?*

Porque a gente não tinha nada. Foi uma altura difícil. Não havia trabalhos...

*O Sr. não estava a trabalhar?*

Durante muito tempo não estava a trabalhar e a minha esposa também estava em casa. O meu João Paulo começou a trabalhar, mas era para si. As minhas filhas a estudarem. Essa está a ganhar uns troquinhos, mas o que ganha e para ela, também comprou um carrinho e está a pagá-lo.

*E a sua esposa, na altura, porque é que nunca trabalhou?*

A minha esposa trabalhou há coisa de uns 15 anos, ou 20, numa fábrica de costura na Ribeira Seca, só que acabou e pronto. A partir daí nunca mais trabalhou.

*Mas ela tentou procurar, ou optou por não o fazer?*

Tentou, mas não havia. Nem todos têm a mesma sorte.

*Como é que o Sr. se sentiu ao requerer o RSI?*

Senti-me normal. Se a gente precisa...

*Como estava a passar por algumas dificuldades achou normal pedir o rendimento...*

Exactamente. A gente tem de aproveitar. Se não pudessem dar, paciência, a gente havia de se amañhar.

*E antes de pedir o RSI, já alguma vez tinha ido ao Serviço de Acção Social pedir outro tipo de apoio?*

Não. O rendimento mínimo foi a primeira vez.

*Na altura que recebeu o rendimento, recorda-se de ter assinado o acordo de inserção?*

*É uma espécie de contrato que se faz com os beneficiários...*

Não Sr.<sup>a</sup>.

Hum...tinha de ir trabalhar, se fosse caso disso [esposa]

Pois, assinar eu assinei, mas já não sei o que era.

*Durante quanto tempo recebeu o RSI?*

Não sei bem, mas foram anos, uns 3, 4 anos.

*O que mudou nas vossas vidas com o rendimento?*

Ajudou-nos um bocadinho, mesmo para comer e tudo. Os rapazes eram todos novos, já se sabe que se não fosse aquilo era muito mais complicado. Ao nível da alimentação foi uma grande ajuda.

*E ao nível da educação, da formação, acha que foi um importante contributo? Sei que a sua esposa foi integrada num curso de formação...*

Estive na escola a aprender umas coisas... [esposa]

*Mas a Sr.<sup>a</sup> não completou nenhum ano de escolaridade?*

Não. Tinha lá professoras e enfermeiras...estavam lá a conversar com a gente. Como é que devíamos limpar a casa, essas coisas assim. [esposa]

*Acha que essa formação foi importante para si?*

Claro, sempre é importante. [esposa]

*E que mais o rendimento lhe trouxe?*

Queria que ele trouxesse mais dinheiro, mas não trouxe! (risos)

*Acha que os apoios que recebeu não foram suficientes?*

A gente agradecia se tivessem dado mais uma coisinha, porque a vida está muito complicada, mais a mais desde que entrou o euro.

*Acha que o rendimento teve alguma influência no facto do Sr. arranjar emprego?*

Não me ajudou nesse sentido.

*Mas o Sr. esteve integrado na Câmara Municipal...foi pelo rendimento?*

Não tenho a certeza.

*Então, para si, o grande impacto do rendimento foi o facto de ter proporcionado melhorias ao nível do consumo, ou seja, as coisas que o Sr. agora podia comprar...*

Sim, sobretudo mantimentos e para pagar água, luz, que o meu ordenado era muito pouco. Mesmo quando estive na Câmara, na escola, era sempre pouco dinheiro. Se me tivessem dado uma oportunidade de ficar lá, aí se calhar já estava mais garantido. Mesmo há semanas aí que eu só ganho 80/90€

*O que é insuficiente para fazer face às despesas...*

Claro, claro. Mas pronto, também com o rendimento comprei tijolo para a casa, na cozinha, sempre ajudou.

*Então o rendimento também foi importante para melhorar a sua casa...*

Não foi muito, mas já foi bom.

*Relativamente aos seus filhos, na altura foi proposto que tirassem algum curso de formação profissional, ou, os que eles tiraram foi mesmo escolha deles?*

Foi sempre por sua livre vontade, sempre foram bons alunos.

*Então e que opinião tem sobre o RSI?*

Eu acho bem o rendimento para as pessoas que necessitam. É muito importante.

*E como se sentiu, enquanto beneficiário?*

Bem, mas já se sabe que quando me tiram já foi menos um dedo ou dois.

*Porque motivo a prestação foi cancelada?*

Não sei. Foram reduzindo, reduzindo e depois acabou. O que é que a gente pode fazer?

*Mas nunca tentou saber o motivo?*

Não Sr.<sup>a</sup>. Eles é que sabem, quem manda, manda.

*Como é que se sentiu quando isso aconteceu, quando deixou de receber o rendimento?*

Foi uma grande baixa para a nossa casa.

*Mas sentiu que foi injusto?*

Para mim foi injusto, porque tenho cá para mim que há pessoas que ganham mais do que eu e que recebem o rendimento. Eu também merecia.

*E onde foi buscar a sua força para ultrapassar essa situação?*

Á força que Deus nos deu. Um dia é um dia, dois são dois.

*Mas de que forma reorganizou a sua vida?*

A gente vai-se amanhando da maneira que pode. Quando aparece trabalho, vou trabalhar.

*Nessa altura pediu apoio a familiares, vizinhos ou a outros serviços?*

Não, não.

*Acha importante as pessoas viverem sem os apoios do Estado, como o RSI?*

Há certas pessoas que eu acho importante que se ajude, outras não mereciam, mas pronto, também há quem saiba falar melhor, sabem andar mais com as coisas, mas quem manda, manda.

*Depois do RSI o Sr. ou a sua esposa voltaram a estudar, ou tiraram algum curso de formação?*

Não. Só os meus filhos continuaram a estudar. O meu filho mais velho tem o 12º ano e é polícia, a abaixo tirou um curso de animação de crianças, mas trabalha numa loja porque para aquele curso ainda não apareceu emprego e ela amanhou-se com aquilo que tem ali. A mais nova está num curso de secretariado.

*E ao nível do emprego...depois do RSI, que outros empregos teve?*

Foi sempre trabalhando aqui e ali. Dou dias para um patrão, outros dias para outro, alguns meios-dias, outros três horas, é o que tem. É pena, se dessem um trabalho é que era porreirinho, mas a minha idade já não dá.

*Quanto à sua família, que alterações houve?*

O meu João Paulo já não está aqui. A outra meteu-se na loja, sempre ganha uns troquinhos para si, mas quando a gente não tem ela ajuda.

*E se fosse hoje, voltava a requerer o RSI?*

Já se sabe que voltava, ia pedir na mesma.

*Pensando no futuro...que sonhos tem?*

Já tenho 60 anos...o nosso futuro é ir para lá.

*Já não tem muitos sonhos, daqui para a frente?*

Daqui para a frente não. Vou trabalhando à maneira que vai aparecendo...

*Vai vivendo o dia-a-dia...*

Isso mesmo.

*E como se vê daqui a 5 anos?*

Daqui a 5 anos acho que estou na mesma, ainda.

*Mas acha que a sua vida vai melhorar?*

O importante é que eu não fique doente, de resto tudo se faz.

#### **E4 - José**

*Sr. José vamos começar por falar um pouco da sua infância e adolescência. O que faziam os seus pais para ganhar a vida?*

Fui filho de pai natural. Antigamente chamava-se pai incógnito. Eu tinha dois anos de idade quando a minha mãe teve de me abandonar para poder casar porque, naquele tempo, há 50 anos, era assim. Quem me criou foi uma avó, até eu me casar e eu casei muito novo, por falta de experiência da vida.

*E não teve nenhum contacto com os seus pais?*

Nunca tive contacto com os meus pais. Quer dizer, só conheço o meu pai porque, ele está no Canadá há 40 anos, mas apareceu-me na frente e... somos muito parecidos, daí não haver dúvidas, mas nunca me registou em nome dele.

*E a sua mãe?*

Minha mãe também enveredou por outros caminhos, que eu não podia viver com ela. Eu já tenho oito ou nove anos quando ela aparece e, para mim, era uma estranha.

*Sabe qual o ano da escola que eles tinham?*

Não sei.

*Vivia sozinho com a sua avó?*

Sozinho com ela numa casa que, na altura, era da conferência, ou qualquer coisa assim, de São Vicente Paulo. Eles arranjavam umas casitas para dar às pessoas mais necessitadas e estamos a falar há 35 anos atrás. A dificuldade começa logo à nascença! Não é uma vida fácil...

*A sua avó o que fazia?*

Era doméstica. Tenho uma tia que era freira, madre superiora, no Colégio Infante D. Henrique na Madeira que depois trocou o hábito para ser governanta num hotel em Jersey, Inglaterra, que mandava o sustento para mim e para a minha avó.

*Foi uma infância marcada por dificuldades...*

Fome nunca passamos, mas havia sempre dificuldades. Aquilo era o dia-a-dia como o pão. O pão comprava-se todos os dias, o resto era o dia-a-dia, nunca se faziam compras para o mês. Todos os dias se dia à mercearia.

*E como era a relação com a sua avó?*

Sempre muito boa, foi uma mãe! Posso dizer que, até morrer, foi a pessoa que mais amei no mundo, porque foi quem eu tive. Quando dou razão de mim, mais tarde e actualmente, a gente reconhece que temos família, mulher e filhos, independente daquele outro amor que era o amor de avó.

*Falando um pouco da sua trajectória escolar... Até que ano o Sr. estudou?*

Até ao sexto ano e passei todos os anos. Inteligente por natureza, assim diziam os outros, porque comecei a trabalhar com 12 anos e não fui mais para a escola, mas tirei a 6ª classe. Ganhava 7 escudos e meio por dia.

*E o que é que fazia?*

Ajudante de canalizador.

*Mas gostava de estar na escola?*

Na escola... eu já sabia a mais do que eles...eu devia ir já para a 10ª classe! (risos) Eu andava sempre mais à frente. As pessoas, naquele tempo, não davam razão de si de que tinham de estudar porque era bom. As pessoas queriam era fazer-se homens depressa, para trabalhar e ter uma vida independente e foi esse o meu pensar também, porque aos 14 anos fiz a minha vida sozinho.

*Que empregos, então, é que teve?*

Doze anos... andei por aí fora, com 14 anos já era canalizador profissional e depois fui para a construção civil como pedreiro. Aos 18 anos já tinha pessoal por minha conta, veja lá. Já tinha pessoal por minha conta e quando tive o acidente já tinha 68 homens por minha conta.

*O Sr. foi atropelado por um automóvel, que o deixou paraplégico.*

Era peão numa passadeira e um automóvel...foi o que teve de acontecer.

*E depois o que aconteceu na sua vida, ao nível profissional?*

Depois do acidente, o centro de emprego fez-me um projecto, que foi entregue numa secretaria do Governo, não me recordo agora qual, para poder adquirir uma viatura para poder trabalhar por conta própria e foi adquirida. Na altura, 3500 contos. Foi um camião para prestar serviços à construção civil. Uma vez que a minha vida tinha sido sempre ligada à construção civil, eu não prescindia dessa vida. Eu não estou a ver um relógio à minha frente! Se um pedreiro deixa de ser pedreiro, para ir trabalhar de relojoeiro porque ficou paraplégico, eu não estou a ver... ia partir os relógios todos, não é? Bom, optei ainda por taxista. Comprar o táxi, a praça, mas o Eng. Lima, que ainda está de serviço, disse que não podia ser. Por exemplo, eu vou ao aeroporto. Como é que vou pôr as malas dos passageiros no porta-bagagem? Era impossível. Vou fazer uma volta à ilha com passageiros, rebenta-me o pneu, quem é que me muda o pneu? Os passageiros? Impossível. Então optámos pelo camião. Tive esse camião. Trabalhei até ao ano 2000, mas nesse ano fiz uma operação muito rigorosa e deixei de trabalhar até hoje. E tem sido assim até hoje. Não faço nada, estou cansado de não fazer nada e estou a pensar tirar férias!

*Falando do seu percurso familiar, com que idade casou?*

Casei com 18 anos e a minha ex-mulher, dado que sou casado a segunda vez, foi um casamento obrigado. Naquela altura, quando se mantinha relações sexuais com uma rapariga e que não se casasse com ela ia-se preso dois anos. Eu, com medo de ir preso, ser novo, casei e tinha uma pena suspensa de 5 anos em que não me podia separar dela. Durante esses 5 anos gerou-se 3 filhos, que são os meus filhos mais velhos. Mas acabou os 5 anos, acabou a mulher, acabou tudo! Parti para outra. Tenho esta agora, há mais de 20 anos, e é com quem espero ficar até morrer.

*Ao todo, quantos filhos tem?*

Três da primeira, entretanto conheci uma moça por fora da qual gerou um filho, está registado no meu nome, tenho uma filha com esta minha mulher e tenho um filho adoptivo. No total são cinco legítimos e um adoptivo.

*Como é que foi o processo de ter este filho adoptivo?*

Foi complicado porque durou 6 anos, muita burocracia, muita papelada, que faz com que as coisas se atrasem muito e muitos advogados ladrões, que querem é o dinheiro. Veja lá que me pediram 50 contos pelo boletim de nascimento da criança no meu nome e da minha mulher. Acontece que fui fazer o meu bilhete de identidade e disseram que bastavam 750 escudos pela cédula!

*Falando da altura em que requer o RMG pela primeira vez...como soube da existência deste apoio?*

Se não estou em erro, foi em 1997 ou em 1998. Na altura eu tinha o camião mas havia muito pouco trabalho. Eu trabalhava no Pico da Pedra e o Sr. que trabalhava na Casa do Povo era e é muito meu amigo e ele disse-me “Oh Sr. José, como tem muito pouco trabalho com o camião o Sr. podia fazer um pedido de rendimento mínimo, na altura era assim que se chamava. Eu, sem perceber muito bem da coisa, fiz o pedido. Levou uns meses, 7, 8, 9 meses, não me recorde e ele telefona-me e diz “olha, tu tens aqui dinheiro do rendimento para receberes”. Qual não foi o meu espanto. Na altura, não se podia receber tudo de uma vez porque era muito dinheiro, ele deu-me 180 contos. Fiquei feliz porque estava teso naquela altura. Fui ter ao serviço da minha mulher, ela trabalhava na altura, e fomos fazer umas compras. Bem, mas tinha 9 pessoas a meu cargo e só duas é que trabalhavam, eu e a minha mulher. Eram 4 miúdos, 3 tinham vindo do orfanato, sobrinhos legítimos da minha mulher, a sobrinha que vem do Bom Pastor, que vem a ser a mãe do Alexandre, desse meu filho adoptivo. Ora quatro miúdos, a minha avó faz cinco, dois irmãos meus, um que estava fora da mulher e outro solteiro, tudo a morar na minha casa e tudo a depender de mim e da minha mulher. Então tive o rendimento, com aqueles 180 contos enchemos a casa de compras. Ainda recebemos 180 contos uns meses, por causa dos atrasados, mas eram 20 e tal contos por mês. Ajudou muito, muito, muito.

*E como se sentiu a requerer este apoio?*

Senti-me bem. Já o digo há muitos anos e volto a repetir e até digo às pessoas aí às vezes, há muita pobreza escondida, porque se a pobreza aparecesse, até senhores de gravata! No meu caso, se não é esse dinheiro, eu teria de voltar à vida do crime, como já lá estive uma vez por necessidade, por causa dessas dificuldades.

*O Sr. esteve na vida do crime por passar por dificuldades...*

Exactamente, porque aconteceu-me o que me está a acontecer agora, já há três ou quatro anos para cá. Acontece que o dinheiro que recebo do rendimento de inserção social é muito pouco face aos custos de vida. Ora, é de compreender, àgua, luz, gás, televisão, sim porque se ainda fosse há uns anos atrás, mas hoje em dia qual é a criança que não diz “porque é que não tenho televisão?” e eu numa cadeira de rodas porque é que não tenho televisão?! Como o dinheiro era muito pouco, não chegava para as despesas da casa, nem para a alimentação... falava-se muito em droga, um dito italiano que em 2002 abandonou droga na costa de São Miguel e 1kg dessa droga veio parar-me às mãos. Eu sabia o que era, não sabia era o valor. Quando me começo a aperceber do valor, já tinha acabado de vender a droga, mas quando acabei de a vender a polícia pega-me. Tive proveito, mas se eu vendesse 1000 contos de droga, 900 contos eram para o dono e eu só ficava com 100. Portanto, era um grande risco e tanto é que quando vou preso, não tenho dinheiro! O proveito que tive foi melhorar a situação de casa porque tinha janelas velhas, portas velhas e a burocracia do governo arrasta-se por muito e muito tempo, não é o caso de agora, que as coisas até melhoraram ao nível da habitação. Tive de melhorar algumas coisas na casa, inclusive alguns acessos para a cadeira de rodas, substituir alguns degraus e hoje ninguém quer trabalhar de graça, eu tinha de pagar ao mestre para me fazer aquilo. Foram, então, esses pequenos dinheiros da droga, ficou comprovado em tribunal que fui condenado a 4 anos de prisão por aproveitamento de dinheiro, não por enriquecer.

*E antes de requerer o RSI já tinha ido alguma vez ao Serviço de Acção Social requerer outro tipo de apoio?*

Não, não. Nunca pedi apoio nenhum e se hoje não tenho tido nenhum acidente e estou trabalhando, não precisava do serviço social.

*E durante o seu percurso enquanto beneficiário do RSI recorda-se de ter assinado o acordo de inserção?*

Recordo-me. Já por duas ou três vezes.

*E que acções foram acordadas? Recorda-se?*

Não me recordo bem, mas sei que as coisas têm que se manter na linha.

*Mas sabe que existem dois momentos, o momento da negociação com o assistente social e o momento mais formal da assinatura...*

Sim, sim.

*Na negociação com a assistente social propôs alguma acção ou simplesmente aceitou o que a técnica propôs?*

Eu ouvi o que ela dizia. Foi simplesmente “blablabla” e a gente assinou, porque a assistente não está presente nem nada, até foi noutra edifício.

*Foi com a coordenadora...*

Sim, era uma pessoa que a gente não conhecia. Até penso que a função dela é só essa, o conhecimento daquele contrato e assinar.

*Acha que esse acordo tem algum impacto na sua vida? Acha que ajudou a melhorar a sua vida em algum aspecto?*

Sim, porque se a segurança social, ou as assistentes sociais têm regras, os favorecidos do rendimento de inserção social... aquilo é a abertura de uma janela que, para bom entendedor, não a precisa abrir porque ele sabe as regras que tem de ter, mas a gente sabe que há pessoas que não sabem ler nem escrever e uma parede branca a pessoa diz que é preta, portanto, para essa pessoa tem de se abrir uma janela, para ela ir espreitando para o caminho devagarinho. Eu entendo que aquele acordo faz parte das regras que temos de seguir com o instituto de reinserção social.

*Acha que é importante a pessoa que recebe ter este papel activo e de responsabilidade em todo este processo?*

Exacto, tem de ser.

*Acha que as suas acções foram cumpridas?*

Mais do que aquilo, ou seja, eu acredito por mim próprio, eu dou mais do que aquilo que me pedem. Aquilo que o serviço social me pede para fazer eu faço mais. Faço muito mais, muito mais.

*Mas recordando o momento da assinatura do acordo de inserção...como se sentiu?*

Aquilo era como uma obrigação. Não me senti nem bem, nem mal. Por mim tanto faz porque é assim, eu sei o que é o mundo, só que há pessoas que não sabem! Aquilo até eram passos gastos porque devia fazer-se aquilo, e deve fazer-se, para pessoas menos compreendidas, pessoas como eu não se deve fazer porque dão mais do que aquilo que está lá escrito. Por exemplo, as vacinas do miúdo, não era preciso ela dizer isso porque a gente já faz sempre. Isto é uma família toda vacinada!

*Sr. José, então que mudanças trouxe o RSI à sua vida?*

Mudar, não mudou muito, ou não mudou nada. O que penso do rendimento de inserção social é no dinheiro e é aquele dinheiro que espero receber no final de cada mês, porque se não recebo eu não sei! É que roubar não posso, porque não ando, sou paraplégico. Qual é o crime mais fácil de adquirir dinheiro? Outra vez a droga? Se fosse para estar lá, ainda lá estava, não é? Mas não é isso que eu quero.

*Acha que é o rendimento que o impede de voltar ao tráfico de droga?*

É sim Sr.<sup>a</sup>! É esse dinheiro do rendimento de inserção social que me impede de voltar ao crime, porque se não tiver esse dinheiro é muito provável! Eu não me importo! A cadeia, eu já lá estive, felizmente que foi só um ano, porque os outros três foram em casa, em domiciliária, mas conheci trifulhas da pior espécie, que a Sr.<sup>a</sup> nem imagina, bandidos, violadores, assassinos, eu conheci de tudo! Resumindo, se eu não tivesse esse dinheiro do rendimento, estava na vida do crime novamente. Das duas uma, ou me dava bem, ou me dava mal. É este dinheiro que espero que nunca me falte na data certa de cada mês. Todos os meses é a água, luz, gás que tenho de pagar. Já fiz as contas, este mês são 182€ que tenho para pagar, ora se eu recebo 181€ do rendimento como é que vai ser?

*Acha que o valor que recebe é insuficiente face às despesas que possui?*

É insuficiente. As pessoas têm que pensar nisso e se puderem ajudar, que ajudem. Claro que tenho os 340€ da minha mulher, do centro de emprego, mas supúnhamos que a minha mulher não tem nada? Bom, eu também penso que o rendimento subia, mas Sr.<sup>a</sup>, quero comprar uma cadeira nova, uma almofada nova e eu já fiz contas e só lá para Novembro ou Dezembro é que vou ter esse dinheiro, está a perceber? Só a almofada são 270€

*Então Sr. José, que opinião tem sobre o RSI?*

Aquilo é um dinheiro que mata a fome a muita gente, desenrasca muita gente. É um dinheiro que faz muita falta pelo menos a 70% da população que o recebe. Dos outros 30%, 15% só está à espera do dinheiro para a bebida, eu falo de Portugal inteiro, desses milhões que estão a receber. Os outros 15% dividimos por duas partes: 7,5% é para dívidas, pessoas que precisam do dinheiro é para as dívidas, porque estão desenrascados para a alimentação e as outras coisas. Os outros 7,5% são pessoas que recebem indevidamente. Essas pessoas deviam pegar nesse dinheiro e entregar numa instituição, já que não querem dizer que não o querem. Eu só sou contra injustiças, como alguém receber o rendimento sem ter necessidade nenhuma. Quanto ao resto, eu até vejo pessoas que não recebem e, interiormente, custa-me não ter pão a mais para dar àquela pessoa.

*E como se sente enquanto beneficiário, dado que ainda é beneficiário desta medida?*

Sinto-me bem, porque tenho o pão-nosso de cada dia, porque este dinheiro ajuda-me para este fim. Não sinto vergonha, vou a qualquer parte, porque se sentisse vergonha, como paraplégico, nem à praia eu ia.

*Falando agora na altura em que deixou de contar com o RSI pela primeira vez, na sequência da sua detenção, como se reorganizaram?*

Foi a assistente social que dava à minha mulher 30 contos por mês. Com aquele dinheiro a minha mulher pagava água, luz, padeiro e mais nada porque o restante era para me ir visitar à prisão três dias por semana e a alimentação, muito fraca, muito fraca. A minha mulher, com 65kg, veio para 52, 53 kg, durante aquele ano.

*Onde é que a Sr.<sup>a</sup> foi buscar a sua força?*

Eu fui buscá-la, veio de dentro, mas eu fui buscá-la! Mas passou-se muita fominha. [esposa]

*E contava com o apoio de outras pessoas, familiares ou vizinhos?*

Ninguém. [esposa]

*E recebeu apoios de outros serviços?*

Recebia era o banco alimentar da CEE, de seis, em seis meses. [esposa]

*Então tentou reorganizar a sua vida só com estes 150€...*

Só com estes 150€ [esposa]. Foi muito apertadinho.

*E isto durante um ano?*

Não, não. Durante 4 meses, porque ao 5º mês ela já recebeu o rendimento que, actualmente, está em nome dela porque é o processo que se mantém.

*Na altura em que esteve detido, o Sr. tirou um curso de formação...*

Não, não. Eu é que dei, de trabalhos manuais.

*Mas continua hoje em dia a fazer esse tipo de trabalhos?*

Não, não tenho condições. Ainda se eu tivesse uma garagem... estou a pensar escrever uma carta ao secretário da habitação, a ver se faço um negociozito de uma casa com 10m<sup>2</sup> de quintal. Eu preciso de fazer qualquer coisa e aqui no apartamento não faço nada, mas também não tenho meios para me deslocar.

*E ao nível familiar, o que acha que mudou, após a sua saída da prisão?*

Experiência. Costumo dizer que não se pode ensinar o bom caminho sem se conhecer o mau caminho. A pessoa que não conhece o mau caminho, como é que pode ensinar o bom? Pode dar conselhos, mas será que a outra pessoa vai

ouvir esses conselhos? É assim, há muita gente que se ri de mim por eu andar numa cadeira de rodas e eu, ao contrário, rio-me de vocês, de muita gente por andarem todos iguais. A vida é muito complexada. Eu estou bem, sinto-me bem, tenho muitas visitas familiares, dos meus filhos, dos meus netos, de vez em quando trazem-me alguma coisa de diferente, ao nível da alimentação, tenho um filho ou dois que, dentro dos possíveis, sempre me ajudam porque, muito sinceramente, aquilo que ganho não chega.

*Outra grande alteração na sua vida foi ao nível da habitação porque foi realojado...*

Não, eu já tinha sido realojado no ano 2000, só que foi numa freguesia que eu não conhecia nem a freguesia, nem o povo. Depois surgiu a oportunidade de fazer uma troca, através da Secretaria, de vir para a Ribeirinha para este apartamento.

*Pensando agora no futuro...que sonhos é que tem?*

O futuro a Deus pertence, não é? Estou bem comigo mesmo e não posso dizer nada ao nível do futuro. Não penso muito no futuro. Sei que daqui a 20 anos ainda cá estou!

*E como se vê daqui a 5 anos?*

Mais novo do que hoje, porque eu hoje estou mais novo do que ontem.

*Então acha que a sua vida vai melhorar...*

Penso que sim. Melhorava se recebesse mais 100€ em cima daqueles 180 que recebo. Aí nunca mais procurava a minha assistente social! Tal como existe a pobreza escondida, eu também tenho uma prestação escondida! (risos)

*O rendimento continua a ser importante para si?*

Oh Sr.<sup>a</sup>, por amor de Deus... Eu não estou a ver nada neste mundo mais fácil do que o negócio da droga e eu voltaria à vida do crime. Se esse dinheiro foge eu estou desgraçado, estou desgraçado! Eu fico sem comer, a mulher fica sem comer. Eu sou muito calmo, mas quando estou aflito, tenho de me virar de alguma forma, por isso se me falta este dinheiro eu estou desgraçado. É mais um que vai para a cadeia.

## **E5 - Lurdes**

*Vamos falar um pouco da sua Infância e da sua adolescência...O que faziam os seus pais para ganhar a vida?*

Coitadinhos, eu já os apanhei fraquinhos. Eu fui a última, era a mais nova.

*O que é que os seus pais faziam para ganhar a vida?*

A minha mãe trabalhava na apanha do chá, no Lameiro e o meu pai trabalhava nas estufas do Eduardo Ambroon, em Ponta Delgada. Saía à segunda e entrava ao sábado.

*Qual era o ano de escolaridade dos seus pais?*

Isso agora é que não sei...

*Que recordações tem da sua infância e da sua adolescência?*

Muita fome se passou...da minha infância o que eu me lembro é a partir dos meus dez anos quando fui com a minha mãe apanhar chá. Depois daí fui para a fábrica do linho da Ribeirinha e estive lá, gostei muito do trabalho. De lá, casei com 16 anos, depois fui trabalhar mais um ano. Casei à espera da Sónia. Depois tive de trabalhar mais um ano, para repor aquele tempo que estive em casa, depois estive em casa e nunca mais trabalhei, até o meu marido falecer.

*Quando era nova, (da idade do seu neto) o que se recorda?*

Não me recordo nada, o que recordo foi a minha infância que eu passei, que ficou enterrada quando a gente saiu. Foi a minha mocidade, a partir dos 13 anos, quando eu conheci o meu marido. Daí a minha alegria ficou enterrada lá em baixo e agora estou a viver porque estou a viver.

*Como era a relação da sua família, os seus pais, davam-se bem?*

Sim davam-se até muito bem.

*Quantos irmãos é que tem?*

Seis.

*Davam-se bem uns com os outros, havia uma boa relação?*

Sim. As recordações que levo já estavam todos casados, até que tenho uma sobrinha mais velha do que eu e se não morressem mais três, tinha era quatro mais velhas do que eu que eu. Eu já vim fora de prazo, não se esperava. O melhor que eu tive foi a partir dos 13 anos, com o meu casamento, até que meu Nosso Senhor pegou no meu marido. Agora é muito agressivo, vivo porque vivo.

*Relativamente à escola, até que ano estudou?*

5º ano.

*Com que idade saiu da escola?*

Ai menina isso agora... Naquele tempo, eu passei sempre, a gente saia muito novinhas.

*E porque saiu?*

Era só o 5º, antigamente era só assim e já era tão bom quem chegava aí.

*Gostava de estar na escola?*

Mais ou menos, não tinha outro remédio. A gente tinha que fazer o sacrifício...

*Com que idade começou a trabalhar?*

A trabalhar.... Eu sei que aos 10 anos estava no chá, mas foi só um ano e depois estive 10 anos na fábrica do linho e depois tive as minhas filhas. Não trabalhei mais porque casei e não trabalhei para ninguém.

*Quantos filhos teve?*

Cinco raparigas, uma morreu, quatro vivas.

*Que memórias tem do seu casamento, do nascimento dos seus filhos?*

Do meu casamento, memórias lindas. Da altura dos meus filhos, também lindas, já se sabe que naquela altura... se eu estivesse com os olhinhos abertos, como agora há... Não estou arrependida, tenho as minhas filhas. A mais velha tem 33 anos, a outra 32, a que morreu tinha agora 31, a Liliana que já fez 27 e essa com 17.

*Falando um pouco sobre o Rendimento Social de Inserção... como soube da existência deste apoio?*

Foi depois do meu marido ter falecido, ao cabo de uns tempos. Quando ele morreu, eu tinha 36 anos e ele 39.

*Foi na sequência da morte do seu marido que pediu o apoio?*

Disseram para eu ir assim, assado. Eu fui como me mandaram e fui aceite, eram oito contos.

*Que dificuldades sentia para pedir o RSI?*

Lá em baixo, na altura, era para a comidinha. A mais velha era casada, mas ainda tinha mais três.

*Como se sentiu ao pedir o RSI?*

Senti-me bem porque precisava. Tive que me obrigar! Não tive vergonha, antes pedir que roubar.

*Antes de pedir o RSI, já tinha ido ao SAS pedir outros apoios?*

Foi o apoio para a medicação.

*Já recebia apoio da medicação?*

Não sei se antes ou depois do RSI.

*Os apoios que recebeu foram de encontro às suas expectativas? Estava satisfeita com o valor?*

Não tinha outro remédio, dar não dava, mas o que podia fazer?

Depois fui para a escola, por conta do rendimento. Estive lá 3 anos.

*Mas a Sr.<sup>a</sup> completou algum ano de escolaridade?*

Não, eu já tinha a escola para a minha idade, mas estava lá pelo rendimento. Eu gostava muito. Pelo Natal as professoras convidavam a gente para irmos aos restaurantes. A gente festejava.

*Recorda-se de ter assinado o acordo de inserção? É uma espécie de contrato que os beneficiários do RSI assinam...*

Não me lembro menina...

*O que mudou na sua vida, pelo facto de receber o rendimento?*

O que mudou é que tenho que pagar isto tudo, agente passa uma crise enorme .

*Mas na altura que recebeu que mudou na sua vida?*

Na altura eu estava ainda na casa velha, que não tinha condições. O que tinha de melhor era o quarto de banho que eu fiz. A gente lavava-se era numa pana, mas nunca se viu esterco.

*Na altura trabalhava?*

Depois de estar na escola, o Dr. R. disse que minha mãe tinha que ir trabalhar, a tomar conta de uma senhora idosa, pesadíssima, pelos oito contos. Se a minha mãe não fosse, ele cortava os oito contos. A minha mãe coitadinha, como precisava daquele dinheirinho, foi, só que no fim das contas ele cortou os oito contos e a minha mãe só ficou a receber os 150€ que os filhos da velhinha pagavam. (filha)

Eu nunca recebi nada da Sr.<sup>a</sup> idosa. Fizemos os papéis e a filha disse “o dinheiro que vier é para si”, mas a Sr.<sup>a</sup> da Casa do Povo da Ribeira Grande disse que o dinheiro era da velhinha e não da Sr.<sup>a</sup> que tomava conta. Eu tive lá ano e meio e nunca ninguém me pagou.

*Resumindo, a Sr.<sup>a</sup> recebeu o RSI e, nessa altura, não trabalhava. Depois foi integrada na escola, em que esteve 3 anos. Depois esteve um ano e meio a tomar conta da idosa...*

Mesmo assim eu aguentei muito, um ano e meio. De 80 kg fiquei com 55kg. Ela tinha aquela doença da cabeça e depois os meus nervos... Quando fui ao meu médico, ele disse que eu não podia trabalhar com gente assim. Eu tive que dizer à menina dos serviços sociais, que eu pedi à filha mais dinheiro e a filha não quis dar, e então eu disse “também agora eu não posso mais”, porque eu é que sei. O dinheiro que eu recebia lá, não dava nem para o Dr. nem para remédios. A minha filha que vivia aqui, que foi embora para o Canadá, com o marido, ela é que me ajudava na medicação.

Depois estive aqui em casa, quase dois meses, muito fraca porque eu não podia andar e a menina dos serviços sociais, que eu já não sei o nome dela, disse se eu queria continuar a trabalhar, e eu disse “eu quero porque quando eu tiver forças, eu tenho de trabalhar porque isto está tudo em cima das minhas costas”.

Comecei a trabalhar no primeiro de Julho, faz agora seis anos, na casa Paroquial de São José.

*Então durante o período que recebeu o rendimento, nunca trabalhou, porquê?*

Nunca apareceu e a menina era pequenina, tinha 3 anos quando o meu marido morreu.

*Que problemas de Saúde tem?*

Estômago, vesícula, costas, tiróide, é tudo nervos, mas mexe tudo comigo. É o joelho, os ossos e as úlceras do duodeno estão muito finas. O Dr. diz que elas podem rebentar e que eu posso morrer afogada. Eu não aguento a medicação da farmácia e então estou a tomar medicação da erva-nária, fora a medicação dos nervos.

*O que lhe trouxe de bom o RSI para a sua vida?*

Ele amanhou-me enquanto eu estive a receber.

*Em que sentido?*

Na vida.

*Nas coisas de casa, para as compras?*

Sim, a gente ia devagarinho e ia comendo.

*Por outro lado, também foi através do rendimento que a Sr.<sup>a</sup> começou a trabalhar, embora tenha havido estes problemas mas foi uma forma de ter trabalhado, acha isso importante?*

Sim.

*Ao nível da Saúde, teve algum impacto?*

Para mim o rendimento foi bom porque pôs-me a trabalhar e aí já comecei a disfarçar melhor. Eu estava sempre aperreada, dava-me era para estar deitada, sempre a chorar, como ainda às vezes hoje em dia, mas eu tenho tomado a medicação do stress. O trabalho para mim fez-me ir esquecendo certas as coisas. Não se esquece, que eu estou a trabalhar a oito e não esquece, mas pronto.

*E enquanto pessoa, o que mudou?*

Isso eu não sei dizer à menina...mas quando eu comecei a trabalhar, eu comecei a sentir-me outra.

*Quanto à vinda para esta casa, foi na altura que recebia o rendimento?*

Estou nesta casa nova há seis anos. Eu vim para aqui e ainda recebia o rendimento. Só quando eu fui trabalhar é que me tiraram, quando eu fui trabalhar para Ponta Delgada, para o Centro Paroquial, deixei de receber o rendimento porque passei a receber o salário mínimo.

*Então a Sr.<sup>a</sup> deixou de receber o rendimento só quando foi trabalhar para o centro paroquial e não quando tomava conta da Sr.<sup>a</sup> idosa...*

Sim.

*Qual a sua opinião sobre o Rendimento Social de Inserção?*

Eu acho que muita gente merecia e muita gente não merecia, porque tem por aí mais novas do que eu, com mais saúde do que eu, com os seus maridos e recebem o rendimento. Eu, com o ordenado mínimo, venho estafadíssima, doente. Acabo como a menina vê, com um chá e dois panasorbes e venho para aqui descansar. Já tenho 51 anos.

*Como se sentiu quando deixou de contra com o RSI?*

Raiva, porque sou viúva. Depois a minha filha foi para a Ribeira Grande, sem ter apoio da escola, o NASE, por causa do IRS. Só fazem a conta só ao que se ganha, não fazem a conta a mais nada que se gasta. Continuo a sentir-me revoltada, porque algumas pessoas mais novas e com os maridos, estão a receber. Costuma dizer-se, trabalham cães para ladrões e eu descontar 68€ todos os meses.

*Onde foi buscar a força para ultrapassar essa situação?*

Muita força... eu peço ao meu marido e pedi muito a Deus para me dar muita força.

*Nessa altura, agarrou-se à sua fé...mas que estratégias usou para dar a volta à situação?*

À base da medicação e o trabalho.

*Pedi ajuda a familiares ou vizinhos quando foi cancelado o RSI?*

Não, a ninguém.

*Nem a outros serviços?*

Não.

*Acha que é importante as pessoas viverem sem este apoio do Estado?*

Eu não acho, porque também não tenho marido e se viesse um dinheirinho também era bom. Ainda hoje eu tive uma carta para pagar seiscentos e tal euros, mas 3ª feira eu vou ao médico porque estou-me a queixar muito da barriga e do estômago e vou ter com o advogado para ter um acordo para ir pagando, porque não tenho outras possibilidades.

*Então acha que há pessoas que devem receber e outras não?*

Eu para mim, como sou viúva, custa-me muito a nível da medicação e fecho os olhos a muito porque a medicação não tomo como devia tomar. Eu se estou boa não tomo, amanhã se já sinto o corpo a doer, já vou tomar porque, sem aquilo, sou sincera e digo a verdade, eu não faço nada.

*Depois do cancelamento, tirou mais algum curso ou voltou à escola?*

Não.

*Ao nível do emprego, mantém sempre o mesmo, está efectiva?*

Estou lá há já seis anos.

*Não sabe o tipo de contrato que tem?*

Eu recebo é como empregada de Auxiliar de limpeza. Eu penso que enquanto o velhinho for vivo, eu vou continuar lá.

*Assinou algum contrato?*

Não, não. Foi de boca para tomar conta de um padre, eu tomo conta de padres. Faço comida para os padres, quando vem padres de fora, quando não vem, estou com o velhinho.

*Falando um pouco do futuro, que sonhos tem?*

Muitos sonhos, mas é o que digo sempre a nosso senhor e ao meu homem, ajudai-me. Não me importo de morrer, mas deixai a minha filha amparada, já que ficou sem o pai, tão novinha, deixá-la amparadinha e com as minhas coisinhas todas pagas. De resto, eu não me importo com mais nada.

*Como é que se vê daqui a cinco anos?*

Daqui a cinco anos, se eu chegar para lá, as forças não são muitas, vou buscar forças é pedindo a Deus e ao meu homem que me dêem forças.

Quando amanhece eu digo sempre “ai meu Deus mais um dia de trabalho”, quando está a chegar a hora de ir embora eu digo “ai meu Deus que alegria”, é a hora mais sagrada do mundo.

*Acha que a sua vida vai melhorar?*

Ai menina, eu quanto mais peço a Nosso Senhor, mais vêm as coisas em cima umas das outras para pagar. Tudo em cima de mim, tudo em cima de mim.

*A Sr.<sup>a</sup> está aflita com as dívidas que tem?*

Tenho um colchão que foi uma espoleta bem metida, que estão a tirar do meu ordenado. Que eu até já fui pedir uma ajuda para pagar, mas as meninas não puderam dar... Agora esse aviso que chegou para pagar seiscentos e tal euros.

*Referente ao colchão?*

Não, o colchão estão a tirar do meu ordenado. Foi aqui do Maia Mendonça, daquela banquinha. Foi mais um descuido, porque eu estou a ficar esquecida. Eu paguei os primeiros três ou quatro meses e depois despercebi-me. Ela deitou para o advogado e eu já hoje estive a falar com ela e ela disse-me para eu dizer ao contabilista. Quando eu for ao médico, na 3<sup>a</sup> feira, vou falar com o Dr. Vieira para fazer um acordo, para pagar todos os meses.

*E se fosse hoje, voltava a requerer o Rendimento?*

Mesmo que fosse os oito contos, já era uma ajuda.

*Tem dificuldades com as dívidas que tem...*

Já me cortaram a água duas vezes, a TV cabo foi cortada não sei quantas vezes, porque não tinha possibilidades de pagar. Eu dizia “assim eu vou para baixo e já não venho para cima. Eu vou fazer uma asneira comigo”. Eu vim para esta casa sozinha e sem nada e já paguei ao banco cinco mil euros. Tudo o que a menina está a ver foi tudo comprado.

*As dívidas também são referentes às mobílias da casa, não é?*

Sim.

*Há quantos anos está aqui?*

Há 6 anos.

## **E6 - Graça**

*Vamos começar por falar um pouco da sua infância e adolescência. O que faziam os seus pais para ganhar a vida?*

O meu pai trabalhava na Estiva, mas acho que, com 42 anos, ele teve um acidente de trabalho e começou a receber uma pensão de invalidez. A minha mãe era doméstica.

*E até que ano os seus pais estudaram?*

A minha mãe tinha a 1ª classe, mas sabia ler e escrever. O meu pai acho que nem isso tinha.

*E vocês quantos filhos eram?*

Éramos 8.

*Como se recorda da sua infância e adolescência?*

A minha infância...era pobre mas não era infeliz.

*Que momentos recorda dessa altura?*

É mais o Natal. O Natal traz saudades. Mesmo já na adolescência o Natal é uma altura que marca.

*Porquê?*

Era diferente. Sempre acontecia algo de bom. Até é inexplicável, mas acontecia.

*Mas era o quê? Os momentos em família?*

Não éramos uma família muito abonada e depois vinha o cabaz de Natal, que era sempre mais fartura, mesmo que não houvesse árvore. Nunca mais me esqueço uma altura em que não tínhamos dinheiro para a árvore, o meu pai tinha deixado de receber o cabaz de Natal, eu ia pela levada acima, com o meu irmão mais novo e caiu-nos uma árvore de Natal aos pés, de um camião que ia para cima. Recordo-me do Natal e quando estávamos todos juntos no

quintal a regar as flores. Tenho umas saudades enormes dessas coisas. Cada uma lava a roupa, porque não tínhamos máquina...tenho muitas saudades desses tempos. Passamos dificuldades mas éramos felizes...Éramos muitos mas a gente dava-se uns com os outros. Havia muita briga mesmo, mas a gente dava-se bem. Tenho saudades daqueles momentos em família

*Qual foi o ano de escolaridade que completou?*

Até ao 4º ano, a primária, eu passei sempre. Daí fui para o ciclo preparatório, mas uma coisa que me marcou é que as pessoas faziam troça de quem andava mais mal vestido e eu era uma das lesadas. E havia a professora de ciências, que eu nunca mais me esqueci, eu tinha 10 anos, e ela pediu que explicássemos a evolução do Homem. Eu via muitos documentários, e eu disse que a evolução do Homem partia do macaco. Ela chamou-me de deficiente na aula e isso marcou-me para toda a vida. Mas passados onze anos, ela reconheceu-me e veio pedir-me desculpa. Isso marcou-me imenso. Até o director veio a minha casa, falar com a minha mãe, e naquela altura as pessoas não acreditavam nisso. Fiquei então com o 4º ano, mas passei com distinção! Podem ir lá ver. Tenho mesmo orgulho naquilo, porque está escrito “com distinção”.

*Porque deixou de frequentar a escola?*

Deixei de frequentar a escola por causa desses motivos. Deixei de gostar da escola.

*Não se sentia bem na escola?*

Não, não me sentia...

*Com que idade começou a trabalhar?*

Aos 15/16 anos.

*E que empregos teve?*

Fui empregada doméstica.

*Mas foi sempre empregada doméstica?*

Não. Eu sempre quis fazer algo melhor. Trabalhei também em snack-bares, na Coingra. Trabalhei no Centro Social de Portalegre, onde não fazia nada, era só ficar sentada numa cadeira. Era assim, tipo auxiliar. Levava documentação de uma secção para outra, para fora. Cheguei a levar uma mala com dinheiro, com uma algema, eu e uma outra. Mas não gostava de estar em Portalegre e vim-me embora. Aquilo era muito pequeno e atrasado, mesmo em comparação com São Miguel, apesar disto ser uma ilha e aquilo ser o Alentejo. A única coisa que eu gostava era o emprego, que eu podia ter tido uma carreira ali dentro, muito melhor do que aquilo que tenho agora.

*E que idade tinha quando foi para Portalegre?*

Tinha 20 anos e estive lá 6 meses e meio.

*E entretanto regressou...*

Sim, regressei passados 6 meses e meio.

*E com que idade iniciou o seu relacionamento com o Sr. D.?*

Deixe ver...acho que foi em 96. Conheci-o em casa de umas amigas em comum e depois pronto. Íamos passear de mota e uma coisa leva a outra!

*Que memórias guarda desses momentos?*

Eram bons. Eu adorava andar de mota e acelerar, dos passeios que dávamos. Depois fui viver com ele e passados 9 meses fiquei grávida do D.

*E depois nasceu o L...*

Nasceu o L. passados 3 anos.

*Como recorda o momento do nascimento dos seus filhos?*

É uma sensação completamente diferente de qualquer outra. Sabemos que um filho é algo nosso, que nasceu de nós próprios e não consigo descrever a emoção que senti naquela altura. É completamente diferente de tudo na vida.

*Falando agora na altura em que a Sr.<sup>a</sup> requereu o RSI? Como soube da existência do RSI?*

Tínhamos uma certa relutância em fazer porque é como se estivéssemos a pedir esmola. No meu caso e no dele tínhamos uma certa vergonha em assumir que recebíamos. Foi numa altura terrível, passávamos fome, inclusive. Ele trazia muito pouco para casa, as dívidas acumulavam-se, a água, a luz. Já estávamos há 2 meses sem luz.

*A Sr.<sup>a</sup> estava desempregada nessa altura?*

Eu nunca consegui arranjar emprego na Ribeira Grande, embora tentasse, nunca me deram emprego aqui. Por isso é que sempre tentei arranjar emprego em Ponta Delgada.

*Mas apesar de estarem um pouco relutantes...*

Não tivemos outro remédio senão fazer, porque não tínhamos alternativa. Eu não arranjava emprego, ele não arranjava emprego e depois tínhamos de pensar nos filhos. O D. já tinha 9 meses quando começamos a receber e tudo o que ele tinha era dos serviços que fazia para fora, a vender pneus, que ainda tinha alguns do negócio anterior que ele teve, que não deu certo. Era sempre para a criança. O D. sempre bebeu o S26, nunca foi leite de vaca, até 1 ano de idade.

*E como soube da existência do RSI?*

Através das notícias.

*E antes de receber o RSI já tinha pedido outro tipo de apoio no Serviço de Acção Social?*

A primeira vez que pedi qualquer tipo de apoio foi o RSI.

*Recorda-se de ter assinado o acordo de inserção?*

Recordo-me, passado uns tempos, mas recordo-me.

*E, na altura, como decorreu esse processo?*

Ele chamou-nos para conhecer-nos e para se apresentar como o novo técnico. Depois, as visitas eram frequentes, ele também nos mandava chamar e era isso.

*Mas do acordo de inserção, recorda-se das acções?*

Era disponibilizar-se para trabalhar e pouco mais. E frequentar acções de formação. Agora é que as coisas mudaram. Antes assinávamos uma declaração de honra e era só.

*Acha que a sua vida melhorou, na sequência de ter assinado o acordo de inserção? Que essas acções, ao nível do emprego e formação, tiveram algum impacte na sua vida?*

A dada altura melhorou. A Dr.<sup>a</sup> I. colocou-me num curso de formação, que depois é que me deu o emprego no Royal Garden.

*O que faz lá?*

Sou empregada de andares, mas estou lá sempre por contratos de seis meses.

*Mas então houve um impacte positivo...tirou um curso de formação que depois lhe proporcionou um emprego...*

Por acaso agradeço-lhe muito, foi uma das melhores pessoas que conheci da acção social, a Dr.<sup>a</sup> C. e o Dr. J. Foram essas acções que proporcionaram uma melhoria da minha vida e que devo o meu emprego agora.

*Antes da assinatura do acordo, existe a negociação, em que está presente o casal e o técnico. Lembra-se desse momento da negociação?*

Lemos o acordo e não tinha assim nada. Foi ler o acordo e assinar porque estávamos dispostos a fazer o que estava lá escrito e foi isso.

*Não propôs nenhuma acção?*

Não. Eu nem sequer sabia que havia acções de formação na altura.

*O que acha dos beneficiários terem um papel activo na delineação dessas acções? Acha que isso é importante?*

É. Muita gente devia ser ouvida, muita gente mesmo e outros nem tanto. Não concordo que os mais novos recebam o rendimento, a menos que a pessoa esteja em absoluta necessidade, porque a maioria está aí na rua e devia estar a trabalhar.

*Falando ainda sobre o acordo de inserção... como se sentiu no momento da negociação e da assinatura?*

Senti-me um pouco nervosa, mas já era costume, sobretudo para uma pessoa que preferia estar a trabalhar, a ter que recorrer a esse serviço. Estava um bocadinho envergonhada.

*As acções que foram acordadas foram cumpridas?*

Sim.

*Então o que acha que mudou na sua vida com o RSI? Pensando um pouco, a Sr.<sup>a</sup> tem vários requerimentos, já passou pelo RSI por diversos momentos, o que é que ficou disto tudo? O que mudou na sua vida?*

Veio aliviar a carga... Passámos a ter uma quantia certa todos os meses e tínhamos a possibilidade de pagar as contas normais mensais. Isso já veio aliviar e muito.

*E a si, enquanto pessoa? Que alterações o RSI trouxe?*

Transmitiu-me segurança, em questões monetárias.

*E o facto de estar a trabalhar? Que mudanças lhe trouxe enquanto pessoa?*

Isso é completamente diferente de estar a receber rendimento mínimo. Eu sei que o que estou a receber é o meu trabalho, é meu. Sinto-me útil e sei que posso contar com aquilo que é apenas meu e isso deixa-me extremamente feliz. Tornei-me uma pessoa mais segura desde que trabalho.

*E ao nível da dinâmica familiar?*

Tudo melhorou. Os meus filhos passaram a vestir melhor, a alimentação, em primeiro lugar, melhorou muito, os iogurtes, a fruta. Aquilo que havia em pouca quantidade passou a haver em mais quantidade.

*E ao nível das relações?*

Melhorou.

*Quanto ao percurso dos seus filhos na escola...*

O meu mais velho vai passar de ano. Quanto ao mais novo ainda tenho as minhas dúvidas. O rendimento também teve outro aspecto muito positivo, que foi pôr os meus filhos na creche, desde pequenos e estão lá desde essa altura. Isso foi muito importante.

*O D., o seu filho mais velho, teve acompanhamento da psicóloga através do RSI...*

Penso que foi só duas vezes...nunca mais foi chamado. O problema do D. tem muito a ver com o ambiente escolar e não tem nada a ver com o ambiente familiar. O D. era uma criança segura, mas tornou-se muito insegura, devido aos problemas que tem tido na escola. Os outros não são como ele, não entendem a maneira dele ser.

*Um dos aspectos que marca o seu percurso enquanto beneficiária é também o facto do seu marido ter iniciado actividade profissional...Acha que isso foi importante?*

Isso então foi importantíssimo! É uma mais valia ele estar a trabalhar e ele está muito contente com o trabalho dele. Eu acho que ele até mudou muito. Tal como eu, ele sente-se mais seguro e tem o seu próprio ordenado no final do mês. Ele está muito diferente daquilo que era, mesmo em casa, ele está muito diferente. Antes o D. era muito irresponsável, mesmo imaturo em diversos aspectos e ele mudou muito. O D. agora está um homem e antes eu considerava-o o meu terceiro filho.

*O que aconteceu para haver essa mudança?*

O aspecto mais positivo disso tudo foi ele arranjar trabalho.

*Como é que ele arranjou trabalho?*

Por conhecimentos. Ele andava também a responder a anúncios, a falar com amigos.

*A procura activa de emprego e a inscrição na agência de emprego era também uma das acções do acordo de inserção...*

Sim, mas o que ele conseguiu foi por mérito próprio. Ele tentou arranjar emprego a valer. Mas um dos aspectos que o influenciou mais foi a assistente social porque foi muito compreensiva e conseguiu influenciar o D. num aspecto positivo e incentivou-o a procurar emprego, não desprezando as suas capacidades e a essa assistente social eu também lhe devo em parte isso.

*Então acha que os técnicos acreditarem nas pessoas...*

É muito bom! É muito bom sentir que essa pessoa acredita em nós, que podemos ter uma vida melhor, isso é muito positivo. A pessoa sente-se estimulada por alguém que nem sequer conhece e que acredita nessa pessoa.

*E ao nível da habitação, o que mudou?*

Ele comprou uma televisão e um frigorífico, o que seria muito difícil se ele não estivesse a trabalhar.

*Mas a Sr.<sup>a</sup> também foi realojada...*

Exactamente.

*Isso foi importante?*

Ser realojada foi importante e de que maneira! A casa velha não tinha condições nenhuma e se não viéssemos para aqui, ficávamos lá de baixo. Um tecto sobre a cabeça, onde não chova, onde não haja ratos e bichos de todas as espécies, isso então é uma coisa que eu agradeço, apesar das pessoas que vieram para aqui...

*Então e que opinião tem sobre o RSI?*

Eu acho que há pessoas que deviam receber e passam necessidades, apesar de ter trabalho e há pessoas que não deviam receber e que enganam os técnicos e trabalham às escondidas e que ainda se riem da cara dos técnicos. Para mim, essas pessoas e as que passam a vida na rua a provocar, sem ter o que fazer, a essas pessoas devia ser retirado o rendimento mínimo porque se estão a receber, deviam agradecer e não escarnecer.

*Como é que a Sr.<sup>a</sup> se sentiu como beneficiária?*

Para mim era humilhante.

*Sempre se sentiu humilhada, por receber?*

Sim. Sempre tentei arranjar um trabalho, um emprego, o que fosse, de modo a deixar de receber rendimento mínimo porque, para mim, era como se estivesse a receber uma esmola. Não encontro outra palavra para descrever melhor, mas para mim era isso.

*Então, porque motivo deixou de receber o RSI?*

Encontro-me a trabalhar e o D. também, por isso não há necessidade de receber mais rendimento mínimo.

*E como se sentiu quando isso aconteceu, quando soube que ia deixar de beneficiar do RSI?*

Acho correcto. Estamos a trabalhar e não há necessidade.

*E de que forma reorganizou a sua vida?*

O meu ordenado é o ordenado mínimo e ele ganha mais dinheiro e pronto, mesmo que o meu não dê, sempre tenho o dele para assegurar o resto do mês. Se ele não estivesse a trabalhar continuava praticamente na mesma.

*Acha importante as pessoas viverem sem apoios do Estado? Acha que isso é possível?*

Não é possível. Só que há pessoas que não deviam receber porque só se fiam naquilo e não se importam de dizer que estão a receber. Não querem trabalhar e arranjam filhos para terem mais dinheiro.

*Mas apesar de, na eventualidade desses casos existirem, acha importante existirem apoios...*

Para muitos casos é. Existem muitos casos que deviam ser apoiados. Eu não sou contra o rendimento mínimo, nunca fui, só que há casos e casos.

*A Sr.<sup>a</sup> apresenta vários requerimentos, ou seja, recorreu ao rendimento mais do que uma vez na sua vida. Porquê?*

Porque depois de receber o rendimento, a minha vida voltava ao mesmo. Passávamos dificuldades como nem um nem outro trabalhavam e eu via-me obrigada a fazer de novo o requerimento.

*Portanto, a Sr.ª deixava de beneficiar porque entretanto começava a trabalhar, no entanto, por nova situação de desemprego, tinha de recorrer à medida...*

Exactamente.

*E como se sentia quando tinha de voltar a fazer o requerimento?*

Pensava se devia ou não fazer, mas via-me obrigada a fazer porque não tinha outra alternativa.

*O rendimento surgia como a única alternativa possível...*

Exactamente.

*O rendimento continua a ser importante para si?*

Agora, nesta altura, não. Deus permita que nunca venha a ser preciso de novo.

*E se fosse hoje, voltava a requerer o rendimento?*

Agora não tenho necessidade.

*Mas hoje, olhando para trás, voltava a fazer?*

Sim, voltava. Foi a minha única alternativa porque embora procurasse trabalho nunca arranjei nada. Quando ia fazer o requerimento custava-me...custava-me falar em voz que os outros ouvissem, porque não queria fazer e via-me obrigada a isso.

*Pensando um pouco no futuro... que sonhos tem?*

Ser rica! (risos) Já me considero satisfeita por ter emprego e proporcionar aos meus filhos uma vida melhor daquela que eles estavam destinados a ter, se eu não tivesse emprego, ou o pai. Se não tivéssemos tomado outro rumo, eles também iam ser muito lesados. Eu quero construir uma vida melhor para eles, melhor do que aquilo que eu tive. Quero que os meus filhos tenham uma vida melhor.

*Como se vê daqui a 5 anos?*

Velha. Espero ter a casinha melhor mobilada, que os meus filhos tenham passado de ano sempre e ter saúde mental para levar com isso para a frente.

*Considera que a sua vida vai melhorar?*

Se se mantiver como está, acho que sim.

## **E7 - Mariana**

*Vamos começar por falar um pouco da sua infância e adolescência. O que faziam os seus pais para ganhar a vida?*

O meu pai trabalhava em terras, em milhos. A gente também ia lá ajudar quando era preciso. Aos sábados ele também ia trabalhar para ganhar a vida e para a gente ao Domingo ter fruta em casa. A minha mãe trabalhava a fazer limpezas.

*E até que ano os seus pais estudaram?*

Não sei.

*E como se recorda da sua infância e adolescência?*

Também fui trabalhar. Uma pessoa saía de casa para ir trabalhar até às 6, 7 horas da noite a arranjar casas, fazer comidas.

*Aquilo que se lembra é de estar a trabalhar...não se lembra de brincar?*

Isso a gente nunca brincava. A gente quando chegava a casa do serviço era fazer renda, para depois termos as nossas coisinhas. Ia aos Domingos a casa da minha avó buscar roupa para lavar, a gente lavava a roupa no tanque com a escova. Ai muito que já se passou...

*E quantos irmãos tem?*

Somos 4 raparigas.

*A Sr.<sup>a</sup> lembra-se de existirem dificuldades económicas?*

Isso não sei o que é...

*Se passavam fome...*

Às vezes passava-se fome. Minha mãe cozia pão no forno...era ratos grandes que iam para cima da mesa e a minha mãe enviava o vaso mas eles não morriam.

*A sua casa não tinha condições...*

Não tinha.

*E como é que vocês se davam uns com os outros? Davam-se bem?*

A gente dava-se bem. Às vezes até para a praia a gente ia às 7h da manhã.

*E qual foi o ano da escola que a Sr.<sup>a</sup> fez?*

A 3ª classe.

*Porque saiu da escola?*

Eu saí porque não dava nada de mim.

*Tinha algumas dificuldades?*

Não sei ler...Eu estava na escola mas metiam sempre a gente a lavar os copos e a minha mãe disse “já que estás aí a lavar copos, vens é para casa. Vais trabalhar para casa de uma pessoa e ganhas dinheiro”. Fui para casa e depois a minha irmã arranjou-me um serviço para eu trabalhar.

*Mas na escola a Sr.ª lavava os copos?*

As contínuas punham a gente a lavar os copos e elas ficavam na conversa. Na saída da escola mandavam a gente lavar. Uma lavava os copos, outra lavava o chão...

*Que idade tinha quando saiu da escola?*

12 anos.

*Mas gostava de estar na escola?*

Gostava e não gostava. O professor também não era muito bom porque o que ele queria era o estudo de plantas e flores e isso não dá para nada, por isso fui trabalhar. Gostava de aprender a ler, fazer contas, mas o professor nunca deu nada. Paciência, já que não dá nada também vou-me embora.

*Começou então a trabalhar com essa idade como empregada doméstica...*

10 anos que eu trabalhei em casa de uma Sr.ª.

*E depois aos 22 anos?*

Foi namorar. (risos)

*Mas deixou de trabalhar?*

Não. Foi namorar, casar e depois já não podia trabalhar mais.

*A Sr.ª casou com que idade?*

Com 23.

*E deixou logo de trabalhar?*

Não, foi quando tive o meu filho. Teve de ser, eu não tinha ninguém.

*Na altura nunca quis integrar o seu filho numa creche, ou numa ama?*

Não quis porque eu não tinha serviço para ir.

*Mas a Sr.<sup>a</sup> procurava trabalho?*

Sim. Estive só em casa de uma Sr.<sup>a</sup> aos sábados, que o meu homem estava em casa aos sábados. Foi só.

*Entretanto nasceu o seu filho mais novo...*

O João já tinha 5 anos e veio o outro.

*A partir daí nunca mais trabalhou. Porquê?*

Porque não tem serviço.

*E que memórias tem desses tempos? De quando namorou, quando nasceram os seus filhos...*

Naquele tempo quando namorava era só da missa para casa da minha patroa para dar comida ao cãozinho e o meu noivo vinha ter comigo. E depois a minha mãe dizia “oh rapariga, tanto tempo por aí” e eu dizia “minha mãe, fui a casa de uma amiga”. (risos) Ricos tempos, estava-me consolando. Agora pronto, acabou.

*E quando teve os seus filhos?*

É uma alegria. Tive o meu filho como se fosse uma roqueira, saiu num instante e o outro também foi a mesma coisa, teve quase nascendo em casa.

*Vamos agora falar na altura que a Sr.<sup>a</sup> fez os papéis para o RSI. Como é que a Sr.<sup>a</sup> soube da existência deste apoio?*

Foi da boca de uma Sr.<sup>a</sup> que estava a receber o rendimento mínimo e eu disse que também ia fazer e vamos lá ver, porque eu preciso de uma ajuda.

*Estava em dificuldades?*

Sim. Não tinha dinheiro, o meu marido não trabalhava, eu também não tinha serviço, uma pessoa também precisava de uma casinha.

*Como se sentiu a pedir o RSI?*

Foi tão bom. Fiquei tão contente. Pelo menos com esse apoio dá para mim e os meus filhos comerem, calçarem e tudo.

*Mas na altura que fez os papéis, sentiu-me bem?*

Sim. Precisava de ajuda.

*E antes do RSI já tinha ido ao Serviço de Acção Social pedir outros apoios?*

Sim. Foi por causa de um fogão e umas caminhas, que eu não tinha. Eles dormiam, coitadinhos, num colchão velho. Mesmo assim deram as barrinhas, agradei à pessoa.

*Ficou contente, com o apoio que recebeu?*

Fiquei imenso.

*Entretanto começa a receber o RSI. Lembra-se de ter assinado o acordo de inserção?*

Sim Sr.<sup>a</sup>.

*E que acções tinha nesse acordo?*

Isso agora é que não me lembro. Não sei o que é que assinei.

*Pensando nas mudanças que o RSI trouxe à sua vida...o que mudou?*

O meu homem não me bater mais, foi um alívio que saiu das minhas costas e estou muito contente com esta ajuda, pelo menos tenho dinheiro para comprar comidinha para os meus filhos e estou descansada. O meu marido também já não bebe como bebia

*E que mais mudou? Em si, enquanto pessoa?*

Ai não sei o que hei-de dizer mais...

*Sente-se mais feliz, mais forte?*

Sinto-me mais feliz, estou-me consolando agora aqui.

*Também teve esta casa nova...*

Foi uma coisa que saiu do meu corpo. Estava antes naquela casa velha, cheia de ratos e tudo. Mas muita gente não sabe agradecer às pessoas, não gostam de limpeza nem nada, mas eu gosto.

*A Sr.<sup>a</sup> alguma vez foi integrada em algum curso ou na escola para completar o seu 4º ano?*

Não...Tirei um curso de costura, mas nunca dei nada, a gente ficava sempre para trás. A gente precisava de ajuda e ela nunca quis saber de nós, era sempre para as outras. Fomos embora porque elas não faziam caso.

*E que opinião tem sobre o RSI? Acha que este apoio é importante?*

Acho que sim, para toda a gente.

*Acha que este apoio devia ser para toda a gente? Porquê?*

Acho que sim, para aqueles que mais precisam. Ajuda as pessoas a terem dinheirinho para comerem, para pagar a água, luz, o gás, o que é mais preciso. Mas as que podem trabalhar devem ir

*A Sr.ª em 2004 deixou de contar com o RSI. Lembra-se porque motivo?*

Não sei.

*Mas lembra-se como se sentiu na altura?*

Fiquei muito triste, porque eu não estava trabalhando, o meu homem não estava trabalhando e uma pessoa às vezes passava fome, não tinha o que era para comer. Fui pedir ajuda à minha mãe, foi ela que me ajudou.

*Então foi pedir ajuda à sua mãe... e que mais fez para ultrapassar a situação?*

Fui trabalhando uns sábados, pelo menos para comer.

*E o seu marido começou a trabalhar?*

Depois é que ele foi pedir a uma pessoa, porque precisava. Depois é que foi trabalhar para ganhar aqueles dias.

*Mas quando recebiam o RSI nem a Sr.ª nem o seu marido estavam a trabalhar. Foi quando deixaram de contar com RSI que foram procurar trabalho...*

Foi sim Sr.ª.

*Quando deixou de ter o RSI, pediu apoio a outros serviços?*

Fui pedir o Banco Alimentar à Santa Casa.

*E teve outros empregos, ou trabalhou sempre como empregada doméstica?*

Estive na Norlimpa, um ano, mas depois fiquei muito doente e vim-me embora para casa. Ainda trabalhei em casa de uma velhinha uns tempos, mas depois deu-me um princípio de trombose e ela não quis saber mais de mim. Também em primeiro estou eu.

*Mas que problemas tem a Sr.ª, que fazem com que não possa trabalhar?*

Fui escaldada no peito. Queimei-me com uma panela de sopa. Depois fui à Dr.ª e ela disse que eu não podia apanhar pós nem nada, porque depois eu fico cheia de bexigas e dá-me comichão.

*E a Sr.ª tem algum papel do médico a comprovar que não pode trabalhar?*

A minha Dr.ª I. é que tem.

*Mas a Sr.<sup>a</sup> não tem?*

Não tenho.

*E o seu marido? Ele está desempregado há quanto tempo?*

Há quase dois anos.

*Qual é a profissão dele?*

É pedreiro.

*Ele está a ter dificuldades em encontrar emprego...*

Ele vai aos patrões, mas não há nada. Estão a pôr gente para fora e tudo. Não têm dinheiro para dar.

*Ele está inscrito no centro de emprego?*

Está sim Sr.<sup>a</sup>, mas ele agora está num curso, nas praias, a tomar conta, a limpar as praias.

*Está a frequentar um projecto de formação em exercício pela Câmara Municipal...Acha que isso é importante?*

É bom, enquanto ele não arranja um serviço. Ele quer trabalhar, mas não aparece serviço.

*A Sr.<sup>a</sup> Mariana deixou de contar com o RSI em 2004, mas uns anos depois, volta a fazer os papéis para o rendimento. Porquê?*

Eu precisava muito. Eu não trabalhava e o meu marido dava uns dias em terras, de uns amigos dele.

*E foi depois da Sr.<sup>a</sup> ter sofrido a sua queimadura...*

Sim.

*Como se sentiu a fazer novamente os papéis para o RSI?*

Foi um milagre que Nosso Senhor me fez. Quando eu soube que ia receber, quando veio a carta à porta a dizer que tinha sido aprovada foi tão bom. Assim já tinha ajuda para a renda da casa, a luz, a água.

*O rendimento continua a ser importante para si?*

Sim, porque me ajuda muito. Se não fosse isso...

*E se fosse hoje voltava a requerer o RSI. Não se arrepende...*

Não Sr.<sup>a</sup>.

*Pensando no futuro....que sonhos tem?*

Que os meus filhos tenham um bocadinho de juízo, que às vezes não têm, têm que trabalhar, que eu não fico sempre viva, Nosso Senhor vai levar-me e vocês ficam todos para aí. Que arranjem uma mulher, das boas, que não sejam maldosas

*E o que é que a Sr.ª faz para que eles tenham um bom futuro? Como é que os educa para isso?*

É falando com a boca, para ver se as cabeças endireitam. Só que só têm um parafuso lá dentro, dentro da cabeça.

*Como é que a Sr.ª se vê, daqui a 5 anos?*

Sei lá...velhinha já. Já tenho cabelos brancos. Ai, não chego lá...

*A Sr.ª que idade tem?*

39.

*E acha que não chega aos 44?*

Não chego lá...O que me mata é que tenho muitos nervos, qualquer coisa me enerva. Se o meu homem briga com os meus filhos eu logo meto-me na frente...antes ele dê em mim do que dê neles.

*Mas acha que a sua vida vai melhorar?*

Vamos lá ver...mas eu quero que seja melhor.

*E o que pode fazer para a sua vida ser melhor?*

É endireitar a cabeça do meu filho. Às vezes eu fico nervosa por causa dele. Vamos lá ver.

## **E8 - Isabel**

*Isabel, vamos começar por falar um bocadinho da sua infância, da sua adolescência, o que é que faziam os seus pais para ganhar a vida?*

A minha mãe nunca trabalhou, foi sempre em casa, o meu pai é que trabalhava, para sustentar a gente e era bastante, não era pouco.

*O que é que ele fazia, o seu pai?*

Ele pronto conduz máquinas, camionista e maquinista mas mais, mais era máquinas, Quando era novinha, com uns quatro ou cinco anos, recordo-me que ele fazia blocos, numa fábrica de blocos mas depois foi para máquinas e até hoje foi sempre essa profissão.

*E qual é o ano da escola que eles têm?*

Pronto, a minha mãe eu penso que tem a terceira classe e o meu pai penso que tem a quarta classe, se não me engano, eu também tenho a quarta classe mas pronto. Portanto são pessoas muito antigas e com pouca escolaridade.

*Como é que se recorda da sua infância? Lembra-se desses momentos?*

Eu recordo-me sim, recordo-me de muita coisa boa e muita coisa má também muito mal que a gente fazia, a gente levava, isso eu recordo-me, mas pronto, mas recordo-me de momentos bons.

*Foi uma infância boa?*

Foi.

*Lembra-se dos momentos em família?*

Recordo-me sim senhora, a gente era pobre mas era uma casa muito farta, agente tinha de tudo e não faltava nada à gente. O meu pai trabalhava, sempre trabalhou, mas naquele tempo ele bebia um bocadinho, mas nunca chegou assim, nunca fomos para instituições nem nada, nunca vieram pessoas aqui a casa por ele ser alcoólico nem nada, ele bebia ao fim de semana, ele vinha podre a cair, mas na Segunda-feira esta ali firme pronto....

*Pronto para o trabalho...*

Pronto para trabalhar, ele sabia que tinha oito filhos para sustentar, oito bocas, quatro rapazes e quatro raparigas, não era fácil, minha mãe nunca trabalhou na sua vida, era sempre ele, ele é que tinha que sustentar esta casa e até hoje.

*Mas não se lembra de passar por dificuldades, de passar fome?*

Pronto, tinha momentos, uns mais do que outros, eu vou ser sincera com a sr.<sup>a</sup>, não vou dizer assim: “Ah, passei fome”, pronto naquele tempo a gente passava muito, a gente passava, minha mãe teve a gente atrás um do outro, mas sempre tinha aquelas vizinhas que a gente dava-se melhor e que eram boas pessoas, vinham aqui a casa, sempre vinham trazer um pãozinho para a gente comer, sempre vinham trazer um leite chocolateado quente, recordo-me tão bem disso, das cafeteiras de elas virem cá à porta trazer, eu era pequenina, devia ter uns cinco, seis anos, recordo-me disso perfeitamente e os meus irmãos, os meus irmãos, estavam todos aqui, elas vinham cá trazer, como era tudo pequenino, as vizinhas diziam: “ Eu vim trazer, para dares aos pequenos”mas pronto, havia momentos mais baixos e momentos mais coisa mas tudo se criou, estamos aqui até que estão os filhos todos, tudo se fez.

*E davam-se bem, uns com os outros?*

Davam.

*Havia uma boa relação entre vocês?*

Sim Senhora, a gente sempre se deu bem uns com os outros, sempre.

*Há pouco, a Isabel estava a dizer-me que tem o quarto ano, não é? Tem a quarta classe?*

Tenho a quarta classe.

*E deixou de frequentar a escola com que idade?*

Com treze anos.

*E porque é que de deixou de frequentar a escola?*

Deixei de frequentar porque as minhas irmãs, as mais velhas, já davam dias em casas, patroas, menos uma irmã minha chegou a tirar o nono ano, ela sempre estudou, pronto e aqui em casa para ajudar e tudo e as Sras., que conheciam minha mãe, diziam “ai não gostavas que a tua filha fosse para minha casa dar um dia”? Minha mãe dizia sempre “Ah, isso é com ela” depois naquele tempo, com treze anos, a senhora sabe que isso começa os namoricos, as coisas da escola, meu pai soube, “não vais namorar, vais é para casa trabalhar”, tirou-me da escola com treze anos. Eu estava aqui no quinto ano, já com treze anos estava perto a passar o ano, “vais para casa, não vais ficar na escola para perdes” e tirou-me para casa e desde aí, nunca mais fui para a escola. Como eu não acabei não tive o diploma do quinto ano, eu tenho a equivalência à quarta classe portanto é a quarta classe também que eu tenho. A minha escolaridade obrigatória é o sexto ano mas eu gostava muito de estudar à noite e tudo, ao menos o sexto ano eu gostava de tirar, agora tem muitas mais propostas de trabalho e a escolaridade é muito importante.

*Sem dúvida...*

Até a Dr.<sup>a</sup> A. disse-me há tempos, numa coisa da escola, se chamarem D. Isabel quer, eu disse quero sim senhor, eu vou sem problema nenhum, só que nunca me chamaram.

*Desde que haja essa oportunidade, a Isabel está interessada em tirar o sexto ano?*

Ai, vou logo sim senhora, vou logo à noite.

*Mas gostava de estar na escola?*

Gostava, ao menos para tirar o sexto ano, porque assim sabia que ia buscar um futuro, não é, mais tarde, um futuro para mim, e podia dar um futuro aos meus filhos porque então eles estão na escola e não os tiro, nunca na vida, nem pensar nisso. Tenho o meu filho mais velho que tem nove anos, já está no quinto ano e penso eu que vai passar ou já passou para o sexto ano e tem nove anos, ele é muito esperto. Eu também nunca faltei nenhum ano, eu passava todos os anos, mas pronto pela cabeça do meu pai...

*Era assim..*

A gente com porrada e tudo, a gente levava alguma tapona, alguma rabada, a gente tinha que vir, a gente tinha que obedecer, eu era muito novinha, treze anos, uma criança.

*E começou logo a trabalhar com treze anos?*

Comecei logo a trabalhar, eu dava dias, trabalhava numa Sra., depois, como era muito criança pronto, elas sempre tinham aquelas birras, “Ai quero aquilo mais limpo ou melhor limpo”, eu sempre fui muito arrematada desde pequenina, minha mãe tinha, teve quatro filhas mas para lavar as peúgas era eu, eu é que sabia esfregar mais naquele tanque, aquelas peúgas tinham que sair era branco e era sempre a Isabel que ia para aquelas peúgas e eu tinha que ir para a ribeira, a gente ia lavar tapetes e tudo, foi uma infância, pronto agora neste tempo, agora é uma infância muito bonita, não é daquelas coisas antigas, de ir para a ribeira lavar os tapetes, essas coisas assim.

*Gostava de fazer isso?*

Agora ao ponto, pronto, com a coisa de vida que a gente tem hoje, que agora tudo tem máquinas, máquina de secar, máquina de lavar, tudo, penso eu que naquele tempo havia perante as coisas que a gente fazia, havia muito mais amor, muito mais coisa, era tudo, a gente podia dizer, não é, é natural, a gente fazia aquilo tudo, agora é tudo através de máquinas, já não dá aquele interesse, a gente tinha que ir esfregar, até a gente ficava mais magras, com os braços todos cheios de músculo...

*Actividade física!*

Exactamente, agora não, agora é só obesidade.

*E que empregos então é que teve? Começou a trabalhar aos treze anos a limpar casas e até que idade é que trabalhou como empregada doméstica?*

Pronto, foi limpar casas, até me casar foi limpar casas. Depois casei, tive em firmas de limpeza, tive na MBA que depois passou para IBERLIM e depois de estar lá a trabalhar, nesta companhia de limpeza, acabou o contrato, estive aqui no BPI também, na Ribeira Grande trabalhando, depois acabei o contrato e eles tramaram-me também, não foi coisa de fazerem-me assim uma carta de despedimento, pensando que era férias e não era, fui para casa com uma mão à frente e uma mão atrás, pronto e com dificuldades também, porque não estava recebendo rendimento, não estava a receber nada. A minha mãe, Deus lhe dê o céu, é que ajudava muito, agora já não tenho essa coisa para ela poder-me ajudar, também tem-me custado agora um bocado, foi assim mas trabalhei, depois trabalhei nuns dois ou três cafés, fui empregada de balcão mas não dava muito certo, porque um tinha um feitio depois pronto, muita gente bêbada, não dava muito certo para mim e eu desisti. Fiquei parada um tempo em casa, um bom tempo, uns bons mesinhos a receber o rendimento pronto, agora estou no hospital de Ponta Delgada 3 meses, até acabar o contrato, para férias, sei que venho para casa que elas já disseram que eu venho para casa. Elas já disseram que vão dar o meu nome lá em baixo para outra vez mesmo para o hospital, estava na Santa Casa tirando formação agora, por acaso eu gostava de acabar aquela formação porque...

*Qual era a Formação que estava a tirar?*

Pronto, ajudar assim os idosos, ir levar os idosos a casa, eu gostava muito de estar lá.

*Mas que formação era essa?*

O projecto Agir, a gente estava no projecto Agir, eu até que tenho a documentação dentro do carro, a Dra. P, é muito boa psicóloga, gostava imenso de estar lá só que surgiu-me estes três meses...

*Surgiram estes três meses e aproveitou...*

Eu aproveitei mas falei com a Dra. A. sobre isto, a Dra. A. falou com ela e ela disse que passa a declaração, que podia regressar àquela coisa. No fim daquela formação a gente tem uma carta de recomendação e aquela carta é muito bom, já me servia muito para dentro do Hospital. Se eu desse o nome, mesmo que fosse lá, mesmo lá, aqui na Santa Casa, pronto mesmo que não fosse no Lar dos Idosos ou para ir levar refeições a casa ou para a limpeza ao menos eu sabia que era um serviço seguro e eu não gosto de estar em casa a receber o rendimento, não gosto, eu gosto de estar a trabalhar, trabalhar por aquilo, pronto a gente sabe que quando estamos aflitas o Governo ajuda e acho muito bem, quem tem crianças que as crianças não têm culpa de vir para este mundo pronto, acho muito bem, a força é para ele, a força é para ele, é para escolas, a comida, é pouco mas é pago, é a outra escola, o ATL também pago, isso é tudo com dinheiro, a gente sabe pronto e os problemas e a crise que está aí ...

*Claro...*

Não tem sido nada fácil não tem ajudado nada.

*Então D. Isabel, a senhora começou a trabalhar e entretanto com que idade é que casou?*

Eu casei com 19 anos. Casei com 19 anos e tive o meu primeiro filho com 19 anos.

*E quantos filhos teve?*

Tenho dois filhos, tenho um pequeno de nove anos e um de sete anos.

*E são os dois do portanto... a Senhora quantas vezes casou?*

Casei duas vezes, casei aqui com esse pai desse meu filho mais velho, não vivi um ano casada, não deu certo, ele tinha muitos problemas graves mesmo de saúde, de cabeça pronto e a partir do momento que era muito nova, tinha 19 anos e dava-lhe muita crise, estava sempre internado na Casa de Saúde pronto dava-lhe aquelas crises e eu disse-lhe a ele, escolhe a gente tão juntos, foi só civilmente que eu casei, tanto faz com um como com o outro, a gente estamos aqui para o bem e para o mal, escolhe ou a tua família ou eu e ele como dava-lhe aquelas coisas, é a família pronto depois fui-me desimportando, já não sentia a mesma coisa por ele, a doença Nosso Senhor é que dá, já se sabe mas era porradas e tudo, uma coisa sempre discussões, não dava certo.

*E acabaram por se separar...*

Não corri os papéis logo e já porque não tinha dinheiro mas fui para um advogado e estava nessa papelada do divórcio quando eu conheci o pai do meu filho, ele veio cá correr o divórcio com a ex-mulher, a gente se conheceu, começamos a namorar, já estava seis meses fora deste pai do meu filho mais velho, pronto ele foi-se embora para a América, mandou-me o dinheiro para a passagem e eu fui-me embora para lá. Não levei o meu filho, o meu filho tinha, ao fim de um tempo tinha, isso tudo aconteceu ele foi-se embora, esteve lá a tirar carta de pesados, camiões e tudo lá fora e eu tive que esperar um tempinho. O meu filho tinha um ano e um mês, não pude levar porque não tinha o divórcio ainda, ele ficou com a minha mãe, a criança.

*Durante quanto tempo é que o seu filho ficou cá?*

Ficou cá 2 anos, eu estive lá e ele ficou cá com a minha mãe dois anos pronto ele já tinha 2 aninhos, quase três anos, quando eu vim para cá para trás, quando eu vim de vez com o meu outro filho. Eu estive lá fora 3 meses e vim-me embora para trás, vim em busca de um pai para o meu filho mais velho, ao fim e ao cabo, fui arranjar mais um menino para lá, fiquei grávida, cheguei cá estava grávida já, minha mãe “Não vais ficar com mais um filho nos braços e não tens ninguém” vais voltar para trás e casar, então eu casei lá fora que eu sou divorciada, ele é solteiro o pai desse meu filho mais mocinho, eu sou divorciada aqui, ele é solteiro, eu sou casada lá fora e pronto, o mais velho vou busca-lo aos fins-de-semana em Rabo de Peixe vou busca-lo lá.

*O seu filho mais velho vive em Rabo de Peixe?*

Vive com o pai, como eu não tinha coisas nenhuma para estar com a criança ele pronto minha mãe como o criou, ele não me obedecia, estava sempre pela rua, fazia muito mal.

*Não tem muita ligação consigo.*

Não tinha muita ligação, pegaram na criança e tiraram, eu estava aqui a viver, vivia aqui muita gente, não tinha condições, o pai tinha melhores condições porque o pai...

*O P. é o seu primeiro marido?*

O meu outro filho mais mocinho, o meu primeiro marido, ele chamava-se D., o segundo é que é P., tem o nome do filho pronto mas eu estou-me a referir ao meu filho ele aqui estava sempre no quarto, o mais pequeno, têm diferença de 2 anos, um tem sete e outro tem nove estava sempre assim aqui com a gente e então eu também estava sempre em cima dele e ele como não apetecia, vivia muita gente aqui nessa casa pronto pegaram nele e puseram-no numa instituição para ver se a criança ficava mais, respeitava-me mais e então eles disseram a senhora que escolha, quer que ele fique com o pai ou então fique lá em baixo nos Gaiatos, pronto ele não tem uma mãe que tem vícios, se dissesse assim, tua mãe tem vícios ou que não coisa, a gente não dá a criança à Sra., não é pela Sra., é pela casa, não tem coisa, não tem possibilidades de estar com a criança, porque eu já tinha um quatinho, que a gente dormia lá em cima, então eu preferi que eles o dessem ao pai do que ficar nos Gaiatos.

*Numa instituição.*

Do que ficar nos Gaiatos, eu acho muito bem porque desde que eu criei aquela criança o Pai nunca deu sustento, nunca fez caso daquela criança, era raríssimo quando ele vinha, nunca fez caso dele portanto eu achei bem ele ficar um tempo com o pai, também para ver o que é ele agora é uma criança totalmente diferente. Já me chama mãe, antes era Isabel, já me chama mãe, se é para pedir alguma coisa é posso mãe e essas coisas assim, quer vir para mim, ele já disse que quando for para ir para tribunal que quer vir para mim, sabe quem é seu pai mas gostava de estar comigo, é normal.

*Claro.*

Ele saiu de dentro de mim, é lógico que queira estar com a sua mãe, talvez não lhe desse muita atenção, não era eu que eu dava-lhe atenção, só quando não me obedecia, talvez não lhe desse aquela atenção, como ficou assim um bocado confuso, ficou com os avós, não via a mãe, aquilo mexeu com a cabeça do pequeno mas ele agora está muito

melhor e já vê bem as coisas e quer voltar, espero que um dia o Tribunal me dê o meu filho porque pronto não digo que não vá para o pai, vai aos fins-de-semana, como ele está comigo mas eu espero ficar com as duas crianças, não só com uma., com o mais mocinho.

*Tem dois filhos, não apenas um, tem o M. e tem o P.*

Exactamente, tenho dois. Eu espero um dia ficar com ele, ficar com o M. Espero que ele que venha para mim e que fique comigo, é normal penso eu que qualquer mãe dizia isso. Mas pronto já trabalhei um bocado e quando tive o M. pronto penei um bocado também naquele tempo porque quando eu deixei o Pai, eu estava a dizer a eles e o M. era muito pequeno, um bebé necessita muita coisa, de leite era leite de farmácia porque leite de peito eu deixei de dar porque eu estava sempre por fora a trabalhar, não podia estar de pouco a pouco em casa para dar leite de peito que eu tive, por acaso eu tive, desse meu segundo filho eu também dei quase até um ano, então se pudesse dar até eu secar eu dava, só que não podia, a vida não nos permitia....

*Tinha que trabalhar...*

Tinha que trabalhar, portanto esse pai desse meu segundo filho ele mesmo diz, ele conheceu-me com uma sapatilhas rotas, andava com umas sapatilhas rotas andava mesmo...mas o meu filho tinha tudo de bom, isso é verdade, as verdades são para se dizer, ele tinha tudo, ia buscar, está ali o rapaz da farmácia que é testemunha, era tudo CHICO, os sabonetes, tudo, foi criado com tudo do bom e do melhor, não lhe faltava nada tinha as vacinas em dia, tudo direitinho, isso então, eu posso ter mil e um defeitos não chega para mim mas os meus filhos têm tudo direitinho. Tudo direitinho, têm as suas vacinas, têm tudo direitinho e assim é que deve ser que as crianças não têm culpa de vir para esse mundo, não têm.

*Então, portanto só para recapitular, a Isabel casou com 19 anos, entretanto não correu muito bem o seu primeiro casamento, entretanto conhece o P., vai viver para os Estados Unidos, fica grávida e depois regressa com o...*

Eu regresssei para cá, eu estive lá três meses e regresssei, não sabia que estava grávida mas era para ficar de vez cá, não ia mais lá, disse hei-de arranjar um homem por aqui e pronto.

*Porque as coisas não correram muito bem lá...*

Não correram muito bem lá, mas à base assim, não foi de maus-tratos nem nada, ciúmes, aquela coisa assim e eu disse, fogo, eu já sofri tanto com um com ciúmes e com tantos maus-tratos também não era de bater por bater mas quando lhe dava aquelas crises ele batia, eu disse vou ficar. pronto não me veio o período e tudo minha mãe disse, vai fazer um teste, estava grávida e fui para trás, foi na altura que fiquei lá dois anos. Quando regresssei de vez e até hoje, nunca mais fui, já vim com o meu filho.

*E com ele.*

E com ele. Ele teve aqui um tempo, depois ele voltou para lá e depois não conseguia ficar lá, depois tornou a regressar, veio para cá outra vez, teve aí uns meses, veio até que ele ficou até hoje. Está aqui a fazer a sua vida, ele diz que quer ir para lá outra vez que então a gente não dá, só que ele não tem o dinheiro para a passagem.

*Era aquilo que dizia há pouco, vai sair agora de casa não é e vai tentar...*

Ele diz que... ele já teve assim uns meses, a gente morando num quarto, ele diz que quer ir para o seu país, eu lá fora não vou, porque eu estava muito com a mãe dele, que é a minha ex-sogra que também já faleceu e aquilo era uma santa, eu dava-me muito bem com ela, ela faleceu e eu disse a ele, no dia que tua mãe morra, vou-me embora para Portugal, que era muita coisa que ela ajudava e a gente quando tinha alguma discussão ela apoiava-me e eu ia ficar lá ao “Deus-dará” e eu disse vou-me embora para a minha mãe. Chego aqui, pouco tempo depois a minha mãe faleceu, eu vou ficar por aqui agora, o que é que eu vou fazer mais para lá mas o meu filho é americano, um dia que ele queira....

*Há quanto tempo é que está cá?*

Estou cá já há bastante tempo senhora, eu estou cá, o meu filho tinha um aninho, penso que tinha um ano, tinha pouco tempo, já estou cá há mais ou menos uns seis anos, ele era novinho, trouxe-o naqueles saquinhos que a gente traz assim ao colo, o pequeno ainda veio ali, estava perto a fazer um aninho, já tem sete anos, já vai a caminho de oito anos, este ano já fez sete portanto já estou aqui já há uns bons anos.

*E na altura como é que soube da existência do Rendimento social de Inserção?*

Pronto aquilo, as pessoas comentam, a gente vê na televisão nas notícias, as pessoas que estão desempregadas e têm crianças o Governo ajuda depois pessoas que já têm feito, disse, olha, porque é que não vais fazer, vais pedir ajuda à Segurança Social, eu disse, vou tentar a minha sorte.

*E porque é que resolveu pedir, que dificuldades é que sentia?*

Não ter dinheiro para comer nem nada, não ter dinheiro para dizer assim, eu quero comprar um pacote de leite, não tinha, mesmo dizer para a alimentação eu tive que me socorrer também do banco alimentar.

*Também já recebeu do banco alimentar?*

Já recebi do banco alimentar mesmo, foi mesmo por causa de coisas que precisava mais porque a gente sempre amanhava-se também agora eu posso dizer à Sra. que a gente agora passa mais fome do que aquilo que a gente passava antigamente, agora está mesmo difícil, meu pai é assim isso tudo da maneira que está, sou sincera, não vou estar a dizer que não porque eu sou sincera e a Dr.<sup>a</sup> A. está ali que ela pode dizer, se tem uma coisa que eu gosto de ser é curta, direita e ser muito sincera de dizer a realidade porque é realidade, não vou estar escondendo e agora neste momento a gente passa mais dificuldades, eu socorri-me do rendimento porque com dificuldades que temos, quero dar ao meu filho e não ter, ele a pedir-me um iogurte, pedir-me comida e não ter para dar era um bocado de pão que a gente se amanhava, muita coisa minha mãe Deus lhe dê o céu dava, era minha irmã, de repente uma irmã ou outra dava-me uns iogurtes, minha mãe, minha mãe sempre dava aos netos, essas coisas assim, foi mesmo por causa disso, mesmo para sobreviver que recorri ao rendimento.

*E como é que se sentiu quando pediu?*

Pronto senti-me um bocadinho assim, um pouco inútil, dizer assim estou a pedir e não consigo trabalhar mas pronto era quando não arranjava trabalho. Mas dizia assim, a todo o momento que eu arranje um trabalho, eu sou pessoa para vir cá e dizer que já estou a trabalhar, como foi agora, surgiu isso agora e não quero esse rendimento, é só mesmo por

causa de uns tempos eu poder sobreviver, eu e o meu filho, agente também tem que viver, se não viver também fica para aí a criança e pronto uma pessoa sente-se um pouco assim, dizer assim está a pedir, com tanta pessoa para aí, a gente também precisava mas pronto Deus Nosso Senhor dê a todos um pouco mas a realidade é que senti-me um pouco inútil, dizia assim estou a pedir dinheiro e será que não consigo trabalhar? Mas nada como a gente trabalhar pelo nosso dinheiro, nada como a gente trabalhar.

*Mas a Isabel já por 5 vezes que pediu o rendimento...*

Já pedi 5 vezes.

*Já tem 5 processos.*

Aquelas vezes todas arranjava sempre trabalho...

*Arranjava trabalho e era cancelado, depois o que é que acontecia?*

Pronto nunca foi dizer assim agora eles cancelaram por assim dizer a pessoa não comparece ou não foi uma carta e foi cortada, ou seja, aconteceu qualquer coisa, ou por falta de não ter as vacinas ou alguma coisa assim, nunca foi por isso. Foi só mesmo por causa de cortar, a última vez, pouco antes de ir para a América eu estava cá e fui-me embora para a América, disse a elas que ia para a América e elas então foi cortado, até aí neste ponto foi cortado, quando eu vim para cá, ainda estivemos um tempinho bem aqui na casa dos meus pais, fomos morar para uma casa alugada, ele também trouxe uns troquinhos lá de fora porque ele trabalhou, partiu uma perna lá fora, também trouxe uns troquinhos do seguro, pronto claro que acabou esse dinheiro, ele sem poder trabalhar aqui, eu parada sem fazer nada, tive que me socorrer outra vez do rendimento que era coisa que a gente socorre é isso, para a gente viver é isso, é a única maneira, é isto e o banco alimentar, se não fosse isso, a gente morria todos à míngua. Eu sou sincera com a Senhora, esta vez foi mais uma vez cancelado porque aproveitei estes três meses está bem que foi por pouco tempo mas prefiro trabalhar esses três meses que sei que vai-me dar mais uns troquinhos e vai dar uma outra oportunidade a outra pessoa que precise de receber e pronto quando acabar estes três meses de contrato, sei que tenho ali o meu dinheiro garantido, sei que fui sincera e sei que mais uma vez vão-me ajudar porque se a pessoa joga limpo e se é sincera, o Governo está aqui para ajudar e a Dra. A. está ali e são belíssimas pessoas mesmo e são pessoas mesmo simpáticas e gostam de ajudar, vou ser sincera.

*E antes de pedir o Rendimento, já tinha pedido outros apoios no Serviço de Acção Social ou o Rendimento foi o primeiro apoio que pediu?*

Foi o primeiro apoio que eu pedi, já tinha pedido foi para o meu divórcio, já tinha pedido lá para o meu divórcio, até que não tive muito sucesso com isso até que tive que pagar mesmo o advogado, tive que trabalhar e pagar, isso era coisas que levavam muito tempo e depois como eu conheci esse pai do meu filho, o divórcio, o divórcio, eu disse, eu vou dar metade e foi o dinheiro do nosso casamento. A gente se casou, o pai ofereceu, ele tinha dinheiro, o pai ofereceu dinheiro, a mãe ofereceu dinheiro, a irmã ofereceu dinheiro, a gente juntou e foi o resto do meu divórcio que a gente pagou de lá de fora. Mas foi mesmo por causa disso, foi o banco alimentar, agora o governo já se pediu para me darem uma casa, até hoje também sem sucesso, estou aqui, não tenho o meu filho por causa disso, o meu filho mais velho eles não mo dão...

*Mas tem um processo para ter uma casa.*

Tenho um processo para ter uma casa, sei lá onde é que esse processo está Sra., ou já está extraviado, eles disseram que era agora em Abril, não tive a sorte, muita pessoa teve a sorte isso é assim, Nosso Senhor não dá para todos, deu para alguns, uns tiveram eu não mas uma casa era mesmo necessário porque a psicóloga R., que é da criança, está a par do ponto de vista que é da criança e com brigas e isso, não é nada bom para a criança.

*Mas qual dos seus filhos?*

O mais novo, o mais novo, o M. já mo tiraram por causa disso, deram ao pai, o que é que vão fazer a esse, se o pai está aqui? Vão-me tirar a criança? Isso é muita coisa junta e a gente fica sem saber....

*E é muita gente a viver cá em casa, na casa do seu pai.*

Agora tem menos.

*Quantos são aqui a viver?*

De qualquer das maneiras, portanto agora neste momento sou eu, o pai do meu filho, que ele já saiu mas Sexta-feira agora vai para um quarto, vai mesmo sair, já não devia estar cá, quer dizer, não está cá morando, ainda ontem levou uma tenda debaixo do braço mas eu penso que vai ficar hoje cá porque ninguém gosta de dormir na rua, pelo menos até Sexta-feira, depois vai para um quartinho, também não se faz pouco de ninguém, ele não tem cá, não tem família cá, pronto também recebe é do fundo de desemprego.

*Ela não está a trabalhar?*

Não está a trabalhar também portanto então é ele, eu, o meu filho, que a gente vive naquele quartinho, o meu pai, tenho uma irmã solteira que tem dois filhos, meu irmão P. que é viúvo, tenho um outro irmão mais moço, é contar, tem, tem um bocadinho ainda de pessoas, tem.

*Isabel, das vezes que recebeu o Rendimento, lembra-se de ter assinado o Acordo de Inserção?*

Lembro-me sim senhora.

*Está a ver o que é, aquele contrato que é assinado com todas as pessoas que recebem o Rendimento?*

Pois, estou a ver qual é.

*Lembra-se que acções é que estavam nesse acordo, o que é que estava lá escrito?*

Eu agora já não me recordo mas eu penso, eu penso, aquilo que eu me recordo agora mais recente, penso eu que era essa tal escola.

*Era frequentar...*

Era, a senhora depois quando chamarem a Sra., a senhora vai? Vou sim senhora só que nunca me chamaram, era o acordo que estava. Este último agora, isso era, isso foi o mais coisa, aqui há um tempinho. O mais recente foi este, foi daquela formação na Santa Casa, também assinei esse acordo, a senhora vai aceitar? Vou sim senhora, fui lá assinei, até que fui para a Santa casa e estava adorando estar lá.

*E a senhora propôs alguma coisa ou simplesmente aceitou aquilo que elas disseram?*

Só aceitei aquilo que elas disseram.

*Não propôs nada?*

Não propus nada, disse aquilo que vier é isso mesmo que eu faço, elas disseram a senhora tem preferência, como vai agora para esse coisa, alguns serviços, tem escolas, pronto tem creches...Eu disse oh senhora, eu adoro crianças mas se me pusessem para ajudar pessoas que precisam, como a Santa Casa, ajudar a dar banho, dar refeição, poder, aquele acto assim de poder ajudar pessoas, eu prefiro este do que ir para a cozinha, coisas de fazer limpeza, preferia mesmo ajudar pessoas, ir levar os idosos a casa, ajudar a levantar, ir à casa de banho, D. Isabel tem, tenho sim senhora, é isso que eu que e até que era essa função que eu fazia lá.

*Então isso foi importante para si, ter assinado foi importante para si.*

Foi sim senhora.

*O que é que mudou na sua vida ou em si desde que está a frequentar aquele projecto?*

Pronto, é assim, vou ser sincera com a senhora aprendi muita coisa, eu aprendi muita coisa lá e a gente aquilo é tudo, é como um convívio, são pessoas muito meigas e nós somos duas vezes crianças na vida, é quando nascemos e quando somos idosos, aprendem muita coisa, aprendem sei lá, aquela coisa de mais afecto, carinho, aquilo tudo ao redor, não é que não tivesse aquilo, tive mas pronto a gente tem mais convivência com aquelas pessoas, a gente aprende, a gente sai de lá, pronto a gente costuma dizer assim, a gente sai de lá sabendo o que é que se passa e a vida, cada qual tem a sua e depois as pessoas antigas, pronto eu gostava de estar lá e fazia muita coisa lá, fazia aquelas bandeirinhas para o Espírito Santo, fazia aquelas bijutarias todas e também ajudava até que eu já sei dar uns pontinhos mas a gente lá aprende muita coisa, eu gostei muito de estar lá.

*Lembra-se na altura que assinou o acordo, como é que se sentiu nesse momento?*

Senti que estava a fazer, por um lado, estava a fazer bem, senti que ia assinar qualquer coisa que fosse-me dar mais tarde um bem na vida, foi isso que eu senti por isso vou pronto é para a Santa Casa, se eu quero ajudar, tinha aquela fé e embora mais tarde ia ter aquela cartinha de recomendação, vou ter um futuro, assinei mas sabendo que ia ter um futuro mais para a frente na minha vida.

*Aquilo era importante?*

Eu achei que aquilo era muito importante e assinei.

*E as acções que foram acordadas, foram cumpridas?*

Foram sim senhora, foram muito bem cumpridas.

*Tem sempre essa preocupação de cumprir com aquilo que está acordado?*

Eu fiquei, fiquei de parabéns, está ali a Dra. P. que me deu os parabéns lá e a Dra. A. também pode dizer isso muito bem, assinei e assinava mais uma vez se fosse preciso que nunca fui assim de dizer contra, a gente sabe, a gente pronto para a Acção social nos ajudar, a gente também tem que lhes ajudar e a melhor maneira de a gente lhes ajudar, é fazendo isso tipo “part-time”, aquelas horinhas, a gente também está a ajudar as pessoas e a gente está a aprender.

*Acha que é importante essa contrapartida, as pessoas também terem que devolver alguma coisa?*

É sim senhora, não é só dizer assim o governo ajuda, agente quer ser ajudados, a gente também tem que ajudar. Não é só dar dinheiro e não, depois a gente, eu acho muito bem, isso foi a melhor coisa que puseram aí agora, foi a pessoa ter aquelas três horas, a pessoa também poder ajudar, também tira a pessoa um bocado de casa, a pessoa aprende, não faz mal, a pessoa distrai e a pessoa dá para poder receber. É muito importante, eu acho que sim.

*A pessoa tem que dar para poder receber.*

Exactamente, a pessoa tem que dar para poder receber.

*Então o que é que acha que mudou na sua vida, desde que recebe o rendimento, já recebeu várias vezes, o que é que acha, dessas vezes, o que lhe trouxe o Rendimento para a sua vida?*

Trouxe-me um bocado de felicidade. Estava naquela coisa de muito pessimista, pronto como é que vai ser e sempre muito nervosa, dizer assim como é que eu vou dar um prato de comida ao meu filho, pronto isso facilitou muito a minha vida, já seguimos dias, dia a dia mais descansadinha....

*Tornou-se uma pessoa mais calma?*

Mais calma, é assim, posso dizer que vou ficar em casa, sei que estou desempregada mas sei que posso contar, ao menos sei que o meu filho não morre de fome nem vai passar fome porque tem aquele dinheirinho ali, que não seja para mim, cresça pouco para mim mas sei que a criança tem, ao menos isso, pronto a pessoa vive mais descansada porque está-se fiando naquele dinheiro, é verdade, é. Agora tem muitas pessoas que se fiam naquele dinheiro e não querem arranjar trabalho mas não, nunca foi o meu caso e não espero ser, até porque estou trabalhando. Se não quisesse trabalhar dizia assim, eu não vou.

*E alguma vez arranjou emprego pelo Rendimento, ou foi sempre por si?*

Não senhora, foi sempre por mim, elas mandavam-me, a senhora que vá perguntar, fui perguntar, nunca tive sucesso, nunca me arranjaram trabalho através de...

*Foi sempre a senhora?*

Fui sempre eu, eu é que dizia, Sra. Dra. Já fui, Dra. A. dizia mas não estão a precisar, D. Isabel que vá a tal sítio, eu já fui senhora, não tenho sorte pronto, até que Nosso Senhor, pronto, não fecha uma janela que não abra um portão, agora surgiram-me estes 3 mesinhos que eu aproveitei, eu botei-me logo de cabeça, eu fui pedir num Domingo e na Segunda-feira já entrei. Falei com a senhora, pedi muito à senhora, disse a ela que tinha uma criança para sustentar,

disse a ela que estava a receber rendimento mas que não era receber aquele dinheiro assim, eu podia estar a trabalhar, recebia mais qualquer coisinha e facilitava mais a vida, pagava as minhas dividazinhas e a minha vida ficava mais um pouco mais estabilizada, com as dívidas pagas, já era menos uma coisa fora da cabeça e dava oportunidade a outra pessoa de receber aquele dinheiro que eu estava desistindo.

*Claro, claro.*

Tinha que desistir, a gente tem que desistir quando começa a trabalhar portanto ela aceitou, concordou, foi muito boa a senhora também, fui lá no Domingo pedir a ela e na Segunda-feira já comecei lá, gostam imenso de mim, o serviço está correndo com sucesso, todas elas gostam, eu sou uma pessoa sociável, dou-me bem com toda a gente, graças a Deus e esperava, bom, bom mesmo, eu esperava no fim desse contrato era ficar e dizer assim, vais assinar mais três ou vais ficar mas pronto, infelizmente a gente sabe que não é assim, ela já nos disse, já me disse que não pensasse nisso.

*E que opinião é que tem sobre o Rendimento, Isabel?*

Portanto, a opinião que eu tenho, foi um bem que pronto, quem teve essa ideia foi o governo, penso eu foi um bem, ajudar as famílias, ajudar as pessoas mais carenciadas.

*E como é que se sentiu a receber este apoio?*

Senti-me bem. Senti-me bem, senti-me feliz, não é, senti-me feliz, senti-me bem porque eu sabia que ia-me ajudar e muito mais descansada e contente, claro, a gente fica contente, a gente sabe, a gente fica contente só de saber que amanhã tem uma fatia de pão para dar a um filho nosso, a gente fica muito contente, apesar de não ser do nosso suor mas sabendo que há alguém que possa nos ajudar a gente fica muito, ao menos eu falo por mim, eu senti-me foi assim, senti-me muito contente, um dia mais tarde não que dizer que não vá trabalhar mas pronto, agora neste momento não tenho, o governo vai-me ajudar, fiquei muito contente. Elas quando disseram que foi aprovado e tudo, fiquei muito contente, ao menos foi um alívio, ao menos sei que o meu filho não vai passar fome, foi isso que veio à minha cabeça.

*E pensando precisamente no oposto, na altura em que foi cancelado, nas alturas em que foi cancelado, como é que se sentiu, nos momentos em que deixou de contar com o Rendimento?*

Senti-me, não é a mesma coisa, senti-me despojada, senti-me pronto, um bocado em baixo mas estava a trabalhar, sentia-me assim...

*Mas concordou, percebeu porque é que tinha sido cancelado?*

Concordei, sabia que tinha sido cancelado porque comecei a trabalhar e tinha que desistir mas pronto, é ótimo começar a trabalhar mas era uma ajuda que aquele dinheiro dava, está bem que eu tenho o meu ordenada agora, temporariamente, por pouco tempo mas sempre tinha aquele dinheirinho, já dava para outra coisa ou dava para o pequeno ou uma coisa e outra, pronto a gente sente como a gente perde um pouco de nós, a gente perde, não é aquela coisa de dizer assim a gente perde de vez, não mas a gente perde mas a gente vai mais tarde quando a gente precisar, a gente sabe que a gente pode pedir e vamos ter apoio.

*E de que forma é que reorganizou a sua vida, na altura em que foi cancelado? Como é que deu a volta à situação?*

Pronto dei a volta, normalmente eles cortam e a gente fica com o dinheirinho ainda naquele mês, a gente tenta equilibrar mais as coisas naquele mês para a gente poder trabalhar e pronto, no mês a seguir a gente já tem aquele dinheirinho que é do ordenado mas é sempre mais qualquer coisinha e claro dá mais jeito, cresce sempre mais qualquer coisinha, sempre pode comprar mais qualquer coisa, pronto, hoje a gente compra e sabe que não tem grandes coisas, grandes dinheiros para a gente comprar tudo aquilo que a gente vê mas pronto hoje compra-se um pacote de leite, claro que com o ordenado não vou comprar um pacote de leite, vou comprar uma embalagem de leite ou pronto, a gente, sempre facilitava mais a vida e a pessoa quando está bem, é a tal coisa, a pessoa quando sabe que tem, por exemplo, eu regulo-me por mim, quando não tenho dinheiro, quando não tenho dinheiro nenhum na minha carteira sinto-me um bocado triste porque sei que não tenho, apesar de fazer compras para o mês e ter compras para o mês, que não o caso de agora, agora estou passando um bocado mais difícil, comecei a trabalhar e o dinheiro que foi posto no mês que passou, foi para gasolinas e comprei comida para a criança e tudo, agora estou passando mais um bocadinho assim mas pronto sinto-me mais um pouco em baixo porque se a criança me pedir uma coisa diferente, se disser oh mãe, eu hoje quero comer aquilo, oh mãe, eu amanhã quero dar um passeio eu digo assim, a mãe não tem, a mãe tem que poupar gasolina para poder ir trabalhar, pronto, esse mês teve um bocadinho assim mais em baixo porque sei que não tenho um cêntimo na minha carteira mas para esse mês que entra, sei que vou ter mais qualquer coisinha mas como uma pessoa está toda entaladíssima pronto, vou ficar feliz porque vou receber aquele dinheiro, aquele ordenado.

*Está a pensar nisso, vai buscar a sua força também nisso.*

É nisso, o que dá força é a gente trabalhar no dia a dia e todos os dias a gente chegar ao fim do mês e a gente receber, a gente poder ter para dar aquilo que os nossos filhos precisam, neste caso o meu filho, aquilo que a gente dá. O meu filho mais velho, tenho que dar o sustento a ele, que é 120€ todos os meses, não dou porque não tenho, também estou um bocado triste por causa disso, também gostaria muito de ajudar e se desse ao pai, o pai também compraria qualquer coisa para a criança e a criança mal a vejo, ainda ontem vinha com as sapatilhas todas rotas, também está a precisar, ele também recebe Rendimento, essas coisas assim, aquilo que a gente puder ajudar, pronto, só eu saber que não posso ajudar o meu sangue, que é os meus filhos, claro uma pessoa fica triste, não é, fica em baixo e este mês que entra, a gente já sabe para onde vai o dinheiro, eu estou com a conta descoberta, o mês que eu vou estar mais assim um bocadinho coisa, vai ser no último mês que eu estiver lá, que as contas já vão estar mais regularizadas e assim, automaticamente, aquele dinheiro quando entrar para a minha conta, eu deposito lá no banco perto de 200€ para aquela prestação, vai-me crescer só 50 ou 60, aí à beira dos 100€ pronto vai-me pôr outra vez em dificuldades, mas eu sei que as dívidas já estão fora da cabeça e com aquele pouco dinheirinho, hei-de ir comprando qualquer coisa para a criança porque a pessoa que recebe o rendimento não pode ter o banco alimentar é só mesmo para a criança, até surgir um outro trabalho. Quando surgir um outro trabalho, eu vou outra vez falar para lá e vou aproveitar porque a gente para viver, a gente não vive do rendimento, o rendimento é uma ajuda, para ajudar a gente não passar fome e não morrer à fome, é isso, para viver do rendimento, ninguém vive do rendimento.

*Ninguém pode viver...*

Ninguém pode viver.

*Mas acha que é importante as pessoas viverem sem estes apoios?*

Pronto, tem pessoas com mais é a tal coisa, de escolaridades com possibilidades melhores de viverem, vivem bem sem isto.

*Sem isto.*

Vivem bem mas também têm coisas, lucros para isso e têm a tal coisa da escolaridade e profissões para isso, pronto, passam bem sem isso. As outras que não têm, como são famílias mais modestas e tiveram uma infância assim um bocadinho coisa, não, não passam sem isso. Tudo é dali que vive, essas pessoas mais carenciadas são tudo dali que vivem, tudo do Rendimento.

*É a primeira alternativa que têm, é realmente pedir esta ajuda.*

É, é logo. O que vem à cabeça logo é vou pedir Rendimento, vou pedir ajuda.

*É a primeira coisa que lhe vem à cabeça?*

È a primeira coisa.

*Não pensa noutras formas de se calhar vou pedir ajuda a algum familiar?*

Não, se eu tivesse assim família, se eu dissesse assim olha tenho uma família mais desviada e que tem, vou-lhes pedir ajuda, eu optaria por isto mas como eu não tenho, é tudo famílias, é tudo uns piores do que os outros, a gente não pode de maneira nenhuma se socorrer de banda nenhuma, o que é que a gente pode fazer, a gente tenta falar ou explicar a algum familiar, se eu tivesse ajudava mas eu também não tenho, também estou à rasca, pagando carro, pagando casa, para onde é que me vou virar, eu não vou morrer à fome, o meu filho não vai morrer à fome, é o Governo, é para o rendimento que a gente vai, não tem outra alternativa, é esta.

*O rendimento continua a ser importante para si?*

Continua a ser muito mas isso é o rendimento, só se for o rendimento na última expectativa mesmo que eu não arranje trabalho. Aquilo que eu puder tentar, eu vou tentar. Eu faço os papéis para receber mas durante aquele período, estou sempre a tentar arranjar trabalho embora diga assim hoje começa a trabalhar, amanhã não recebes rendimento, eu prefiro trabalhar, pronto eu já sei que vou receber este mês mas eu prefiro disponibilizar, não quero receber, como já vou começar a trabalhar, só mesmo em último recurso porque a gente, eu tento sempre e esse tempo todo que eu estou recebendo, sempre estou atrás de trabalho e perguntar, eu até perguntei, esse por acaso de Ponta delgada surgiu eu estava na casa de uma colega minha e ela recebeu um telefonema de uma outra colega a dizer que uma colega que estava lá, portou-se mal ou não sei quê, foi despedida e eu ouvi isso e disse oh Isabel, será, se ela foi despedida, será que elas vão ter vaga para mim? Oh Isabel, vai lá abaixo, fala com elas, fui falar e tive essa sorte mas pronto, sempre assim, sempre a estar atenta, sempre a ver no Modelo, sempre a procurar, pronto é mesmo o último recurso, o rendimento. Não vale a pena a gente pedir assim, olha vou estar descansada, quando arranjar trabalho eu arranjo, vou receber pelo rendimento e estou em casa, não, no meu caso não sou assim. Não digo que outras pessoas não sejam mas na minha situação, o rendimento é o último recurso mesmo, que eu veja que não posso fazer nada e tenho um filho... tenho dois para sustentar, agora o caso de ser só um e ele não vai morrer à fome, eu tenho de fazer alguma coisa.

*E que sonhos é que tem para o futuro?*

Pronto, sonhos que eu tenho, é ter uma vida tranquila, descansada, porque é assim com o problema que eu tenho até morrer, de tiróide, a vida stressada, não é muito bom para mim, é como a minha mãe e depois morre disso. Uma vida descansada, trabalhar o dia a dia, viver a vida, saber dar uma boa educação aos nossos filhos, não é? Saber dar uma boa educação e um bom ensino, apoiá-los naquilo que eles precisarem, pronto, não tenho, tem pessoas que dizem, olha o meu sonho era ir viajar, o meu sonho era viver uma vida calma, sem stress, sem nada, o dia a dia com os meus filhos, é isso.

*E como é que se vê daqui a cinco anos?*

Daqui a cinco anos, da maneira que isso está agora, daqui a cinco anos, eu sou sincera, não imagino daqui a cinco anos, que eu não sei se chego lá, não me imagino mas espero, espero chegar lá e espero que os meus filhos já estejam e maiores e com uma boa educação, na escola e espero daqui a uns seis, sete anos ser a vida que eu quero.

*Então acha que a sua vida vai melhorar.*

Penso que sim, penso que sim.

*Obrigada Isabel.*

## **E9 - Aberto**

*Vamos começar por falar um pouco da sua infância e adolescência. O que faziam os seus pais para ganhar a vida?*

Eram camponeses.

*E até que ano os seus pais estudaram?*

O meu pai não tinha escola e a minha mãe tinha a 3ª classe.

*Como é que o Sr. se recorda da sua infância e adolescência?*

Recordações, é que eu comecei a trabalhar aos 7 anos. Estava na escola e a trabalhar. Eu pelo menos tirei a 6ª classe. Ia para a escola e quando voltava o meu pai obrigava-me a ir para o terreno trabalhar.

*Mas durante a sua infância, recorda-se de passarem por dificuldades económicas?*

Muitas...éramos 5 irmãos. Não era sempre, mas havia alturas em que faltava o dinheiro.

*Faltava o dinheiro, logo, faltava a comida...*

A comida nem tanto, era mais o dinheiro para pagar certas coisas. Íamos tirando a comida das terras, mas nem sempre a produção dos terrenos dá bem. Umás vezes passava-se bem, outras passava-se mal.

*Existia uma boa relação na sua família? Eram uma família unida?*

Sim, por acaso sim.

*Lembra-se de alguns dos momentos em que estivessem juntos?*

Antigamente éramos mais unidos do que é agora. Agora tenho os meus irmãos todos emigrados para o Canadá. Eles foram à procura de melhor vida. Eu é que não, trabalhei sempre aqui e fiquei por aqui.

*Até que idade frequentou a escola?*

Comecei na escola com 7 anos e acabei com 13, com a sexta classe, mas trabalhando. Quando acabei a 4ª classe, o meu pai não queria que eu continuasse para ir trabalhar para os terrenos e eu fui com uma sebenta e um lápis na algibeira porque o meu pai não quis comprar-me livros e o governo na altura também não ajudava. Mas passei sempre de classe.

*Era um bom aluno...*

Acho que sim.

*E gostava de estar na escola?*

O gostar, gostava, mas o meu pai nunca me deu incentivo, como eu dou aos meus filhos.

*Nota uma grande diferença entre o que era no seu tempo e como as coisas são agora...*

Eu lembro-me quando saí da escola com a 6ª classe, eu tinha uma irmã que estava no Canadá e ela disse ao meu pai “O Alberto já que chegou a esse ponto porque não continua?” e ele disse “a caneta dele já está reservada”, que era o cabo de sacho.

*Trabalhou sempre nas terras ou teve outros empregos?*

Foi na agricultura e lavoura. Foi só isso.

*Alguma vez, durante esse percurso, esteve desempregado?*

Estive, mas nunca foi por muito tempo, nem podia ser! Como é que ia sustentar os meus filhos? Tinha de procurar de qualquer maneira. O máximo de tempo que estive sem trabalhar foi, de repente, uma semana ou duas. Nunca estive em fundos de desemprego nem nada.

*O Sr. trabalha ao dia?*

Agora com este patrão, que estou há 12 anos, estou efectivo. Quando comecei trabalhava com o meu pai e trabalhei com ele durante 24 anos.

*Com que idade se casou?*

24 anos.

*E quantos filhos teve?*

Cinco.

*Que recordações guarda desses momentos, do casamento e nascimento dos seus filhos?*

Altos e baixos. Uns bons e outros maus. Ela também já passou maus momentos (*olhando para a esposa*)

Criar 5 filhos não é brincadeira! (*esposa*)

Por isso que havia esse programa do rendimento e a gente fez para ver se ajudavam a gente.

*Como souberam da existência do RSI?*

Soubemos pela televisão, pelas vizinhas, e eu fiz. Pronto, enquanto durou, foi bom. (*esposa*)

*Mas na altura, quando fizeram os papéis, porque decidiram recorrer ao RSI?*

Eles estavam os 5 na escola e só o Alberto é que trabalhava. Depois arranjámos a casa, estávamos devendo ao banco, por isso é que concorremos a isso (*esposa*)

A minha esposa não podia trabalhar com 5 filhos, não é? Só quando a minha filha mais velha foi para fora para ser engenheira é que a minha esposa se obrigou a trabalhar. Foi trabalhar para a Norlimpa, durante um ano, a limpar casas de banho...ela nunca tinha feito isso, mas viu-se obrigada, para dar um incentivo aos filhos.

*Quando começou a trabalhar, ainda recebia o RSI?*

Não, não. Quando os meus filhos começaram a ir para a universidade já não recebia. (*esposa*)

*Na altura que requereram o RSI como se sentiram?*

Não me senti bem. Também pediam muitos papéis. Todos os meses tínhamos de entregar mais papéis. (*esposa*)

*Que papéis é que lhe pediam?*

O ordenado dele, se a gente tinha dinheiro no banco, essas coisas assim. Andavam sempre em cima. (*esposa*)

Ela até tinha medo de ir buscar esse dinheiro, para as pessoas e os vizinhos não saberem. Não é que não tivéssemos necessidade mas estas pessoas...

Quando cortaram esse dinheiro, eu fiquei aliviada. Foi um peso que me saiu de cima. (*esposa*)

Muitas vezes ela dizia para eu ir buscar esse dinheiro porque ela não queria ir. Ela tinha um receio.

Ele também não queria ir receber e estava no nome dele! Por isso quando eu comecei a trabalhar foi melhor. Mas quando eu pedi o rendimento, eu não sabia que ia receber porque estivemos ali um ano à espera e nunca veio resposta. Eu até já nem me lembrava disso. Depois é que uma Sr.<sup>a</sup> veio cá à porta, ver as condições que eu morava, para ver se eu tinha condições para receber e foi aí que ela disse que eu depois recebia uma carta para ver se era aprovada ou não. Depois ao fim de 15 dias/um mês recebi a carta como tinha sido aprovada. Recebi durante um ano e tal, dois anos. Quando o meu filho saiu da escola elas cortaram-me logo. (*esposa*)

*E antes de requerer o RSI, já tinham ido ao Serviço de Acção Social pedir outro tipo de apoio?*

Não. O rendimento foi o primeiro apoio. (esposa)  
Pedimos foi para as obras na casa.

*Á Secretaria da Habitação?*

Sim. Tivemos uma ajuda assim em blocos.  
Como toda a gente pediu naquela altura. (esposa)

*Na altura que receberam o rendimento, recordam-se de terem assinado o acordo de inserção?*

Não...(esposa)

*Uma espécie de contrato, que todos os beneficiários de RSI assinam...*

Entregamos os papéis e recebemos o dinheiro. Foi só. Nunca nos chamaram para assinar nada. (esposa)

*Durante os 2 anos que receberam a prestação nunca foram chamados por uma assistente social?*

Sim, mas só para entregar documentos. (esposa)

*Que alterações notam na vossa vida, na sequência de terem recebido o RSI?*

Nada. Enquanto recebemos, ajudou para pagar luz, água, alimentação. O que ajudou foi nisso. Em vez de comprarmos menos coisas para a alimentação, comprávamos mais qualquer coisa. A diferença foi nisso. (esposa)

*E enquanto pessoas? Acham que o RSI mudou a vossa maneira de ser, de alguma forma?*

É o que digo....quando deixei de receber fiquei aliviada. (esposa)

Mudou foi quando ela começou a trabalhar. Pelo menos sabia que o que trabalhava, recebia. Quando uma vizinha dizia “aquele recebe o rendimento”, uma pessoa ficava assim mais estranha.

Preferia trabalhar do que receber. (esposa)

Mas se estivéssemos noutra país, em que houvesse trabalho para todos, também já não precisavam disso, não é? A pessoa antes quer trabalhar e receber o seu dinheiro. Aquilo é como uma esmola.

*Acha que o rendimento é uma esmola?*

Já se sabe.

*Mas na altura que a Sr.ª recebeu o RSI, nunca pôde trabalhar?*

As minhas filhas mais novas eram muito miúdas ainda e eu não ia pô-las numa creche porque o dinheiro ficava pelo caminho. Era a mesma coisa. O rendimento ajudou-me muito a criar as mais moças. Preferia criar os meus filhos em

casa, porque foi por isso que eles hoje são o que são. Não digo que as creches são más, até porque trabalhei 3 anos numa creche, mas em casa é outra coisa. (esposa)

*Acha que a educação dos seus filhos foi melhor, por eles terem sido criados consigo em casa...*

Isso mesmo. Porque quando eu vou trabalhar, eles já não se alimentam como deve ser, com gente em casa é outra coisa. (esposa)

Agora esses casais novos planeiam os filhos que vão ter, a gente não planeou. Hoje em dia um casal para ter 5 filhos nunca mais dá...ainda se for um ou dois. Acho que agora a juventude já tem mais mentalidade.

*Portanto, ao nível dos impactes do RSI na vossa vida, destacam apenas o consumo, ou seja, o que puderam comprar por receberem a prestação...*

Isso mesmo.

*De resto, não verifica mais nenhum impacto, mesmo na sequência do acompanhamento com as assistentes sociais...*

Nunca tive. Elas só vieram cá uma vez, que foi quando vieram ver a casa. Foi só este dia. De resto, nunca vieram cá. Só de vez em quando mandavam uma carta para entregar os documentos, o ordenado dele e era isso. (esposa)

*Que opinião têm sobre o RSI?*

Para quem precisa já se sabe que é bom. É uma esmola que estão fazendo, mas há muitos aí que podem trabalhar e não trabalham e isso é uma coisa diferente. Muita gente que conheço com saúde para trabalhar e como têm esses dinheiros já não querem trabalhar.

*E porque acha que isso acontece?*

O governo é que deve olhar por isso.

*Mas acha importante as pessoas viverem sem estes apoios?*

Devia era haver trabalho para todos, porque assim a gente sabe que está a trabalhar e recebo o nosso dinheiro. Estamos trabalhando por ele. (esposa)

E outros que não querem ter casa, nem carro para ter esses apoios e depois recebem aquele dinheiro e dão cabo dele num instante, nas tabernas.

Se não trabalham por ele... (esposa)

Já eu não! Quando recebi esse dinheiro foi para sustentar os meus filhos, para ter uma ajuda para sustentar os meus filhos.

Não era para sustentar porque ele trabalhava mas era mais um extra. (esposa)

Para viver um bocadinho mais folgado, para não ter que contar os cêntimos!

*E porque motivo deixaram de receber o rendimento?*

Não me lembro muito bem, mas acho que foi quando o meu filho ficou em casa, quando acabou de estudar, e foi desde aí que cortaram. (esposa)

*Mas ele começou logo a trabalhar?*

Começou, foi para a tropa. (esposa)

Foi logo menos um elemento em casa.

Mas se ele começou a trabalhar foi para ele, não foi para a gente. (esposa)

Nenhum deles! Nunca deram nada em casa. Eles vão trabalhando para si e a gente é que dá ainda! Mas eu não me interessa, quero é que eles estejam bem na vida. Tenho outra mentalidade, diferente do meu pai.

*Há pouco a Sr.<sup>a</sup> disse que se sentiu bem quando deixou de receber o RSI...e o Sr. Alberto?*

Foi um alívio e depois a minha mulher foi trabalhar...

Fui para o centro de saúde e depois fui para o Ferreira Cabido como costureira. (esposa)

*Então, uma das formas de reorganizarem as suas vidas, já que já não contavam com o RSI, foi a Sr.<sup>a</sup> ir trabalhar...*

Sim, fui trabalhar. (esposa)

*Mas se enquanto recebiam o RSI a Sr.<sup>a</sup> não podia trabalhar porque cuidava dos seus filhos, como resolveu a questão dos seus filhos?*

Enquanto eu criei os meus filhos, eles estavam aqui na escola, a gente ia sempre remediando, mas quando a minha mais velha foi para a universidade é que foi tudo abaixo. Passagens, alimentação...ela recebia a bolsa, mas ela entrou em Setembro e só recebeu a bolsa em Janeiro. Livros, casa, para sustentar uma filha lá fora é muito difícil, só que passa é que sabe...eu tive de ir trabalhar! (esposa)

*Portanto, 2004, o ano em que deixam de receber, é também o ano em que a sua filha vai estudar para fora...*

Sim. Quando ela foi para a universidade a gente já não recebia e eu tive de ir trabalhar porque estava a ver que não dava. Também para levantar dinheiro para ela ir estudar, o meu marido nunca concordou com isso. Tivemos a mais velha na universidade, temos agora a abaixo dela e nunca levantamos dinheiro (esposa).

*Mas como resolveu o problema das suas filhas mais novas? Foram integradas num ATL?*

Não, saíam da escola e vinham para casa. (esposa)

*Nesta altura em que a prestação foi cancelada, pediram apoio a alguém ou a outros serviços?*

Não. Embora ganhasse pouco, porque só trabalhava algumas horas, aquele bocadinho ajudava. (esposa)

*Depois do RSI, algum de vocês tirou algum curso de formação, ou completou mais anos de escola?*

Não. Estive a trabalhar no centro de saúde durante um ano, depois estive no Ferreira Cabido mais ano e meio, mas nunca fiquei sempre, elas mandavam-me sempre para casa. (esposa)

*Pois, a Sr.ª só fazia substituições de pessoal...*

Sim, era. Agora estou desempregada, a receber o subsídio, mas há lá uma costureira que vai sair e eles querem ver se me mandam chamar outra vez, estou nessa esperança. (esposa)

*O Sr. Alberto continua a trabalhar nesta empresa onde já trabalha há 12 anos...está efectivo?*

Sim.

Ele sempre trabalhou com o pai. Depois tentou montar-se por sua conta, mas não deu certo e depois é que foi para esse patrão. (esposa)

*Durante quanto tempo trabalhou por sua conta?*

Um ano.

*Portanto, trabalha com o seu pai 24 anos, 3 anos com o Sr. João Vieira, depois trabalha por sua conta durante um ano e então, a partir daí, trabalha com o Sr. Alfredo Vieira...*

Sim.

*E ao nível da vossa família...o que melhorou, o que conseguiram?*

O que conseguimos foi com a ajuda do meu trabalho. O facto de ter começado a trabalhar mudou muito. (esposa)  
É para ver que tenho os meus 3 filhos mais velhos tudo com o ensino superior! E as duas que ainda estão em casa estão a seguir o mesmo caminho.

*Vejo que, de facto, o trabalho teve grande impacto na melhoria da nossa vida...pergunto, e se a Sr.ª tivesse começado a trabalhar quando ainda recebia o RSI? Acha que ainda teria mais ganhos do que aqueles que teve?*

Não sei. Se começasse a trabalhar não tinha de receber o rendimento mínimo. (esposa)

Mas se ela trabalhasse na altura, já os meus filhos iam andar um bocadinho trambolhados... Eram menores ainda...

*Então acham que este foi o percurso certo. A Sr.ª ficou em casa, assegurando de forma conveniente a educação dos seus filhos porque, como diziam há pouco, eles são o que são pela educação que tiveram em casa...*

Isso mesmo. (esposa)

Já se sabe. A educação parte é de casa, não é? Não pode partir de outro lado. Se ela estivesse a trabalhar, se calhar eles faltavam à escola, podiam andar mal encaminhados.

*Mas se fosse hoje, voltavam a requerer o RSI?*

Nós pedimos na altura certa. (esposa)

Por hoje não. Não temos grandes faturas, mas dá para ir vivendo e os filhos estão todos encaminhados nas idades. Isso até era um abuso. O rendimento não é para luxos, é para educar os nossos filhos. Pedimos essa ajuda para educarmos os nossos filhos, para que eles nunca venham a precisar dessa ajuda, para serem instruídos. Eles com

estudos, a ganhar bem, acho que não vão precisar disso... Por isso que eu digo que o governo deve ver as pessoas que necessitam e as que não necessitam.

*E como acha que se pode contornar essa situação?*

As assistentes sociais é que devem estar de olho nisso. Deviam ajudar era quem está a estudar, nos abonos, nas escolas. Por exemplo, a minha está estudando para enfermeira e não tem bolsa porque cortaram a bolsa quando eu comecei a trabalhar e isso não é justo. E ainda disseram a ela que se eu não a conseguia aguentar lá fora, ela que viesse para os Açores (esposa)

Isso são incentivos para que a pequena não continue os seus estudos...mas eu disse sempre para ela ir para a frente e a irmã também disse que ajudava a Filipa.

*Pensando agora no futuro...que sonhos têm?*

O meu futuro já está feito. (risos) Não tenho muitos sonhos daqui para a frente. O meu futuro é ir caminhando para a reforma, já vou a caminho dos 51 anos. Já se sabe, com um bocadinho de saúde...A reforma também quando chega, não dura muito tempo. Já tenho 25 anos de caixa, acho que não vou usufruir muito dessa reforma.

O nosso futuro é os nossos filhos. O que eu faço é sempre pensando neles. (esposa)

O nosso orgulho são os nossos filhos. Sinto-me contente por aquilo que eles conseguiram. Não é qualquer pessoa que tem os seus filhos todos instruídos como eu tenho. Eles no emprego dizem “não sei como é que consegues”.

*E como é que o Sr. consegue?*

Fazendo muito sacrifício e com muito trabalho!

Com muita ginástica, sabendo gerir. (esposa)

*Como se vêem daqui a 5 anos?*

Mais velhinhos estamos... (esposa)

Nunca sei o dia de amanhã. Vivo o dia a dia porque onde está o homem, está o perigo. A gente não pode fazer assim uma estatística daquilo que vai suceder, nunca se sabe.

## **E10 - Verónica**

*Sr.<sup>a</sup> Verónica vamos começar por falar um pouco da sua infância e adolescência. O que faziam os seus pais para ganhar a vida?*

O meu pai vendia peixe. Ao vento, à chuva, sempre vendia sempre peixe. Mesmo doente vendia peixe, para não faltar nada à gente.

*E a sua mãe?*

A minha mãe era a vida de casa. Fazer comidas, arranjar a casa, a vida de casa.

*E qual era o ano da escola que tinham?*

A minha mãe a 4ª classe, o meu pai a 1ª classe.

*Que memórias tem da altura em que era pequenina?*

Já não me lembro... Mas lembro-me de quando era pequenina ajudava a minha mãe. A minha mãe fazia comida e eu estava vendo, a lavar roupas na pia...eu via a minha mãe e depois lavava na pia. A minha mãe dizia “Verónica, vai aprendendo, vai aprendendo”. Agora, seja o que for que eu faço, eu lembro-me da minha mãe. Foi como hoje. Eu fiz uma sopa e lembrei-me da minha mãe, que eu gostava muito quando ela fazia.

*E que mais se lembra da sua infância?*

Era arear tachos....eu ajudava muito a minha mãe.

*Lembra-se de brincar com os seus irmãos?*

Lembro-me de quando as minhas irmãs tinham uma roupa eu dava porrada nelas. A minha mãe dizia “devagarinho, cada um vai ter o que é seu”. Mas a gente brincava com brinquedos. Às vezes eu ia para o lixo para procurar brinquedos para brincar.

*Quantos irmãos é que eram?*

Doze.

*Como é que se davam uns com os outros?*

Como irmãos.

*Davam-se bem?*

Davam-se como irmãos.

*E qual foi o ano da escola que a Verónica tirou?*

A 1ª classe. Eu ajudava muito à minha mãe e faltava às aulas.

*E porque tinha de ajudar a sua mãe?*

Eram muitos pequenos e a havia muito serviço para fazer. A minha mãe não podia cuidar de 12 filhos e arranjar a casa e a roupa. Eu queria era ficar em casa para ajudar a minha mãe.

*A Verónica era a filha mais velha?*

Não, mas era a mais espertinha para das lides da casa, por isso para ajudar era eu.

*Mas com que idade deixou a escola?*

Com 12 anos.

*Gostava de estar na escola?*

Pouco... mas agora fiquei arrependida. Hoje recebi uma carta da luz, já podia tirar a carta para ler...fiquei arrependida.

*Então se fosse hoje, se calhar voltava a estudar...*

Agora não posso ir, que estou a trabalhar por conta do rendimento.

*Mas a Verónica alguma vez trabalhou, ou foi sempre a vida de casa?*

Foi sempre a vida de casa. Agora estou é na creche, por conta do rendimento, a fazer limpezas.

*Porque é que nunca trabalhou?*

Ajudava a minha mãe e nunca tive serviço para trabalhar.

*Mas alguma procurou?*

Não. Fiquei em casa sempre.

*E depois saiu de casa quando casou...*

Eu fugi, nova, com 16 anos.

*E foi com essa idade que casou?*

Foi. Eu fugi com ele 3 meses, depois fiquei grávida e foi na altura que começamos a ir às reuniões para casar.

*Durante essa altura onde viveu?*

Sempre numa garagem. Casamos e continuamos na garagem.

*E quantos filhos teve?*

Quatro. Quatro meninas.

*Que memórias tem desses tempos?*

Eu não sabia o que era um filho. Quando fiquei grávida é que soube. Fiz o que a minha mãe fazia com a gente, a lutar para elas.

*E do seu casamento? O que se recorda?*

Foi casar na igreja e ir comer para o restaurante.

*Mas gostou?*

Eu gostei, nos princípios.

*Falando agora na altura em que a Sr.<sup>a</sup> fez os papéis para o rendimento... como soube da existência deste apoio?*

A minha mãe também recebia. Eu estive casada 5 anos sem o rendimento, mas como vivia numa garagem pensei “eu tenho de ter uma ajuda”. Pedi para ajudar à família.

*Mas vivia com dificuldades?*

Não. Foi mais para ajudar para as pequenas para se vestirem, para irem para a escola bem terminadinhas, para não faltar nada às pequenas. Coisas de precisão.

*O que fazia o seu marido?*

Vendilhão de peixe.

*Na altura, como se sentiu a pedir o rendimento?*

Senti-me feliz, porque é uma ajuda muito boa. Com o rendimento já paguei umas coisinhas que estava devendo.

*E antes do rendimento já tinha pedido outros apoios no serviço de acção social?*

Não. O rendimento foi a primeira vez.

*Recorda-se de ter assinado o acordo de inserção?*

O que é isso?

*É uma espécie de contrato que as pessoas que recebem o RSI assinam...*

Ah, já me lembro. Assinei por duas vezes.

*Então já assinou por duas vezes o acordo de inserção...*

Já, o processo dos papéis. Fui chamada às meninas da assistência.

*E depois, o que aconteceu lá?*

Elas diziam o que a gente fazia com o rendimento e eu dizia que era muito bom para a gente, para ajudar a família. Perguntaram pelas vacinas das pequenas, se as pequenas estão boas, coisas assim. Gostei de ouvir.

*Gostou de ouvir...sentiu-se bem nessas reuniões?*

Sim.

*E propôs alguma acção, alguma coisa que se compromettesse a fazer?*

Eu ouvi o que elas disseram e assinei de boa vontade. Não há problema.

*Concordou com tudo...*

Foi.

*O que acha de mudou na sua vida com o rendimento?*

Ficou melhor. Comprei as barras para as pequenas dormirem, comprei um par de sapatinhos para a escola, as mochilas. Quando eu vi que as coisas estavam muito mal eu fiz o rendimento, porque as pequenas chegaram a levar as coisas da escola num saco de plástico. Agora compro mochilas para elas. O rendimento é muito bom. Dá mais limpeza às crianças. A gente sempre compra uma coisa mais melhor para elas vestirem.

*E em si, enquanto pessoa, enquanto mulher, o que mudou?*

É a mesma pessoa, mas estou mais feliz com o rendimento.

*Tem o primeiro ano...alguma vez desde que recebe o rendimento voltou a estudar ou tirou algum curso de formação?*

Não.

*Agora é que está integrada no projecto AGIR, numa creche não é?*

Sim, nas limpezas.

*E está a gostar dessa experiência?*

Sim, já estou acostumada com as limpezas de casa e lá é igual. Eu gosto de estar lá.

*Outra grande mudança que houve na sua vida foi esta casa...*

Sim. Mas antes dessa tive outra. Saí da garagem e fui viver para uma loja de um cunhado do meu marido. Fizemos uns quatinhos lá. Há um ano que agora estou aqui.

*Como se sente na casa nova?*

Feliz.

*Verónica, que opinião tem sobre o rendimento? Acha que é importante existir o rendimento?*

É importante.

*Porquê?*

Para ajudar a viver a família, para os pequenos, para não irem rotos para a escola. É muito bom. Não haviam era de cortar!

*Não haviam de cortar?*

Não haviam de cortar porque todos precisam para as comidinhas e tudo.

*Mas porquê?*

Os maridos andam no peixe e ás vezes o peixe não dá nada. Com esse rendimento, ao fim do mês, vamos buscar as coisas ao Modelo, para encher a casinha. É muito bom para ajudar a viver.

*E porque é que nunca trabalhou?*

Porque tenho as pequenas pequeninas.

*E quando elas forem maiores pensa trabalhar?*

Eu vou trabalhar.

*Gostava?*

Gostava.

*E o que gostava de fazer?*

É limpezas.

Como é que a Vera se sente por receber este apoio?

Sinto-me bem. Não tenho problemas com isso.

*Já recebeu o rendimento por duas vezes. Recorda-se porque deixou de contar o rendimento da primeira vez?*

Eu não entreguei uns papéis que era preciso e fui cortada.

*E como se sentiu nessa altura?*

Fiquei cheia de desgosto.

*Porquê?*

Já faltava às pequenas umas coisinhas.

*Então e de que forma deu a volta à sua vida?*

Em vez de ir comprar umas coisinhas, cortava metade.

*Mas nunca trabalhou nessa altura...*

Não, não.

*Nessa altura, alguma vez pediu ajuda a vizinhos ou à família?*

Não. Resolvi sempre sozinha. Não fui eu, foi ele.

*O seu marido...*

Sim. Era ele que trabalhava. Eu ficava sempre com as pequenas em casa.

*Então na altura em que a prestação foi cancelada conseguiram reorganizar a vossa vida...*

Sim. A gente poupava nas coisas que comprava.

*Mas passaram por dificuldades?*

Não.

*Nessa altura recebeu outros apoios do Serviço de Acção Social ou de outros serviços?*

Não.

*Acha importante as pessoas viverem sem estes apoios?*

É importante as pessoas receberem isso. Haviam de receber todos. Não sou só eu, todos precisam. Devia ser para todos.

*Mas se a Sr.ª até estava a fazer a sua vida, porque voltou a requerer o RSI?*

A primeira vez que fomos cortados ficamos cheios de desgosto. Depois eu disse eu meu marido “se tivéssemos a receber o rendimento, já dava para comprar isto assim, isto assado”, coisas de precisão. Ele fez outra vez o rendimento porque a gente precisava, para comprar umas coisinhas para a casinha nova.

*Está a pagar o que comprou para a casa nova?*

Sim. O fogão, os tachinhos, a loicinha...

*E o rendimento continua a ser importante para si?*

Continua. É muito importante para as coisas da vida.

*Até quando é que acha que vai precisar do rendimento?*

Não sei... É até Nosso Senhor querer. Sei lá se vão cortar ou se não vão cortar...

*Mas acha que era importante receber sempre...*

Era importante receber sempre! Não quero que me cortem! Se houver algum problema com algum papel ou alguma coisa não cortem, avisem, porque às vezes eu fico despercebida da cabeça. Alguma coisa, um seja que for, querem logo é cortar! É uma vacina, é uma consulta, é alguma coisa, não se corta, avisem! Isso é muito importante. Não é cortar logo e já.

*Acha que as assistentes sociais devem avisar e não cortar logo...*

É. A primeira vez eu fui cortada logo e já. Têm de avisar. Isso é que é o apoio! Não é receber uma carta à porta...Têm que trabalhar, têm que avisar e pensar “a mulher despercebeu-se”. Uma pessoa, se tem consciência, avisa a pessoa. Esse é que é o apoio. Telefonar, ou assim, e dizer “Oh Verónica tens de fazer isso”. Eu na reunião vou falar disso...

*Vai dar a sua opinião?*

Vou dizer isso lá... E algum problema com os pequenos, não é tirar logo os pequenos. Não podiam tirar os filhos da mãe e do pai...podiam avisar! É outro apoio! Andar em cima da casa, em cima dos pequenos, em cima do pai e da mãe. E as mães? Ficam a chorar lágrimas de sangue pelos pequenos todos os dias. Uma mulher ainda morre com o desgosto! Quem é que quer um amor os filhos? É o pai e a mãe, não é mais ninguém. Esse é que é o apoio que podiam dar. Nosso Senhor não quer isso...quer é falar, ajudar a pessoa. Se eu não sei arranjar uma casa, arranjar uma criança, eu gostava que me ensinassem, isso é que é importante. Mas agora está melhor, há mais apoios. Está diferente de antigamente.

*Que apoios é que existem hoje?*

Aqui está igual à cidade. Está igual à América ou o Canadá. Antigamente diziam “O Canadá é melhor do que Rabo de Peixe”, agora cá está melhor do que lá, porque entraram muitos apoios. O rendimento social, as meninas da assistência, uma conversa com uma e com outra, já aprendemos muita coisa. Antes não faziam isso. O apoio agora é esse. Também entraram muitas pessoas novas para ajudar e tudo. Eu gosto delas. Dizem “Verónica não se faz isso, faz-se é assim”. Eu gosto disso assim, avisar as pessoas.

*Muito bem...e que sonhos tem para o futuro?*

É criar as minhas filhas sempre, até casar. Mas primeiro que tudo é não morrer até lá!

*Mas a Verónica é nova, só tem 28 anos...*

Não interessa! Pode dar-me algum ataque!

*Como é que se imagina daqui a 5 anos?*

5 anos?

*Sim, com 33 anos...*

As minhas filhas já são moças!

*E a vida vai estar melhor?*

Vai. É lutar sempre para a vida.

*Acha que vai continuar a receber o rendimento?*

Não sei, mas eu acho que sim!

### **E11 - Maria**

*Sr.<sup>a</sup> Maria vamos começar por falar um pouco da sua infância e adolescência. O que faziam os seus pais para ganhar a vida?*

Fui criada só com a minha mãe e uma avó. Eu não tive pai porque ele abandonou a minha mãe aos 14 anos e a minha avó é que tomava conta da vida, como só tinha a minha mãe, tomou conta da minha mãe e onze filhos, mas morreram dois e só ficaram nove.

*E qual era o ano que ela tinha?*

A minha mãe?

*Sim, a sua mãe.*

A minha mãe e o meu pai tinham a 4<sup>o</sup> classe, mas nunca conheci pai durante a vida.

Levamos uma vida muito dura porque a minha avó não tinha nada na vida. Não tenho vergonha de dizer, a minha avó pedia esmola por todas as freguesias e dizia que a filha tinha casado e que o casamento deu no que deu e as pessoas sempre nos apoiaram quando nós éramos pequeninas. Nunca nos faltou nada porque nas pessoas nos davam roupa, calçado e essas coisinhas assim.

*A sua mãe e avó não trabalhavam?*

Era nas terras.

*Mas a Sr.<sup>a</sup> recorda-se de passar por dificuldades...*

Sempre passei por dificuldades. Desde a minha infância até agora (*pausa*), até casar passei muito.

*Mas como se recorda dessa altura? Quando era menina e depois em adolescente?*

Quando a gente cresce e traz uma adolescência destas ficamos com muito medo da vida e que nos vai acontecer daquilo para a frente. O meu medo era casar mal como a minha mãe casou, ter filhos, como os criar.

A minha vontade sempre foi estudar e ser alguém na vida. Eu era muito boa aluna, mas como a minha mãe não tinha marido e eu era das mais velhinhas da casa tive de abandonar a escola muito cedo, aos treze anos e fui trabalhar para as terras, para ajudar a minha avó que já era uma pessoa idosa e a criar os meus irmãozinhos.

*E com que ano da escola ficou?*

Eu tenho o 6º ano, mas larguei a escola com muita pena.

*A Sr.ª gostava de estar na escola?*

Eu adoro a escola. Eu adorava a escola. Estou farta de dizer às minhas filhas, já que tenho o apoio do rendimento e do abono eu quero que as minhas filhas estudem porque são muito bons alunos e que eles sejam aquilo que a mãe não foi, porque quero ver as minhas filhas crescer e que elas sejam alguém na vida. A escola para mim, mesmo que eu não recebesse o rendimento mínimo não era caso de eu tirar as crianças da escola, porque eu acho que é muito cruel quando as mães são cortadas do rendimento e retiram as crianças de vingança. Mas a vingança fica com a gente, porque as crianças mais tarde dão-nos as culpas e é isso que eu hoje digo à minha mãe. Eu não estudei porque a minha mãe não deixou e eu podia ter sido alguém na vida. Mas também naquele tempo não havia o rendimento, não havia o abono que há hoje, porque o governo, numa parte, está a ajudar-nos muito. Temos é que saber receber e saber gerir esse dinheirinho que a gente recebe. Se a pessoa souber receber e gerir a vida as coisas controlam-se bem, porque na minha casa é assim.

*Recorda-se de bons momentos dessa altura? De momentos em família...*

Quando a gente se criou, a família era muito unida. A minha mãe à noite contava-nos histórias, a minha avó contava as histórias do seu tempo, daquilo que lhe aconteceu, era uma família muito unida. Mas os meus irmãos quando começaram a crescer e quando casaram, a gente achou muita falta uns dos outros, porque cada um parece que não conhece os irmãos, vão mais pelas esposas e pelos filhos, já é uma coisa muito diferente. Eu gostava que a família fosse aquilo que era antes. Criamo-nos com muita dificuldade, isto é verdade, mas se houver harmonia, amor uns pelos outros, a gente ultrapassa isso. E agora as famílias, hoje em dias, já não são aquilo que eram antes. Cada um cuida da sua vida, podem ver os irmãos a sofrer, podem ver os irmãos a precisar de ajuda e já não se chegam. Mas ainda me lembro das noites quentinhas do Natal, havia aqueles biscoitinhos feitos em casa, até muito mal feitos, mas aquilo era uma alegria. As nossas ofertas não eram como é hoje, mas sempre havia ali um mimozinho, sempre havia uma coisinha. Agora já não se conta alegrias, é só tristezas.

*E cada um faz a sua vida...*

Cada um faz a sua vida e está nas suas casas. A gente embora que convide para uma festa, eles dizem “o que é que eu vou fazer à tua se eu tenho na minha?” mas acho uma resposta um bocadinho difícil, porque eles podem ter o que eu tenho mas as comidas são diferentes, essas coisas são diferentes. Mas cada um gosta de estar na sua casa e eu tenho de respeitar a opinião deles.

*Há pouco a Sr.<sup>a</sup> disse-me que deixou a escola para ir trabalhar para as terras. Que idade tinha?*

Eu tinha 13 anos. Ainda me lembro que a professora de ciências, que era a directora de turma, chegou a ir pedir à minha mãe, que era uma pena a minha mãe me tirar da escola. Eu lembro-me disso perfeitamente. Recordo-me de ir dar um passeio com a professora de ciências e nesse dia a minha mãe não queria que eu fosse e eu, não levei lanche, não levei nada, para ser sincera, porque a minha mãe não tinha nada para me dar, mas eu, como gostava muito da escola e tentei sair sem a minha mãe ver para ir para aquela aula, porque íamos estudar as árvores e como isso ia sair num teste, eu tinha de saber o nome das árvores. Como a escola era muito importante para mim tive de fazer isto à minha mãe. E uma colega, que era a Dr.<sup>a</sup> I, que hoje é coordenadora, viu que eu não estava a comer e perguntou porquê e eu disse o que se passava. Ela foi ter com os outros colegas e tive comida que nunca mais venci! Isso foi tão lindo, tão lindo. Esse momento marcou-me para o resto da vida.

*Nunca mais se esquece desse momento...*

Nunca mais me esqueço. Porque quando eu a vejo, quando fui lá assinar o acordo, aquilo veio-me logo à memória.

*Mas voltando a falar de quando a Sr.<sup>a</sup> trabalhou nas terras. Durante quanto tempo trabalhou?*

Trabalhei dos 13 aos 35 anos. Trabalhei porque, mesmo recebendo o rendimento, lá ia amarrar milho, moer pimenta, dois, três dias, porque miolinhos é pão! Ajudou-me porque eu tinha duas filhas e os problemas que elas trouxeram, o leite era tão caro, e eu contava muito era só comigo.

*Então e com que idade é que casou?*

Casei com 27 anos.

*E teve 3 filhos...*

E tive 3 filhos. Já quando casei já levei a Sara com um mês e meio.

*E que recordações guarda desses momentos? Do seu casamento e nascimento dos seus filhos?*

Sinceramente a coisa mais linda que pode acontecer num casamento é o dia do casamento pela igreja e o nascimento dos nossos filhos. Para mim, o dia do meu casamento, o nascimento dos meus filhos e o dia que recebi a chave da minha casa e o dia que fui aprovada do rendimento, essas coisas entraram na memória e não dá para esquecer.

*Porquê?*

Porque se eu não tivesse uma casa, se eu não tivesse o rendimento, o que é que seria de mim na vida? Quando a gente casa e tem filhos a primeira coisa que a gente deseja é ter uma casa e uma boa alimentação, a gente deseja tudo de bom quando temos filhos. Quando somos sozinhas, qualquer coisa como, qualquer coisa visto, qualquer coisa calço. Mas quando temos filhos vem-me logo à cabeça como é que vou dar um futuro aos meus filhos? Eu tenho de fazer qualquer coisa por eles. E eu quando soube que havia rendimento mínimo, quando fui dar o nome para as casas e a Dr.<sup>a</sup> C. me disse para eu fazer, fiquei logo com esperança de receber porque eu precisava. A partir daí, quando fui aprovada, a minha vida mudou completamente. Mudou muito.

*Mas porque é que a Sr.<sup>a</sup> resolveu fazer os papéis para o RSI? Que dificuldades sentia?*

O meu marido trabalhava e sempre trabalhou mas ele bebia a maior parte do dinheiro. Eu quando reclamava ele dizia “o dinheiro não é teu, quem trabalhou pelo dinheiro fui eu” e custa muito a gente comer pelas mãos de um marido. É muito importante para uma mulher ter o seu próprio emprego, porque eles assim não nos atiram nada à cara. A gente quando não trabalha obriga-se a levar uma vida desgraçada. Mas a vida é essa, tenho de me obrigar a padecer para criar os meus filhos. Muitas vezes dizem assim “você casam mal porque querem”, mas ninguém quer casar mal, todos querem ser feliz na vida, mas se não temos outra parte para onde ir, não temos ajuda da família, a gente obriga-se a ficar com os maridos. O que mudou muito na minha vida foi quando eu recebi o rendimento. Mudou completamente e a prova está à vista. Não estou a pegar no dinheiro e a estarreça-lo, de maneira nenhuma, os meus filhos vão à escola, têm as vacinas em dia, têm as suas consultas. O que acho muito interessante no rendimento mínimo é que as assistentes sociais se preocupam com os nossos filhos. Se eles estão doentes perguntam “a Maria já foi com eles ao médico?”. Às vezes se eu me esqueço e vou ao contrato vejo as vacinas! Elas estão sempre a alertar para pagar as rendas da casa, não fazer dívidas e isso para mim é muito importante. É importante termos quem nos ajude porque sozinhas não vamos a lado nenhum. Se temos alguém que nos ajude, que nos empurre, alguém que diga “a Maria faça isso!” porque duas cabeças a pensar pensam melhor do que uma! Para mim tem sido uma ajuda formidável.

*Mas voltando um pouco mais atrás, à altura em que a Sr.<sup>a</sup> fez os papéis para o rendimento, como é que se sentiu?*

Fiquei com receio sem saber se ia ser aprovada ou não, mas a esperança era sempre de receber, porque quando a gente precisa, a aflição ainda é maior, a gente sofre com a espera. Mas quando recebi a carta, a dizer que tinha sido aprovada, fui logo agradecer à Dr.<sup>a</sup> C. Temos de compreender as pessoas que nos ajudam e ela ajudou-me muito. Se eu tenho uma casa é graças ao rendimento mínimo, porque quando a gente não tem padrinhos, a gente não se baptiza e eu com a ajuda das assistentes sociais só esperei um ano por esta casa. Se não fossem elas ainda vivia onde estava.

*Então acha que o acompanhamento das assistentes sociais ajudou...*

Muito, muito! A assistente social ajuda muito e é muito bom que haja uma assistente social no rendimento mínimo porque ela vê a maneira como andam os nossos filhos, as nossas casas, como utilizamos o dinheiro (é muito importante que elas vejam isto) e não me canso de repetir: é graças ao rendimento mínimo que tenho uma casa mobilada, que tenho os meus filhos a crescer (e é tão bom vê-los a crescer) É tão bom quando eles chegam a casa e pedem pão com doce ou um prato de comida e a gente tem para dar. Custa muito quando a gente quer dar e não tem. Ai se não fosse o rendimento...a gente é que o recebe e quando é dos nossos maridos a gente não pode exigir nada porque ele é que trabalhou por ele. O trabalho não mata ninguém, mas no meu caso...

*A Sr.<sup>a</sup> tem um problema de saúde que a impede de trabalhar...*

Exactamente. O pior é que eu quero trabalhar e não consigo, mas pelo amor que tenho à minha casa e aos meus filhos, obrigo-me a trabalhar, mas chego à noite cansada, mais ainda estou viva, estou falando e estou aqui. Amor para a vida!

*E antes de requerer o RSI já tinha pedido outro apoio ao serviço de acção social?*

Antes do rendimento, não sabia que o serviço de ação social dava apoios, mas muita vez pedi esmola para as minhas filhas comerem, porque eu não tinha! O meu marido bebia muito e eu alguma coisa tinha de fazer. Fui pedir e fui sempre aceite.

*E com que frequência ia pedir esmola?*

Com muita frequência, mas com muita vergonha porque era nova. Mas quando a gente precisa, temos de enfrentar a vida e pôr a vergonha para trás das costas. E muitas vezes, quando o meu marido vinha bêbado, eu esperava que ele adormecesse para lhe tirar o dinheiro da carteira e não tenho vergonha de lhe dizer! Ele no dia seguinte quando perguntava pelo dinheiro já eu tinha comida para os filhos comerem. Ele batia-me e punha-me para o caminho, mas eu preferia que ele me batesse para eu dar comida aos meus filhos, porque os meus filhos são muito importantes para a minha vida.

*E a Sr.ª sempre lutou para lhes dar o que eles precisavam...*

Eu lutei antes de adoecer e luto por eles até ao fim porque uma mãe não é mãe só durante 9 meses, é mãe toda a vida. Mesmo que eles casem, continuo sempre disponível para aquilo os eles precisarem. Enquanto for viva vou sempre lutar, enquanto há vida há esperança.

*Falando agora sobre o acordo de inserção...a Sr.ª já assinou este documento?*

Já, por duas vezes.

*Recorda-se das acções que foram acordadas?*

Antes de eu receber o rendimento a assistente social disse tudo o que eu tinha de fazer: pagar a água, pagar a luz, a renda da casa, não fazer dívidas, que os meus filhos não faltassem à escola, para ir uma vez por mês saber como os meus filhos estão na escola, as vacinas em dia, lá de vez em quando ir ao médico ver como os nossos filhos estão, com tudo isto eu concordei. Eu concordei porque isto é um direito nosso como mãe. O que me admira muito nas assistentes sociais é a preocupação delas com as famílias. Quando as assistentes sociais vêm às nossas casas e perguntam “está tudo bem?” e se as coisas não estão elas também sofrem. O olhar delas muda, vê-se ali um sofrimento. As assistentes sociais é como se fossem da família. Gosto delas. São pessoas em quem podemos confiar e é bom haver uma pessoa a quem a gente pode contar a nossa vida e ali fica. Muita ajuda tenho tido... mas a ajuda não vai só no dinheiro.

*E então?*

Vai na amizade, na forma como falam. O dinheiro é muito importante, mas é muito importantes haver as assistentes sociais, a coordenadora, as consultas de psicologia que me têm ajudado muito, não há palavras para agradecer!

*Então o rendimento vai além do dinheiro...*

Vai sim Sr.ª! Eu se tiver o dinheiro, mas se não tiver uma amizade com ninguém, não tiver com quem falar, isso também não vale de nada. Agora se eu tiver uma pessoa que venha à minha casa, converse comigo, faça-me entender a vida, faça-me eu saber gerir o dinheiro, isso para mim é importantíssimo.

*Falando ainda sobre o acordo de inserção. Lembra-se do momento em que o assinou?*

Lembro-me como se fosse hoje. Quando eu chego lá e vejo a enfermeira e a coordenadora fiquei um pouco arrepiada quando vi a enfermeira, porque eu era um pouco descuidada para as vacinas. Não era bem um descuido...eu tinha aquele medo dos meus filhos serem picados, poderem adoecer, coitado de quem é mãe! Às vezes eu pensava “quem me dera levar esta vacina no lugar do meu filho”. Mas quando fui assinar o acordo e a enfermeira explicou-me que as vacinas eram muito importantes para a saúde, eu quando vim para casa pensei que ela tinha razão. A partir daí responsabilizei-me muito e agora os meus filhos têm tudo em dia.

*Então esse momento foi importante, porque a Sr.<sup>a</sup> tomou consciência disso...*

Exactamente, porque eles iam ao médico, mas quando chegava o dia das vacinas eu mentia e inventava alguma coisa. Achei muito importante que estivesse lá a enfermeira com a coordenadora porque me explicou a importância das vacinas e a partir daí nunca mais falhei.

*Alguma das acções do acordo de inserção a Sr.<sup>a</sup> é que propôs?*

Quando eu fui à assistente social eu não sabia como é que isto funcionava. Porque a gente quando recebe o rendimento mínimo pela primeira vez, a gente vai às cegas, a gente não sabe o que elas vão dizer, o que nos vão propor. Mas quando ela me falou em ter as coisas em dia, eu já sabia que tinha de andar na regra porque antes de vir para a casa nova tivemos uma formação e ela explicou-nos. Mas eu sou uma pessoa muito responsável e tenho tudo em dia. Quando recebo o rendimento a primeira coisa é pagar a água, luz e a renda da casa, o resto é para o padeiro e mercearia. Se me resta algum, coloco num cantinho na gaveta. Os meus filhos podem ficar doentes e eu não vou andar de porta em porta a pedir. Quem não poupa não tem e quem come e guarda, duas vezes põe a mesa. Muitas vezes minto ao meu marido, dizendo que falta pagar a este e aquele, mas depois pego no dinheiro e guardo. Tenho de saber viver na vida! Costuma-se dizer que as abelhas prendem-se ao mel.

*Então as acções do seu acordo de inserção estão todas cumpridas...*

Estão todas cumpridas. Não me quero fazer mais do que ninguém, porque sou pequenina, não no tamanho, mas na vida. Eu não faço dívidas porque sei que o rendimento não é para a vida. A primeira coisa que a assistente social diz quando a gente faz o rendimento é “Sras., o rendimento é uma ajuda!”, não é um ordenado. E eu fiquei com medo, porque se a assistente social me está a avisar é porque me quer bem.

*Então, o que mudou na sua vida com RSI?*

Mudou tudo. Sinto-me feliz como nunca me senti antes. Tive a minha casinha, e aos poucos, com o rendimento, fui construindo o meu ninho. O que acho muito importante no rendimento é que sou eu que recebo o dinheiro, sei geri-lo e as coisas dão sempre certas. A melhor coisa foi haver o rendimento mínimo. Se eu não tivesse o rendimento não sei como é que ia criar os meus filhos e eu não tinha casa. Muitas pessoas falam mal do rendimento mínimo, mas essas pessoas falam de boca cheia. Se elas passassem o que a gente passou, não falavam assim. Mas não podemos falar mal porque todos podemos precisar do rendimento. As pessoas que recebem o rendimento são muito desprezadas. Somos provocadas quando passamos, se compramos alguma coisa “é do rendimento”. Eu não sei porquê, mas as pessoas do rendimento são faladas em todo o lado.

*Acha que as pessoas que recebem o rendimento não são respeitadas?*

Não são de maneira nenhuma. As pessoas são respeitadas pelo lado das pessoas que trabalham com a gente, que nos compreendem, que sabem que a gente precisa, que sabem parte das nossas dificuldades. Mas quanto às outras pessoas, por elas a gente já não tinha o rendimento. As pessoas fazem o rendimento porque precisam e acho muito importante essa ajuda.

*E enquanto pessoa? O que mudou em si?*

Comecei a cuidar mais de mim, porque não me cuidava antes. Hoje já me apetece comprar uma peça de roupa ou um sapatinho, dar uma pintura no cabelo ou despontá-lo, porque antes a vida não tinha sentido nenhum. Porque antes onde estava o dinheiro? Ou comprava para os meus filhos, ou comprava para mim. Como agora tenho esse dinheirinho penso: este também é para mim, eu é que lutei por ele. Sinto-me feliz com o rendimento. Embora o meu marido seja a pessoa que é, aprendi a pôr muita coisa de lado. Já penso mais em mim, porque antes não me dava uma oportunidade a mim mesma. A psicóloga também me fez ver o lado bom da vida e agarrar-me mais à vida. Antes a minha vida estava a desfazer-se como a manteiga que a gente mete no pão quente. Mas à medida que eu tive ajuda, que começaram a vir à minha casa, que começaram a entender-me, a vida foi tomando outro rumo.

*E ao nível da sua família, alguma coisa melhorou?*

Em relação ao meu marido a melhor coisa que me aconteceu é que ele largou a bebida. Ele não bebe uma gota desde 2005. Desde 2005, quando ele foi a uma reunião com a Dr.<sup>a</sup> C. e ela soube falar com ele, soube compreendê-lo e ele não bebe. Foi a melhor coisa que me aconteceu. Porque embora ele me dê pouco, se a gente vive bem numa casa, daquele pouco faz-se muito. Ele já me arranja o jardim, já pergunta pelas coisas da casa, ele adora a casa! Antes não dava a mínima importância à casa, vinha bêbado, queria era deitar-se, não dava importância à vida. A vida mudou.

*Durante o seu percurso no RSI, a Sr.<sup>a</sup> frequentou diversos cursos de formação...*

Em 2005 tive uma em que a gente falava da educação dos filhos, a higiene da casa, sobre a nossa higiene com uma enfermeira, como dar uma alimentação saudável. A gente numa formação aprende muito. Agora estou a aprender a bordar, a fazer ponto cruz e tenho vendido muito! Tenho feito umas pegas e ainda hoje me encomendaram! Gostei também muito do trabalho de escamas de peixe e da proposta da Dr.<sup>a</sup> B. em fazermos uma barraquinha. Essa ideia da barraquinha, para a gente que recebe o rendimento, é muito importante porque a gente gosta de mostrar os nossos trabalhos e para mostrar às pessoas que falam mal das pessoas que recebem o rendimento, que também somos alguém na vida, que também gostamos de apresentar aquilo que a gente faz. Porque hoje é uma barraca, mas amanhã passa a ser duas, três e depois já temos mais trabalho.

*Falando agora do momento em que a Sr.<sup>a</sup> deixou de contar com o RSI. Porque é que deixou de receber?*

Recebi uma carta da assistente social a pedir que o meu marido preenchesse uma declaração a dizer quanto ganhava, mas como o meu marido era uma pessoa que bebia muito, não obedecia a nada. Disse à Dr.<sup>a</sup> T que o meu marido não queria fazer a declaração, mas ela disse que a ordem era para todos, mas que ia mandar o meu marido falar com ela. Mas avisei-lhe que o meu marido ia portar-se mal porque ele bebia muito.

No dia, ela foi educadíssima com o meu marido, mas ele foi uma besta. Quando ela perguntou quanto ele ganhou ele respondeu mal, disse “a Sr.<sup>a</sup> há-de perguntar quanto eu ganho, as mesmas vezes que eu lhe pergunto a si”. Eu queria enterrar a cara pelo chão dentro...coitadas de nós quando a gente sofre por causa dos nossos maridos. O que eu acho mal é isso. Muitas vezes a gente paga por causa deles.

*A Sr.<sup>a</sup> sente que nesse momento foi prejudicada por causa do seu marido...*

Exactamente, porque tudo o que ela me pedia, tudo eu fazia e quando o meu marido foi lá e portou-se mal, eu fui cortada sem dó nem piedade. Quem foi prejudicado não foi ele, fui eu e os meus filhos. As crianças não têm culpa, nem as esposas! A gente é que cuida da vida, os nossos maridos estão-se nas tintas para isso. Ninguém tem culpa de termos filhos, ninguém nos manda fazer filhos, mas quando somos cortadas o mundo cai-nos em cima da cabeça.

*E onde foi buscar a sua força para ultrapassar esse momento difícil?*

Muita vez a minha vida era chorar, mas voltei a ir ter com a assistente social, para ver se ela fazia uma alteração no processo, mas ela já não quis aceitar. Então informei-me com pessoas sobre o que havia de fazer, e fui a Ponta Delgada para falar com a Dr.<sup>a</sup> M., a chefe de divisão. Penei os olhos da cara para falar com ela, mas contei-lhe a situação e ela disse para voltar a fazer os papéis, o quanto antes. Ao fim de três meses tive o meu dinheirinho de volta e ainda tive mais uma coisinha do que tinha antes. Mas também se não fosse o dinheirinho que tinha posto de lado tinha água e luz cortadas...

*Então, uma das estratégias que utilizou foi falar com a chefe de divisão, outra foi utilizar o dinheiro que, até então, tinha vindo a poupar...*

O ganho está no poupar! Eu sou uma pessoa que poupo muito.

*E nesses três meses em que não recebeu o rendimento, pediu apoio a vizinhos ou familiares?*

Pedi às minhas irmãs e, muitas vezes, à minha mãe. Mas a minha mãe dizia “o teu marido é novo, ele que vá trabalhar! Casaste mal porque quiseste”. A minha família não me apoiou em nada, não conto em nada com ela. Com a graça de Deus tudo se resolveu, mas aqueles 3 meses pareceram 3 anos.

Custa muito! Custa ver na televisão, aquele Paulo Portas “as pessoas do rendimento deviam ser cortadas para se dar aos idosos”. Verdade que os idosos precisam, mas que se lembrem de nós, a gente também precisa para criar os nossos filhos.

*Mas acha importante as pessoas viverem sem estes apoios?*

Não acho. Mesmo quando os nossos filhos crescerem, muitas vezes eles não olham pelos pais. Acho muito importante que haja essas ajudas.

*E o RSI continua a ser importante para si?*

Não é importante! É importantíssimo. Eu já consegui muita coisa boa, mas ainda tenho uma vida pela frente, ainda tenho os meus filhos a crescer. Que pena tinha eu de dizer à minha mãe “Sara, a mamã já não tem o rendimento, tens de ir trabalhar para ajudar à vida”. Isso era o mesmo de chegar ao pé de uma planta, que está a florir, e cortá-la pela toca. A minha filha está a estudar, eu posso dar os estudos a ela porque tenho aquele dinheirinho! Mas se eu não tivesse, a minha filha ia ter que ficar em casa para me ajudar, porque o pai não dá para tudo, eu não tenho quem me apoie e além disso eu não posso trabalhar. Ainda se eu trabalhasse e o meu marido, eu ia ter com a assistente social e dizia “venho agradecer-lhe o tempo que recebi o rendimento, mas já não preciso porque estou a trabalhar”. Mas eu olho para mim e penso, como vou trabalhar? Mas quando fui cortada eu fui pedir emprego, eu fui

à fábrica do leite mas o sr. disse “pegar eu pagava, mas e o resto? Se lhe acontece alguma coisa de quem é a responsabilidade?” para ser sincera, as pessoas até acharam estranho eu ter sido cortada do rendimento como tenho este problema, mas regras são regras. Muitas vezes tenho pena das assistentes sociais porque elas estão cumprindo o seu trabalho. Uma vez uma assistente social me disse que quando corta que lhe custava a dormir de noite e eu nunca mais me esqueci disso. Elas sofrem quando nós somos cortadas, agora imagine a gente!

*Então se fosse hoje, voltava a requerer o rendimento...*

Nunca me arrependi porque além do apoio do rendimento eu tenho outros apoios.

*Que apoios?*

Tive o apoio da assistente social, conheci assistentes sociais maravilhosas, nunca me vou esquecer do sorriso delas, da maneira de ser delas. Tenho o apoio das consultas de psicologia. Foi muito importante também haver uma psicóloga porque a gente tem muitos problemas e não sabemos lidar com eles sozinhas. Quantas vezes eu sofri por não ter com quem desabafar. Quando eu tive a psicóloga, sei que ela ficou cansada, mas pus tudo para fora! Foi o mesmo que ir a uma igreja e confessar-me! Eu adoro a Dr.<sup>a</sup> P. Ela mostrou logo interesse, ela ouviu-me, ela respondeu-me, dá-me elogios, ela sabe dar a resposta certa na hora certa. Quando eu tive muito doente, quem é que eu vi à minha porta? A Dr.<sup>a</sup> C. e a Dr.<sup>a</sup> P.! Eu não vi a minha mãe, eu não vi os meus irmãos. Está tudo gravado cá dentro...Se eu não tivesse uma assistente social? Quem é que se importou comigo? “A Maria que vá ao médico!”, quem é que me veio buscar para levar ao hospital? A Dr.<sup>a</sup> C. Quem é que me veio ver quando cheguei do continente? A Dr.<sup>a</sup> P. Até a coordenadora veio a minha casa! Eu senti-me uma pessoa importantíssima. Se eu não tivesse o rendimento, não tinha este apoio todo! Quem é que foi pedir a comida à Sta Casa quando fiquei doente? Eu não esqueço essas coisas...Isso até choca só de falar nisso. As pessoas que recebem o rendimento não têm boca que agradeça. Não há palavras para agradecer. E eu já recebo há 11 anos...

*E durante mais quanto tempo acha que vai precisar de receber o RSI?*

Até as minhas filhas serem grandes. Deus permita que não me tirem o rendimento porque eu dependo muito dele.

*Mas onde é que vai buscar essa sua garra, essa sua energia?*

Temos de deixar as nossas feridas cá dentro e ir para o caminho sempre alegres. Mas muitas vezes não há alegrias, por estar como estou, mas tenho de levar a vida. Sei que não tenho mais cura, por isso tenho de enfrentar. Depois penso, se ou outros pensam bem de mim, como a Dr.<sup>a</sup> P., eu também tenho de pensar! Se os de fora me acham uma pessoa formidável, porque é que eu não me hei-de achar? E é esta força que vem de baixo para cima.

O rendimento deve ter orgulho das pessoas que trabalham nele. A vontade com que os assistentes sociais trabalham! Aquela garra, aquela imaginação, sempre a querer ajudar-nos, sempre a querer dar-nos coisas novas, sempre a querer nos arrastar para as formações, isto para mim é maravilhoso. E nas formações estamos ali todas juntinhas, uma diz uma coisa, outra diz outra, os nossos problemas ali ficam, ali tudo se encerra. Quando chego a casa, nem me lembro do que tinha levado. Nunca nos deixem de lado, ajudem-nos sempre. Façam de nós mais mulheres do que nós somos. Puxem pela gente!

*Acha importante os assistentes sociais puxarem pelos beneficiários?*

Acho muito importante! Se não puxassem por nós, a gente também murchava muito. A flor também não gosta só do sol, ela também gosta de sombra. Puxem também pelos nossos maridos, os nossos filhos, fazer uma formação para as crianças, que eles também gostam. Quando vêm as assistentes sociais eles vêm a correr para casa, com aquela alegria. Até os nossos filhos já reconhecem isso!

*Pensando agora no futuro...que sonhos tem?*

O sonho que tenho é ver os meus filhos crescerem, estudarem, tirarem um curso, para quando eu for mais idosa dizer “o que eu lutei, eu estou vendo”. Vê-los com saúde, com garra, mas eles têm, eles vêm a mãe. Um pai e uma mãe quando não têm amor à vida, as crianças ficam muito tristes.

*E como se vê daqui a 5 anos?*

Já me vejo com 47, mas sinceramente, já me achei mais velha, já me senti mais em baixo. Não sei se é pelas ajudas mas...sinto-me cada vez mais nova! Quero levar a vida de outra maneira. A vida miserável que levei fica para trás!

*Então acha que a sua vida vai continuar a melhorar...*

Vai continuar a melhorar e tem que melhorar! As coisas melhoram depois de querermos. Se a gente quiser e tiver vontade, nada na vida é impossível.

## **E12 - Carmélia**

*Sr.<sup>a</sup> Carmélia vamos começar por falar um pouco da sua infância e adolescência. O que faziam os seus pais para ganhar a vida?*

Os meus pais eram muito pobres. Não tinham com o que viver. Viviam de esmola numa casinha dos meus avós. O meu pai não tinha 3 dedinhos e, já se sabe, eu desde muito nova tive de trabalhar, infelizmente. Éramos uma casa de 8 irmãos. Os mais velhos foram à vida e os mais novos, eu era uma delas, puseram-se a trabalhar. Comecei aos 12 anos na fábrica. Trabalhava de fugida, porque não podia fazer descontos para a caixa. De lá para cá casei, aos 22 anos, comecei a ter filhos, uns em cima dos outros, não tive mais hipóteses de ir trabalhar. Foi o que estava destinado, não estou arrependida.

*Mas então o que faziam os seus pais?*

O meu pai era camponês e a minha mãe era doméstica porque tinha 8 filhos para criar. Não havia ajudas nenhuma. O governo fez muito bem por um lado, mas há pessoas que não sabem aproveitar, não sabem agradecer, e os antigos tinham de trabalhar muito para criar os seus filhos.

*E que ano da escola eles tinham?*

A minha mãe sabia ler, mas não sei qual o ano da escola que ela tinha. O meu pai não sabia ler. Não é que não viesse de um bom pai e de uma boa mãe, mas não havia tanta experiência de escola. Mas era uma pessoa muito digna, um bom pai, uma boa mãe, uns bons pais de família. Nunca soube o que era os meus pais me baterem. Nem com uma

ponta do dedo. A minha mãe era um bocadinho rígida, mas era no falar. Eu fiz igual com os meus filhos, pela criação que tive, porque os pais são os professores dos filhos. As minhas filhas às vezes diziam “a minha mãe é uma antiga” e eu dizia “foi da maneira que tua avó me criou”. Mãe, para ser mãe tem de respeitar os filhos e os filhos respeitar a mãe.

*Mas como se recorda desses momentos da sua infância?*

As minhas recordações foram muito bonitas. A gente éramos 8 irmãos mas dávamos todos bem. Não havia uma ofensa, nada. Brincávamos, comíamos o que Nosso Senhor reparava, tínhamos a nossa hora de tudo e éramos obedientes aos nossos pais. Recordo-me da escola, da catequese, o trabalho, o casamento, criar os meus filhos. Daí para a frente, há momentos bons e momentos maus. Depois dos meus 8 filhos estarem todos grandes, nunca tive a ajuda de ninguém, se não a partir da Márcia. Aí é que eu soube o que era uma coisinha de ajuda. Trabalhei aqui no posto agrícola, duas, três horas, para ajudar a criar os meus filhos, que só o meu marido a trabalhar não dava. Depois o meu marido passou a ser funcionário da Câmara, trabalhava na pedra de lavoura, aí o ordenado já era outro, já era uma coisinha que dava para a gente viver, mas eu continuava a trabalhar. Nosso senhor deu a doença à Márcia e aí já não pude ir trabalhar mais, tinha de acompanhar a minha filha 24h por dia. Comecei a ir a Lisboa duas vezes, hospitais. A minha filha adoece em 1994, em 1995 adoece o meu marido com um tumor da garganta e a minha filha com um tumor na cabeça. A minha filha, ceguinha nesta cama, tinha de me ter a mim. Eu tratava da minha filha e depois ia tratar do meu marido. Quando o meu marido partiu, a minha vida partiu. A minha vida ficou destruída, fiquei sem pernas para andar.

Aí fui pedir à Dr.<sup>a</sup> F. porque só fiquei a receber do meu marido 9 contos e assim não podia viver. Aí a Dr.<sup>a</sup> mandou a Márcia fazer uma pensão e eu fiz. Vivia da pensão dela, mas primeiro era ela e o que crescia era para mim, para a Juliana, para a gente viver o pão-nosso de cada dia. Depois a Márcia faleceu e eu nem tinha dinheiro para o funeral. Por isso, admito. Peguei no dinheiro da pensão que ela ainda recebeu dois meses depois de ter morrido para pagar o funeral. Tive a infelicidade de ser obrigada a dar para trás. Depois fiz o rendimento mínimo.

*Como soube da existência do rendimento?*

Fiquei por 2 anos a pagar a pensão da Márcia, faltam-se só 6 meses. Do rendimento foi assim: uma vez encontrei-me com a Dr.<sup>a</sup> A. para contar-lhe a minha situação e ela disse-me para fazer o rendimento mínimo e eu fiz. Fiquei recebendo quase 200€ o que já era uma ajuda muito boa. Não é muito dinheiro para quem tem muito, mas é oiro para quem tem pouco. A Juliana como casou teve de sair do agregado. Fiquei recebendo só 45€ para ajuda do pagamento da dívida da pensão da Márcia, não tenho ajuda para medicação. Sou diabética e passo crises.

*Há pouco disse-me que saiu da escola com 12 anos para ir trabalhar. Foram os seus pais que o pediram?*

Foi a necessidade que nos obrigou a ir trabalhar. Os meus irmãos mais velhos estavam a fazer as suas vidas e nós, mais novas, é que apanhamos com a crise. Também não era obrigatório ir mais do que a 4ª classe, não é como esses estudos que há hoje em dia e decidi ir trabalhar. Era muito nova, muito pequenina mas fui trabalhar a fazer limpezas. Lavava o galinheiro, dava comida às galinhas, lavava o quintal, areava tachos e tratava da roupa. Depois, com 13 anos, fui para a fábrica do leite, com a minha irmã para dar o sustento aos meus pais e para agente também. Trabalhei lá uns três, quatro anos, porque o meu marido também afogou-me logo, que queria casar.

*E quantos filhos teve?*

Sou mãe de 10, mas morreram-me 3, fiquei com 7. Trabalhei no posto agrícola 18 anos, tinha 20 e poucos quando fui para lá, mas nunca me fizeram descontos para a caixa, porque não tinha ordenado para isso, mas eu dizia ao patrão para, desse pouco, ele tirar um bocadinho para a caixa e o resto ficava para eu ir vivendo, mas ele dizia “o que tu ganhas não dá para nada, o que vou fazer daqui?”. Devia-me ter descontado. Eu também não podia trabalhar a tempo inteiro, porque tinha 8 filhos para ir para a escola, tinha de vir a horas para tratar deles. Era o meu dever de mãe. Mas pronto, depois tive de sair para tomar conta da Márcia. Se não fosse por ela e hoje, por causa dos meus problemas de saúde, acho que estava lá para ganhar qualquer coisinha. É muito triste querermos dinheiro para viver e não ter. O pão-nosso de cada dia é o que não deve faltar, mas é o que nos está a faltar.

*Antes da Sr.<sup>a</sup> beneficiar do RSI, alguma vez teve outros apoios do Serviço de Acção Social?*

Eu tive quando a Márcia era viva. A Dr.<sup>a</sup> F. dava-me 200€ por mês, para mim e para as minhas filhas comerem, que ainda tinha 3 filhos menores. Quando a Márcia teve a sua pensão, fui cortada. Foi direito, era o normal.

*Achou bem?*

Achei, porque não podia estar a receber dos dois lados e a Dr.<sup>a</sup> F. foi uma segunda mãe dos meus filhos, porque com aquele dinheiro é que eles comiam, água, luz, porque eles eram todos pequeninos. A Márcia morreu, fiquei sem nada, só a receber 100€ do meu marido.

*Foi aí que pediu o RSI... como se sentiu quando fez os papéis?*

Senti-me feliz, porque precisava. Ninguém pede sem precisar.

*Nesta altura, quando recebia o rendimento, lembra-se de ter assinado o acordo de inserção?*

Lembro-me sim Sr.<sup>a</sup>.

*Lembra-se das acções que estavam no acordo?*

Ah Sr.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>, não sei. Na altura eu não estava a ver bem porque me faltavam os óculos. Eu assinar assinei, com a Dr.<sup>a</sup> I., mas de resto não me lembro. Lembro-me de assinar com todas as letras um papel amarelo, que estava na secretária da Dr.<sup>a</sup> I., mas o que estava ali eu não li porque não tinha os óculos.

*Mas não lhe explicaram?*

Se explicaram... não vai lá. Se ela explicou não me apercebi, mas assinar assinei.

*O que acha que mudou na sua vida com o rendimento?*

Mudou a minha alimentação, a minha medicação, coisas que hoje em dias me faltam. Mudou-me tudo! Eu tenho uma consulta sexta-feira e não tenho dinheiro para ir para Ponta Delgada porque o que eu recebo do meu marido não dá. Ainda pago ao banco 150€ por mês das obras que fiz na casa. A comida? Não há... O rendimento faz-me muita falta. Dava para comprar a minha medicação e ir vivendo o dia-a-dia.

*E enquanto pessoa, acha que mudou?*

Muito, porque a primeira coisa que ia comprar era a minha medicação, a segunda coisa comprava o meu leitinho e ficava com dinheiro para me ir mantendo, as minhas consultas, porque é preciso ter dinheiro para ir para Ponta Delgada e vir para cima. Mudou tudo!

*Como se sentia por receber o RSI?*

Protegida. Quem sabe viver com o dinheiro, o dinheiro é abençoado. A gente devia agradecer, todos os dias, a Nosso Senhor, ao governo e às pessoas que nos ajudam, porque agora sinto muita falta.

*Então e que opinião tem sobre o RSI?*

É muito importante para quem souber dirigir o dinheiro. É pouco, mas mais vale pouco do que nada, porque com o pouco a gente conta.

*A Sr.<sup>a</sup> sentia-se bem ao receber o rendimento...*

Sentia-me feliz!

*A Sr.<sup>a</sup> já recebeu o rendimento por três vezes. Porque motivos deixou de receber?*

Não tenho explicação. O primeiro foi cancelado porque na altura o meu marido recebia 60 contos. Depois foi por causa da pensão da Márcia. Quando ela morreu, tornei a recorrer ao rendimento. Agora foi porque a Juliana casou. Chorei muito quando me tiraram, porque ainda não tenho idade para fazer a minha pensão. Também já tenho 64 anos, não tenho saúde para trabalhar. Fez-me muita falta.

*Como se sentiu nesses momentos em que foi cancelada?*

Vazia, por completo. Foi um vazio que caiu na minha alma

*Mas acha que foi injusto?*

Injusto... não sei Sr.<sup>a</sup>, as pessoas também fazem o que mandam. Eu andei tanto para ver se me davam, mas pronto, quem manda, manda. Eu fui à presidência do governo pedir uma ajudinha, mas não fui aceite. Fui à Dr.<sup>a</sup> I. e ela disse que não podia fazer nada. Mas pelo menos que me dessem uma coisinha para eu viver, até eu fazer os meus 65 anos.

*E onde foi buscar a sua força para ultrapassar a situação?*

Não muito bem... já não tinha força! Eu não morri, mas pronto...

*Mas de que forma deu a volta à situação?*

De maneira nenhuma. Tive de ir pedir esmola às minhas filhas para comer, mas elas também não têm.

*Mas agora está a receber um apoio para o pagamento da dívida da pensão da Márcia...*

Sim, tenho até Novembro.

*Acha importante as pessoas viverem sem estes apoios?*

Não. Não acho certo as pessoas tão pobres, com tanta dificuldade, como eu passo, tirarem o apoio. Mas a mocidade nova, com tanto rendimento, podres de bêbados, elas é sapatos sobre sapatos, vestidos sobre vestidos, malas sobre malas. Se o rendimento é dado para os filhos comerem, como é que elas podem fazer aquilo? Não podem! E os velhinhos, com reformas pequeninas, como é o meu caso, a morrer de fome. Eu morro de fome porque as minhas filhas não têm para me dar! Deviam fazer assim: aquele que tem 50, passa a ter 20, aquela tem 60, passa a ter metade. Se somos todos humanos porque é que todos não temos uma coisinha para viver? Tiraram-me tudo! Sr.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>, eu não sou um bicho, eu sou humana! Todo o ser humano tem direito à vida.

*Das vezes que deixou de contar com o rendimento, como se sentiu quando voltou a fazer os papéis?*

Eu pensei “vou tentar a minha sorte”. O que está passado, está passado, não havia de ser tudo ruim. Se eu fui aceite das primeiras vezes, que foram fases tão custosas, esta ainda era a dobrar. Tentei e recebi. Fiquei muito feliz e fui agradecer à Dr.<sup>a</sup> A. e à Dr.<sup>a</sup> I. Depois quando me tiraram eu não tinha nada para dizer, o que havia de dizer? As pessoas são mandadas, também têm os seus deveres, as suas obrigações e elas é que estão na frente.

*Agora a Sr.<sup>a</sup> está um pouco na expectativa, à espera dos 65 anos para ter a sua reforma...*

Não sei se chego lá... sem alimentação, sem medicação, já me estão faltando as pernas.

*Pensando um pouco no futuro, que sonhos tem?*

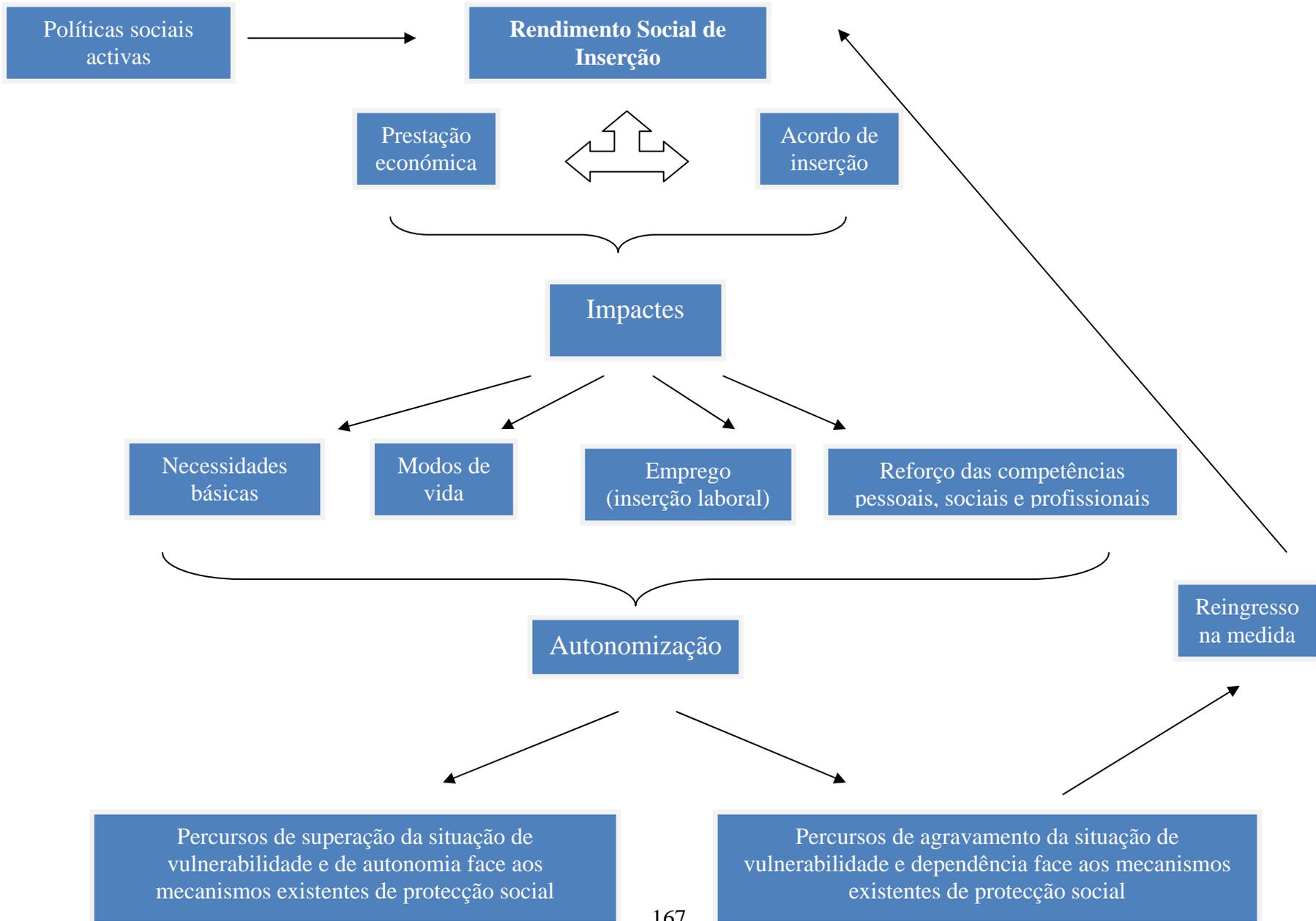
Não sei. Já tenho 64 anos, qual é o futuro que vou ter? É cova para me enterrar.

*Mas acha que a sua vida vai melhorar?*

A minha vida não pode melhorar, porque não tenho possibilidades nenhuma.

# **ANEXO V**

**(Esquema do argumento da tese)**



**ANEXO VI**  
**(Quadros referentes à abordagem  
extensiva)**

### 1. Distribuição dos titulares por ramo de actividade

	Frequência	Percentagem
<b>Valid</b>		
Sem dados	2	5,5
Agricultura	2	5,5
Comércio	1	2,8
Construção e Obras Públicas	13	36,1
Indústrias	3	8,3
Lavoura	3	8,3
Pesca	2	5,2
Serviços de Saúde	1	2,8
Serviços Pessoais e Domésticos	10	27,8
<b>Total</b>	<b>36</b>	<b>100,0</b>

### 2. Distribuição dos titulares por natureza do trabalho e tipo de vínculo

	Frequência	Percentagem
<b>Valid</b>		
Sem dados	77	83,7
Contrato termo certo	4	4,3
Efectivo	3	3,3
Sem vínculo contratual	2	2,2
Trab. conta outrem	4	4,3
Trab. conta própria	3	3,3
<b>Total</b>	<b>92</b>	<b>100,0</b>

### 3. Distribuição do nº de adultos por agregado familiar

	Frequência	Percentagem
<b>Valid</b>		
Sem dados	1	1,1
1	20	21,7
2	47	51,1
3	12	13,0
4	9	9,8
5	3	3,3
<b>Total</b>	<b>92</b>	<b>100,0</b>

#### 4. Distribuição do nº de filhos por agregado familiar

	Frequência	Percentagem
<b>0</b>	23	25,0
<b>1</b>	18	19,6
<b>2</b>	18	19,6
<b>3</b>	18	19,6
<b>Valid 4</b>	8	8,7
<b>5</b>	4	4,3
<b>6</b>	2	2,2
<b>7</b>	1	1,1
<b>Total</b>	92	100,0

#### 5. Regime de ocupação da habitação

	Frequência	Percentagem
<b>Sem dados</b>	16	17,4
<b>Amigos</b>	1	1,1
<b>Arrendada</b>	6	6,5
<b>Arrendada (Habitação Social)</b>	9	9,8
<b>Valid Cedida</b>	2	2,2
<b>Familiares</b>	17	18,5
<b>Herdeiros</b>	1	1,1
<b>Ocupada</b>	2	2,2
<b>Própria</b>	38	41,3
<b>Total</b>	92	100,0

#### 6. Tipo de habitação

	Frequência	Percentagem
<b>Sem dados</b>	18	19,6
<b>Anexo de casa</b>	1	1,1
<b>Barraca</b>	1	1,1
<b>Valid Casa unifamiliar</b>	68	73,9
<b>Parte de casa</b>	2	2,2
<b>Quarto</b>	2	2,2
<b>Total</b>	92	100,0

### 7. Estado de conservação da habitação

		<b>Frequência</b>	<b>Percentagem</b>
	<b>Sem dados</b>	17	18,5
	<b>Bom</b>	32	34,8
<b>Valid</b>	<b>Degradada</b>	20	21,7
	<b>Razoável</b>	23	25,0
	<b>Total</b>	92	100,0

### 8. Motivos do requerimento

		<b>Frequência</b>	<b>Percentagem</b>
	<b>Sem dados</b>	58	63,0
	<b>Ausência Rendimentos</b>	7	7,6
<b>Valid</b>	<b>Endividamento</b>	2	2,2
	<b>Insuficiência rendimentos</b>	24	26,1
	<b>Problemas de saúde</b>	1	1,1
	<b>Total</b>	92	100,0

### 9. Distribuição das áreas de inserção por número de requerimentos

	<b>1º Req.</b>	<b>2º Req.</b>	<b>3º Req.</b>	<b>4º Req.</b>	<b>5º Req.</b>	<b>Total</b>
<b>Ação Social</b>	21,6	22,6	16,6	28,6	16,6	21,2
<b>Habitação</b>	9,0	9,4	16,6	14,3	0,0	9,9
<b>Educação</b>	26,1	22,6	16,6	28,6	16,6	22,1
<b>Emprego</b>	9,9	13,2	16,6	0,0	33,3	14,6
<b>Formação profissional</b>	0,0	1,9	0,0	0,0	0,0	0,4
<b>Saúde</b>	17,11	30,2	33,3	28,6	33,3	31,9
<b>Nº de acções</b>	111	53	6	7	6	100,0

# **ANEXO VII**

**(Descrição individual das trajetórias  
de vida dos entrevistados)**

## DESCRIÇÃO INDIVIDUAL DAS TRAJECTÓRIAS DE VIDA DOS ENTREVISTADOS

### - Filipa (E1) -

Possui, actualmente, 25 anos, é casada há 9 anos e tem três filhos. As dificuldades económicas, por um lado, os momentos vividos na escola e a existência de uma boa relação familiar, por outro, marcam as suas representações do passado. Relativamente à sua trajectória escolar, interrompeu a escolaridade aos 15 anos por gravidez, tendo completado o 7º ano.

O requerimento de RSI marca o primeiro contacto com o SAS. Ocorre aos 16 anos, após ter casado, dada a insuficiência de rendimentos de trabalho do marido face às despesas domésticas. Enquanto beneficiária, reconhece ter assinado o acordo de inserção, embora desconheça que acções o compõem. Refere, no entanto, os impactes que o RSI teve na sua vida ao nível da identidade e consumo. O RSI tem, para Filipa, a conotação de prestação, funcionando como complemento dos rendimentos familiares. O estatuto de beneficiária acarretou a experiência de sentimentos ambivalentes: sentimento de bem-estar face à autenticidade das necessidades sentidas e sentimento de mal-estar face à crítica social existente.

Quatro anos após o requerimento, ocorre a cessação da prestação por rendimentos superiores, na sequência da integração de Filipa no mercado de trabalho. Este momento é vivenciado de forma positiva, sendo o trabalho, a fé e o endividamento as estratégias adoptadas para reorganização de vida. Apresenta uma trajectória profissional marcada por um percurso de emprego-desemprego, tendo trabalhado como repositora e empregada doméstica. Trabalha, actualmente, como operária fabril, estando efectiva.

No entanto, a manutenção das dificuldades económicas, nomeadamente pelo elevado encargo com a habitação (pagamento de renda), apesar do desempenho de actividade laboral pelo casal, determinou a realização de novo requerimento de RSI em Junho de 2009, aguardando despacho do mesmo.

O futuro é encarado de forma investida, com optimismo e esperança.

### - Iva (E2) -

Possui, actualmente, 30 anos, é casada há 2 anos, sem filhos. Recorda de forma positiva a infância, embora existissem alguns conflitos com o pai. Menciona que nunca passou por dificuldades económicas. Relativamente à sua trajectória escolar, interrompeu a escolaridade aos 17 anos por imposição parental, tendo completado o 6º ano.

O requerimento de RSI marca o primeiro contacto com o SAS. Ocorre aos 21 anos, aquando do seu regresso do Canadá, local onde permaneceu dois anos, trabalhando como costureira e empregada de limpeza. Iva efectua o requerimento pelo desejo em frequentar um curso de formação destinado, apenas, a beneficiários de RSI (conotação inserção – suporte à trajectória de inserção) e devido a problemas de saúde (conotação prestação – complemento de rendimentos).

Embora não tenha assinado acordo de inserção, refere os impactes do RSI ao nível da identidade, saúde, educação/formação profissional. O estatuto de beneficiária acarretou a experiência de sentimentos ambivalentes: sentimento de protecção, por um lado, sentimento de injustiça e constrangimento face à

existência de outros indivíduos com mais dificuldades do que a própria, por outro. Iva faz, ainda, a distinção entre os “bons” e “maus” pobres, caracterizando estes últimos pela má gestão que fazem da prestação.

Enquanto beneficiária de RSI, completa curso de corte e costura e ingressa em curso de formação profissional de empregada administrativa, aos 24 anos, tendo completado o 9º ano. A cessação da prestação ocorre pouco tempo depois, por falta a uma convocatória. Iva sente-se bem, na medida em que iria beneficiar de bolsa de formação, além dos rendimentos que já possuía como costureira.

A intermitência entre emprego e desemprego marca a sua trajectória profissional após a cessação da prestação. Verifica-se que Iva trabalhou como repositora durante 6 meses, ficou desempregada 4 meses, posteriormente trabalhou como ajudante de lar durante 2 anos, tendo ficado desempregada mais 3 meses. Actualmente trabalha numa empresa de limpeza, com contrato a termo certo por três meses.

O futuro é encarado de forma investida, com optimismo e esperança.

### **- Fernando (E3) -**

Possui, actualmente, 51 anos, é casado há 28 anos e tem 3 filhos. As dificuldades económicas e a existência de uma boa relação familiar marcam as suas representações do passado. Relativamente à sua trajectória escolar, concluiu a escolaridade obrigatória (4º ano) aos 11 anos. Inicia a sua trajectória profissional aos 9 anos como distribuidor de gás. Dos 11 aos 15/16 anos trabalha como distribuidor de pão e depois inicia actividade profissional como carpinteiro, ofício que mantém até hoje, sob a forma de trabalhos pontuais e sem vínculo contratual. A idade é apontada como o motivo subjacente à situação de precariedade laboral em que se encontra.

O requerimento de RSI marca o primeiro contacto com o SAS. Ocorre aos 39 anos por insuficiência de rendimentos, face à situação de desemprego de Fernando. O RSI tem a conotação de prestação, entendido como um complemento de rendimentos, que deverá ser atribuído apenas aos considerados “merecedores”, face às dificuldades sentidas. À condição de assistido está associado um sentimento de bem-estar face à visão de si como “merecedor”.

Embora não tenha assinado acordo de inserção, refere os impactes do RSI ao nível do consumo, educação/formação profissional (integração da esposa no ensino recorrente; escolarização dos filhos) e habitação (obras de beneficiação).

A cessação ocorre aos 46 anos por rendimentos superiores (bolsa de formação profissional do filho), embora Fernando desconheça o motivo pelo qual deixou de beneficiar de RSI, o que originou sentimentos de injustiça e mal-estar face à situação. A fé, o apoio do banco alimentar e o trabalho são apontadas como as principais fontes de resiliência e estratégias de reorganização de vida.

O futuro é encarado de forma desesperançada e resignada.

### **- José (E4) -**

Possui, actualmente, 50 anos, é casado há cerca de 20 anos e tem 5 filhos: 3 de um primeiro casamento; 1 filho fruto de um relacionamento fugaz e 2 filhos deste segundo casamento, sendo um deles

adoptivo. As dificuldades económicas e o facto de não viver com os pais (vivia com uma avó) marcam as suas representações do passado. Relativamente à sua trajectória escolar, interrompeu a escolaridade aos 12 anos para ingressar no mercado de trabalho, tendo completado o 6º ano. Inicia, assim, a sua trajectória profissional como ajudante de canalizador. Posteriormente, trabalhou 18 anos como pedreiro. Refere que aos 31 anos já trabalhava por conta própria. No entanto, na sequência de um acidente, fica paraplégico aos 36 anos. A partir do acidente, trabalhou como condutor até ao ano 2000, altura em que, na sequência de uma intervenção cirúrgica muito delicada, deixou de exercer actividade profissional.

O requerimento de RSI marca o primeiro contacto com o SAS. Ocorre aos 39 anos, dada a situação de insuficiência de rendimentos em que se encontrava, na medida em que os rendimentos de trabalho do casal eram insuficientes para fazer face às despesas domésticas. O RSI tem, assim, a conotação de prestação, funcionando como complemento dos rendimentos familiares. À condição de assistido está associado um sentimento de bem-estar, embora José manifeste a sua insatisfação pelo montante auferido. Quanto aos impactes da medida, destaca apenas a influência do RSI ao nível do consumo.

A cessação da prestação ocorre aos 45 anos, na medida em José é detido, durante um ano, por tráfico de estupefacientes. A esposa efectua novo requerimento de RSI e, durante os três meses em que aguardam despacho do processo, beneficiam de apoio ao nível da Acção Social. Desde então, continuam a beneficiar da medida.

O futuro é encarado de forma resignada, embora optimista quanto à manutenção da condição de beneficiário.

#### **- Lurdes (E5) -**

Possui, actualmente, 51 anos, enviuvou há 15 anos (casamento de 15 anos) e foi mãe de 5 filhos, tendo uma filha já falecido.

As dificuldades económicas e o ingresso precoce no mercado de trabalho marcam as suas representações do passado. Relativamente à sua trajectória escolar, completou a escolaridade aos 11 anos (5º ano), referindo que não gostava muito da escola. Iniciou a sua trajectória profissional aos 10 anos como apanhadeira de chá, actividade que desempenhou um ano. Posteriormente, trabalhou 10 anos na fábrica do linho. Interrompe o seu percurso profissional aquando do casamento e nascimento dos filhos, retomando aquando do falecimento do marido.

Antes de requerer RSI já beneficiava de apoio ao nível da medicação pela Acção Social. O ingresso na medida ocorre aos 39 anos pela situação de monoparentalidade, na sequência de viuvez. Predomina um sentimento de bem-estar face à condição de beneficiária, dada a autenticidade das dificuldades sentidas. O RSI assume a conotação de prestação, como complemento dos rendimentos familiares.

Lurdes desconhece ter assinado o acordo de inserção, embora o tenha feito. Quanto aos impactes do RSI, destaca a existência de efeitos ao nível da identidade, consumo, educação/formação profissional (integração ensino recorrente); emprego e habitação (obras de beneficiação/realojamento). Lurdes faz,

ainda, a distinção entre os “bons” e “maus” pobres, caracterizando estes últimos pela má gestão que fazem da prestação.

A cessação ocorre aos 46 anos, por rendimentos superiores, na sequência da integração no mercado de trabalho como cuidadora de um idoso. A este momento estão associados sentimentos de raiva e revolta. O trabalho e a fé constituem-se como fontes de resiliência e estratégias de reorganização de vida. Após a cessação, Lurdes trabalhou como cuidadora de um idoso durante um ano e desde 2005 que trabalha como auxiliar de limpeza, desconhecendo a existência e/ou termo do seu contrato.

Embora não tenha reingressado na medida, Lurdes refere que seria importante continuar a receber o RSI na actualidade.

O futuro é encarado de forma desesperançada e resignada.

### **- Graça (E6) -**

Possui, actualmente, 41 anos, vive em união de facto há 13 anos e tem 2 filhos. Apesar das dificuldades económicas, recorda de forma positiva da infância, nomeadamente os momentos em família. Relativamente à sua trajectória escolar, completou o 4º ano, interrompendo a escolaridade por se sentir discriminada socialmente, apesar do bom aproveitamento escolar.

Inicia a sua trajectória profissional pelos 16 anos, como empregada doméstica e como empregada de mesa. Aos 20 anos vai para Portalegre, onde trabalha como auxiliar durante seis meses e meio. A partir daí, possui experiências sucessivas de emprego e desemprego como empregada de limpeza.

O requerimento de RSI marca o primeiro contacto com o SAS. Efectua o 1º requerimento aos 29 anos, dada a situação de desemprego do casal. Atribuem ao RSI uma conotação de inserção, encarando a medida como substituto de subsídio de desemprego. Aos 34 anos vê cessada a prestação, por incumprimento do acordo de inserção. Reingressa à medida um ano depois, por estar desempregada. À condição de beneficiário está associada a vivência de sentimentos de humilhação e mal-estar, na medida em que o RSI é encarado como “uma esmola” e uma obrigação, face à situação de desemprego. Critica a medida por incentivar ao ócio e afastamento do mercado de trabalho os mais jovens.

A cessação do requerimento em análise (2º) ocorre aos 36 anos por rendimentos superiores, dado que Graça iniciou actividade profissional. Aos 39 anos volta a requerer a medida por nova situação de desemprego do casal, tendo a prestação sido cessada um ano depois, em 2008, por nova reintegração do casal no mercado de trabalho.

Face às três cessações da prestação, identifica o trabalho como única fonte de resiliência e estratégia de reorganização de vida.

Graça relembra a assinatura do acordo de inserção e identifica as acções do mesmo, referindo a importância que algumas delas tiveram no seu percurso de inserção. Assim, refere os impactes que o RSI trouxe ao nível do consumo, dinâmica familiar (melhorias ao nível do relacionamento conjugal); educação e formação profissional (integração em curso profissional de empregada de andares, com equivalência ao 6º ano); emprego (iniciou actividade profissional como empregada de andares, na sequência do curso); habitação (reajustamento), destacando a importância do acompanhamento social em todo o processo.

O futuro é encarado de forma investida, embora desesperançada.

**- Mariana (E7) -**

Possui, actualmente, 39 anos, está casada há 16 anos, com 2 filhos. Recorda a infância de forma dual: por um lado, a vivência de dificuldades económicas, o ingresso precoce no mercado de trabalho e ausência de actividades lúdicas, por outro lado, o namoro e os momentos em família. Relativamente à sua trajectória escolar, completou o 3º ano, interrompendo a escolaridade aos 12 anos por insucesso escolar. Inicia, assim, a sua trajectória profissional como empregada doméstica, actividade que desempenhou durante 10 anos, interrompendo-a aquando do casamento e nascimento dos filhos.

Antes de beneficiar de RSI já tinha contado com apoio ao nível da Acção Social para aquisição de mobiliário. O requerimento de RSI ocorre aos 30 anos, pela situação de desemprego do marido de Mariana e pelo facto desta assegurar os cuidados aos filhos. O RSI tem, portanto, uma conotação como prestação, encarado como um subsídio social por trabalho familiar. À condição de beneficiário está associado um sentimento de bem-estar e felicidade. Embora reconheça a existência de acordo de inserção, desconhece as acções acordadas.

A cessação da prestação ocorre aos 34 anos, desconhecendo o motivo da mesma. A este momento estão associados sentimentos de tristeza. O ingresso do casal no mercado de trabalho, o apoio familiar e a atribuição de banco alimentar foram as estratégias utilizadas para reorganização de vida. Assim, após a cessação, Mariana trabalhou um ano como empregada doméstica e como cuidadora de uma idosa e o marido iniciou actividade por conta de outrem como camponês.

Reingressa na medida 2 anos depois, na sequência de desemprego do marido e da indisponibilidade de Mariana para o trabalho (não comprovada clinicamente), na sequência de um acidente doméstico que provocou lesões cutâneas. Actualmente, o marido continua desempregado e a frequentar projecto de formação em exercício.

Mariana destaca a importância do RSI como uma “ajuda” para os indivíduos afastados do mercado de trabalho por motivos de saúde, comparando com o seu caso pessoal. Salienta os impactes do RSI ao nível da identidade, consumo, dinâmica familiar, educação/formação profissional e habitação.

O futuro é encarado de forma desesperançada e resignada.

**- Isabel (E8) -**

Possui, actualmente, 29 anos, separada, com dois filhos. Recorda a infância de forma dual: por um lado, a vivência de dificuldades económicas e a existência de alguns episódios de maus-tratos por parte do pai, por outro lado, o desempenho das actividades domésticas com dedicação e empenho, bem como os momentos em família. Relativamente à sua trajectória escolar, completou o 4º ano, interrompendo a escolaridade aos 13 anos por imposição parental. Inicia, logo, actividade profissional como empregada doméstica até aos 19 anos, tendo posteriormente trabalhado como empregada de limpeza e de mesa-bar.

Ao nível familiar, casou pela primeira vez aos 19 anos, relação que durou 2 anos. Aos 21 casa pela segunda vez, separando-se aos 26 anos. Possui dois filhos, um de cada casamento.

O requerimento de RSI marca o primeiro contacto com o SAS, que ocorre aos 20 anos pela vivência de uma situação de insuficiência de rendimentos, dado que Isabel trabalhava como empregada doméstica e o marido (1º casamento) encontrava-se internado por problemas do foro mental. A cessação deste 1º requerimento ocorre dois anos depois, por não terem sido fornecidos todos os meios legais de prova.

O 2º requerimento (requerimento em análise) acontece em 2003, dada a insuficiência de rendimentos familiares pela situação de desemprego do marido de Isabel (2º casamento), tendo a prestação sido cessada em 2004 por não comunicação de alteração de residência, embora Isabel faça referência que deixou sempre de beneficiar da prestação por estar a trabalhar.

Efectua, ainda, mais três requerimentos em 2005, 2006 e 2008. O requerimento de RSI surge, nestes momentos, como substituto de subsídio de desemprego, pelo que assume a conotação de inserção. À condição de beneficiária está associados sentimentos de inutilidade e mal-estar, na medida em que se identifica como trabalhadora e não como assistida, embora fique satisfeita ter um mínimo de subsistência nos períodos de desemprego.

Isabel reconhece ter assinado o acordo de inserção, identificando as acções que o compõem. Destaca a importância do RSI, nomeadamente por ter proporcionado a sua integração em projecto de formação em exercício enquanto esteve desempregada. Refere os impactes do RSI ao nível da identidade, consumo, educação/formação profissional.

Os momentos de cessação da prestação caracterizam-se por uma ambivalência de sentimentos: satisfação, por um lado, por ter iniciado actividade profissional, desprotecção, por outro. O trabalho e gestão eficiente dos recursos económicos surgem como as estratégias de reorganização de vida utilizadas.

Actualmente, Isabel ainda beneficia de RSI, mas como iniciou actividade profissional como empregada de limpeza por três meses, aguarda que a prestação seja cessada.

O futuro é encarado de forma investida, com optimismo e esperança.

#### **- Alberto (E9) -**

Possui, actualmente, 50 anos, é casado há 26 anos e possui cinco filhos. Do passado, recorda que, embora existissem dificuldades económicas, não passavam por privações ao nível da alimentação. O ingresso precoce no mercado de trabalho marca a sua visão da infância. Relativamente à sua trajectória escolar, completou o 6º ano, interrompendo a escolaridade aos 13 anos por imposição parental (ingresso no mercado de trabalho). No entanto, iniciou a sua trajectória profissional aos 7 anos na agricultura e lavoura, embora continuasse na escola até aos 13 anos, tendo trabalhado com o pai durante 24 anos. Posteriormente, trabalhou 3 anos por conta de outrem como tratador de gado. Findo este período, estabelece-se por conta própria durante 4 anos. No entanto, acaba por voltar a trabalhar por conta de outrem, estando na firma em que actualmente trabalha há 12 anos, encontrando-se efectivo.

O requerimento de RSI marca o 1º contacto com o SAS e ocorre aos 40 anos para fazer face à insuficiência de rendimentos com que se deparavam, pois apenas Alberto desempenhava actividade

profissional remunerada. O RSI assume a conotação de prestação, de salário social por trabalho familiar (esposa). A medida é encarada como uma “esmola” e como um incentivo ao ócio e afastamento do mercado de trabalho. À condição de beneficiário estão associados sentimentos de humilhação e mal-estar.

Embora não tenha assinado acordo de inserção, o RSI acarretou impactes ao nível do consumo e dinâmica familiar, por ter proporcionado uma melhor educação dos filhos, na medida em que a esposa de Alberto podia assegurar os seus cuidados e educação, sem ter de trabalhar.

A cessação da prestação ocorre aos 46 anos, por rendimentos superiores (bolsa de formação do filho). A este momento estão associados sentimentos de bem-estar e alívio. O trabalho, a poupança e a gestão eficiente dos recursos económicos foram as estratégias adoptadas de reorganização de vida. Por outro lado, aquando da entrada da filha no ensino superior (logo após a cessação da prestação) a esposa de Alberto iniciou actividade profissional como auxiliar no centro de saúde (1 ano) e como costureira (1 ano). Actualmente recebe subsídio de desemprego. No entanto, deixa bem claro que a entrada no mercado de trabalho nada teve a ver com a cessação da prestação, mas sim com o aumento das despesas domésticas em virtude da entrada das filhas no ensino superior.

O futuro é unicamente vivido de forma investida em relação aos filhos. Alfredo encara o seu próprio futuro de forma desesperançada.

#### **- Verónica (E10) -**

Possui, actualmente, 28 anos, é casada há 12 anos e possui 4 filhos. Do passado, recorda que não existiam dificuldades económicas, embora frequentasse a lixeira em busca de brinquedos, o que marcou a visão da sua infância, bem como a prestação de apoio à mãe nas tarefas domésticas e cuidados a irmãos, o que esteve na origem da sua interrupção da escolaridade aos 12 anos, tendo concluído o 1º ano (insucesso escolar). Verónica nunca ingressou no mercado de trabalho, em virtude da prestação de cuidados, quer aos irmãos, quer, posteriormente, aos filhos.

O requerimento marca o 1º contacto com o SAS e ocorre aos 20 anos por insuficiência de rendimentos, dado que o marido é o único a desempenhar actividade profissional remunerada. O RSI assume, assim, a conotação de prestação, considerado salário social por trabalho familiar, sendo importante para a educação das crianças. À condição de beneficiária está associado um sentimento de bem-estar.

A cessação da prestação ocorre aos 24 anos, por não entrega de documentação. A este momento estão associados sentimentos de mal-estar e desânimo. A gestão eficiente e poupança dos recursos económicos disponíveis foram as estratégias utilizadas para fazer face à situação. No entanto, logo após a cessação efectua novo requerimento, beneficiando de RSI até à data.

Verónica reconhece a existência de acordo de inserção, embora consiga identificar apenas uma acção (vacinação). Destaca os impactes do RSI ao nível do consumo, educação e formação profissional (integração em formação em exercício) e habitação (realojamento).

O futuro é encarado de forma desesperançada e resignada, sendo bastante evidente a dependência em relação aos serviços.

### **- Maria (E11) -**

Possui, actualmente, 43 anos, casada há 16 anos, com 3 filhos. Do passado, recorda de forma positiva os momentos em família, embora destaque as dificuldades económicas associadas à prática de mendicidade como determinantes na experiência de sentimentos de angústia e incerteza face ao futuro. Relativamente à trajectória escolar, interrompeu a escolaridade aos 13 anos para ingresso no mercado de trabalho, tendo completado o 6º ano. Iniciou, assim, actividade profissional como camponesa, actividade que desempenhou até aos 35 anos, altura em que ficou indisponível para o trabalho por motivos de saúde.

O requerimento de RSI marca o primeiro contacto com o SAS e ocorre aos 32 anos pela vivência de uma situação de insuficiência de rendimentos, uma vez que o marido não contribuía para as despesas domésticas (problemas de alcoolismo e violência doméstica).

A cessação da prestação ocorre aos 38 anos, na sequência do marido se ter recusado a declarar rendimentos de trabalho. A este momento estão associados sentimentos de tristeza e desânimo, pelo que efectuaram novo requerimento e três meses depois beneficiaram, novamente, do RSI. Durante estes três meses, a poupança e gestão eficiente dos recursos económicos e a reclamação da decisão foram as estratégias de reorganização de vida adoptadas.

Maria reconhece a existência de acordo de inserção e identifica todas as acções do mesmo, destacando a importância das mesmas no seu percurso de vida. Destaca os impactes do RSI ao nível da identidade (melhoria auto-estima), consumo, educação/formação profissional (frequência de formações de competências pessoais e sociais); dinâmica familiar (superação problema de alcoolismo do marido e violência doméstica), emprego (venda de alguns trabalhos manuais) e habitação (realojamento).

O RSI é, para Maria, encarado com a conotação de inserção, como suporte à trajectória de inserção. À condição de beneficiária estão associados sentimentos de bem-estar, pelo acompanhamento social subjacente ao RSI e sentimentos de mal-estar pela crítica social de que os beneficiários desta medida são alvo.

O futuro é encarado de forma investida, com optimismo e esperança.

### **- Carmélia (E12) -**

Possui, actualmente, 64 anos, viúva há 10 anos, após um casamento de 32 anos. É mãe de 10 filhos, embora 3 já tenham falecido. Recorda a infância de forma positiva, apesar da vivência de dificuldades económicas. Relativamente à trajectória escolar, interrompeu a escolaridade aos 12 anos para ingresso no mercado de trabalho, tendo completado o 4º ano. Iniciou, assim, actividade profissional como empregada doméstica, durante 1 ano, tendo trabalhado, posteriormente, como operária fabril até ao momento do casamento. Após uma interrupção de 9 anos, Carmélia reingressa no mercado trabalho, trabalhando 18 anos no posto agrícola. Deixou de trabalhar em 1994 para prestação de cuidados a filha e marido, por motivo de doença.

O 1º requerimento de RSI ocorre em 1997, aos 52 anos, por insuficiência de rendimentos, dado que dispunham apenas dos rendimentos de trabalho do marido de Carmélia. A cessação da prestação ocorre pelo falecimento do marido, em 1999. Beneficia de apoio económico pela Acção Social neste

período. Em 2002, efectua novo requerimento face à situação de monoparentalidade, por viuvez. No entanto, a prestação é cessada dois anos depois por rendimentos superiores, aquando do falecimento da filha. A insuficiência de rendimentos com que se depara origina a realização do 3º requerimento em 2007, cuja cessação ocorre em 2009 por rendimentos superiores, na sequência da exclusão de uma filha do agregado familiar. Os momentos da cessação são vividos de forma negativa, com um sentimento de injustiça face à existência de casos de beneficiários mais jovens que não gerem de forma adequada a prestação.

Carmélia reconhece a existência de acordo de inserção, embora não consiga identificar as acções acordadas. Quanto aos impactes do RSI destaca ao nível da saúde e consumo. A condição de beneficiária esteve sempre associado um sentimento de bem-estar, felicidade e protecção face à autenticidade das dificuldades sentidas. O RSI assume a conotação de prestação, encarado como uma pré-reforma social. A manutenção das dificuldades sentidas, faz com que o RSI continue a ser importante para Carmélia, embora não veja reconhecido o direito à prestação.

O futuro é encarado de forma desesperançada e resignada.

# **ANEXO VIII**

**(Dados da análise de conteúdo das entrevistas)**